



CAMILLO CASTELLO-BRANCO

---

# PERFIS BIOGRAPHICOS

---

O VISCONDE DE OUGUELLA  
D. ANTONIO ALVES MARTINS  
GENERAL CARLOS RIBEIRO

---



---

LIVRARIA CHARDRON, de Lello & Irmão,  
E.da, edit. — Rua das Carmelitas, 144 — Porto

BIBLIOTECA NACIONAL FEDERAL  
Este volume foi registrado  
sob o nº \_\_\_\_\_  
em \_\_\_\_\_ ano de \_\_\_\_\_



Porto — Artes Graficas

920 (469)

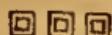
# COLECCÃO LUSITÂNIA

CAMILLO CASTELLO BRANCO

PERFIS BIOGRAPHICOS

Q. VISCONDE DE OUGUELLA, D. ANTONIO  
LIVRES MARTINS, GENERAL, CARLOS RIBEIRO

# Colecção Lusitânia



Esta colecção, de que já estão publicados 51 volumes, é a mais selecta, económica e elegante de quantas se têm editado em português, e destina-se a vulgarizar, não só as obras primas da litteratura pátria, como também, em cuidadosas traduções, as melhores da litteratura estrangeira.

Possuir a Colecção Lusitânia completa o mesmo é que possuir uma pequena biblioteca.



## O Visconde de Ouguella



À

Illustrissima e Excellentissima Senhora

Viscondessa de Ouguella

Offerece

com reverente amizade e entranhada gratidão

Camillo Castello Branco.





O « *Diario de Noticias* » de 16 de novembro de 1872 conta, em linguagem singela, um lance que tem grandeza na expressão silenciosa das lagrimas dos pobres.

Diz assim :

Quando veio a ultima leva de presos da relação do Porto para o Lincoeiro, mais de trinta mulheres que os acompanhavam choravam a sua sorte, e a de seus filhos, e maridos ou irmãos, e lastimavam-se por terem fome, pois haviam vindo toda a viagem sem alimento algum. A senhora viscondessa de Ouguella, que vinha descendo dos quartos, onde seu marido está preso, vendo aquelle infortunio, mandou dar uma farta esmola a essas desgraçadas para alimentos, e pousada, e a algumas para ajuda das despezas no regresso ás terras de sua naturalidade.

Em nome d'aquelles filhos, e maridos, e irmãos degradados, esqualidos e famintos ; -- em nome d'aquellas mulheres afflictas que chamavam irmãos, filhos, e maridos a esses desgraçados sem culpa de haverem nascido, deponho aos pés de

V. Ex.<sup>a</sup> este livro, se ha n'elle, sequer, um pensamento que descondense a tristeza escura que envolve a alma de V. Ex.<sup>a</sup> tão exercuciada por angustias de mãe e esposa.

Eu não me afoitaria a solicitar de V. Ex.<sup>a</sup> a mercê de me aceitar esta dedicatória, se houvesse maculado o livro com uma pagina arditosa.

Não pude dizer da nobre alma do visconde de Ouguella quanto V. Ex.<sup>a</sup> sabe. Creio até que ha infelizes e ha ingratos que sabem mais do que eu das virtudes d'elle, cuja affabilidade do viver intimo revelou-m'a V. Ex.<sup>a</sup> no silencio doloroso com que a vi contemplal-o no carcere.

A compensação das amarguras de hoje, minha Senhora, ha-de dar-lh'a a sociedade, quando o visconde de Ouguella, esquecendo o ultraje de antigos amigos e inimigos novos, voltar ao altar das idéas sacrosantas com as vestes impollutas do sacerdocio que tão egregiamente exercitou.

Porto, 2 de dezembro de 1872.



## PREFACIO

---

Relembra tudo que é da infancia quando a vida nos vai no cabo. Á beira do tumulo vem as saudades do berço. Compraz-se ahí a alma lagrímosa em se andar a despedir amorosamente das nubelosas imagens que se lhe refulgem com o alvor das primeiras primaveras.

A meu lado, no banco da escola de primeiras letras, em Lisboa, por 1834, sentavam-se dois meninos, filhos de um amigo de meu pai. Estou vendo, além, para lá da cerração de trinta e oito annos; aquellas duas creanças loiras e formosas, pedindo comnigo a Deus que nosso mestre, o snr. João Ignacio Luiz Minas Junior fôsse para a guerra.

Por que o nosso professor era guerreiro por aquelles tempos. Com uma das mãos na palmatoria e outra na espingarda, acudia pelo decoro

do Lobato e pela restauração da monarchia representativa. Nas batarias do campo de Ourique devia de ser um bravo João Ignacio ; e, no gynecceu modestissimo da rua dos Calafates, era um apaixonado fautor da religião do participio, e das outras não menos respeitaveis partes da oração. Isto vai ha muitissimos annos : era n'um tempo em que se aprendia syntaxe.

Dos dois meus condiscipulos um chamava-se Carlos, o mais novo dos dois, que tinha então seis annos.

D'aquella creança estou bosquejando hoje um perfil de biographia. Vai n'isto o que quer que seja para scismar e entristecer. É a poesia melancolica — o funesto condão dos homens que vivem muito da vida intuspectiva.

N'aquelle anno de 1834 nos apartamos. Meu pai morreu. E, como eu já não tivesse mãe nem fôsse inteiramente pobre, a desgraça deparou-me parentes em Traz-os-montes onde vim a entender que não ha lagrimas bastantes a deplorarem o destino de um orphão, com oito annos de idade, e as faces quentes e humidas dos ultimos beijos e das ultimas lagrimas de seu pai.

Os dois rapazinhos, que deviam ter-se esquecido ao separarem-se em 1835, encontram-se, quatorze annos depois, e entrelembram-se.

Mais tarde vi o meu condiscipulo exalçado ao posto de grandes nobilitações, com o louro do talento entrançado na corôa de visconde.

N'este encontro não se admirou o meu animo, atreito a espantar-se das borboletas que se desatam a voar de larvas nauseabundas. Carlos

Ramiro Coutinho ennobreceira com as suas insignias fidalgas tanto a si quanto aos seus coope-  
radores nas lides do espirito, demonstrando que,  
algumas vezes, era concedido ao entendimento  
medir-se hombro por hombro com os argenta-  
rios que hontem despiram o albornoz surrado  
do moderno judeu, e vestiram hoje a casaca ar-  
reiada de veneras, para amanhã incitarem os  
governos a atagantarem a plebe, *recostados nos  
sophás, para onde se atiraram de cima do tambo-  
rete de couro ou da cadeira de pinho*, consoante  
o phrasear grandioso do snr. Alexandre Her-  
culano. (1)

Raras vezes nos aproximou o acaso; toda-  
via, qualquer que fôsse a tibiêza da minha fé  
em cordialidades de homens abastados, no apêr-  
to de mão e sorriso affectuoso e lhaneza de tra-  
to do visconde de Ouguella, havia um tacito  
queixume da minha desconfiança.

Quando, ha tres mezes, se abriu uma sepul-  
tura para lhe receber dos braços a enteada, es-  
tremecida como filha, e ao mesmo tempo se lhe  
fechavam os ferrolhos do carcere, debuxou-se  
em minha alma o amarissimo transe d'aquella  
familia. Escrevi-lhe então, por que prézo em  
dôbro os meus amigos, se elles resvalam da sua  
invejada fortuna a umas dôres que ninguem  
inveja e raros respeitam. Quando são virtual ou,

---

(1) PROLOGO da *Origem e Estabelecimento da In-  
quisição em Portugal*, pag. VII.

ostensivamente felizes, chego a esquecêl-os, não por inepto orgulho, mas por sentir que lhes não sirvo de nada. Se sei que elles soffrem, tiro do coração as riquezas que lá tenho amealhadas — lagrimas condensadas em não sei que pensamentos com que alguma vez tenho logrado auxiliar a reanimação de alentos desfallecidos. Conta-se este sestro sem presumpção, por que sei que ninguem me ha-de cobiçar o predicado, nem eu o inculco em fôro de coisa prestadia ao amehno dos negocios de sujeitos atinados. Pelo ordinario, d'esse affecto extremoso a pessoas opprimidas pelas maiorias, ressurtem-me odios e injurias. É isso perdoavel e muito consoante á natureza humana. Toda a gente reflexiva procede com juizo, deixando que a lei decida desassombradamente dos que lhe deslizaram ás prezas por imprudencia suspeita de crime ou por catastrophe que despedaçou primeiro o peito e o cerebro do delinquente. E é como deve ser. Eu, porém, que devia tambem ser escorreito e são, e me vejo aleijado pelas pancadas da calumnia, não posso ir, no caminho da vida, direito como vão os outros. Se acerto de encontrar na estrada de ruim piso algum amigo que tropeçou, começo de lhe dizer tudo que sei da divina philosophia da paciencia para lhe mitigar não tanto a dôr da queda, como o sentimento das affrontas que desabam sobre todo homem cahido. O bando de fundibularios, que resaltam e apedrejam no couce do infortunio, isso é que é atroz. Um homem, que o sabe ser, põe peito á desgraça, e raro se lhe dobra ; mas

demanda insigne valentia isto de sacudir das costas as farpas da gentalha que engravatou o pescoço nas guarda-roupas dos perseguidores poderosos.

Ainda bem ! O visconde de Ouguella, sereno e nobremente conformado com o papel de personagem temeroso que lhe distribuiu a maldade alliada ao susto, não dá lanço ás condolencias dos amigos, nem obriga a rhetorica dos visitantes de presos a desentranhar-se em phrases consolativas.

A sua tristeza tem certa hombridade que é a tacita accusação da injustiça. Não profere palavra que denuncie amor nem odio a systemas de governo. Transparece-lhe do sorriso contrafeito o asco de que trasborda aquella alma, o enôjo da covardia, que afivelou a mascara do zêlo pela corôa, e lhe faz tregeitos e carrancas por detraz do espaldar do throno. Homens assim dispensam a piedade dos amigos para que a commiseração dos inimigos não ouse enxovalhal-os.

E, portanto, este escripto é tão sómente o esboço de uma vida ainda vigorosa e já honradamente esclarecida ; não é van e incompetente illucidação á critica juridica, nem appello aos arbitros, a cargo de quem está vindicar o civilino do visconde de Ouguella tão desprimorosa e cruelmente injuriado.

O desforço, já começado pelo respeitavel acordão que lhe depura o desdoiro de perturbador de dynastias, deu-lh'o ao benemerito cidadão a inteireza dos magistrados, perante quem

a fama, assoprando na trombeta do accusador publico, reproduzia as atoardas das praças, mal-sinando o querelado com projectos d'um Cromwell, ainda denegridos pelo despatriotismo de Miguel de Vasconcellos, e uns taes quaes propositos sobremodo ardentes de queimar Lisboa. Nunca se viram parvulezas, tão tragicamente mascaradas.

Hoje, a opinião publica sabe que o illustre preso era adversario politico do ministerio ; não sympathisava com as pessoas investidas no poder. Este barbarissimo crime de não amar o governo, e . . . mais nada. E o publico, por não poder sahir com o seu espanto em mais solemne expressão, ri.

Quarenta annos de constitucionalismo, trabalhado de conspirações, umas heroicas, outras abjectas, — quarenta annos de indefesso antagonismo, sanguinario quando o rebate da lucta rufava nas casernas, tôrpe quando se maquinava nas urnas, sordido quando conjurava nas intrigas das camarilhas ; e, depois, a attricção dos republicanos tocados na alma por aquelle deus ignoto que os Paulos usam evangelisar aos cathecumenos, quando as alcatifas dos paços lhes abafam o bater ponderoso dos pés ; e, por ultimo, as notaveis refundições que o tempo tem feito, estanhando a catadura dos demagogos em semblante ridente e prazenteiro de pagens da tocha — tudo isto rebenta das mais sérias mandibulas uma gargalhada revolucionaria, quando a gente sabe, ao cabo de contas, que o visconde de Ouguella está preso por que, não

afecção a estes ministros, estava em boa convivência d'uns politicos affectos a outra ordem de coisas dirigidas por outra casta de homens.

Aqui, porém, ha lances tristes que impõem silencio á zombaria.

São descabidos gracejos quando a malquerença, ou derive de origem ridicula ou da tyrannia anachronica, dispára em soffrimentos grandes, apaga a luz da felicidade domestica, entrando ás salas ainda escuras dos crepes de um passamento, e estanca a liberdade de um homem, abatido pela dôr, com as grades de um carcere, ferindo-lhe a honra insidiosamente, e pondo-o, em tão dorida situação, rosto a rosto das lagrimas de esposa, de mãe e de filho, ao mesmo passo que uma ordem de deportação de um membro, nem sequer suspeito, d'essa familia, completa a cruêza do vexame.

A mansidão da indole d'esta boa gente occidental, a já quasi delida memoria do façanhoso regimen do conde de Basto, a tal qual persuasão de nos estarmos deliciando na liberdade de mendigos a quem é, ao menos, concedido execrar os ricos e morrer ao ar e sol das estradas — emfim a decantada liberdade portugueza, repugnam a crer exequivel a intolerancia levada á extrema dos odios politicos. Isto não parece de Portugal nem dos espiritos que a fama de longe nos têm apregoado dignos de regerem os impulsos de uma liberdade honesta; uns por que aventaram a maior equidade em direitos do homem, ideando a republica; outros por que arpoaram as pastas na onda menos limpa da revolta; al-

gum por que deve á indifferença publica em coisas de moral o ter subido as escaleiras por onde outros se despenham ao desprezo do mundo — em summa, é triste que ali no Limociro esteja o visconde de Ouguella como holocausto propiciatorio do desvergonhamento civico de tanta gente !

Saibamos quem foi e quem é este homem que tem de ser defrontado com o governo que lhe impropera intuitos amotinadores. Levemos d'elle uns traços, ainda que muito em sombra, á presença d'este formidavel tribunal que se chama a razão do povo — a consciencia serena das multidões.

---



## I

No dia 23 de junho de 1871, em Palhavan, nos arrabaldes de Lisboa, expirou um ancião, que amára muito a liberdade da sua patria, e se devotára com desusada lealdade aos homens que se lhe figuraram continuadores denodados da iniciativa de D. Pedro IV. Era Ricardo Sylles Coutinho, pai do actual visconde de Ouguella.

Eu tinha oito annos, quando em 1835 a sua casa commercial, no Chiado, era o confluyente dos liberaes que elle havia conhecido no Limoeiro, onde os pavores do patibulo muitas vezes lhe levavam novas dos correligionarios enforcados. Recôrdo-me dos seus cabellos já brancos n'aquelles dias que vão tão longe. Deviam de ser intempestivas as cans. Giara-lhe na frente o inverno álgido das noites de carcere, arára-lhe o frescor da vida ainda vigorosa o terror da morte e a saudade da esposa e filhos.

Depois, exultando por se haver immolado á restauração da legitima soberana, — symbolo e esperanza da menos improvavel desoppressão da familia portugueza, — Ricardo Sylles Coutinho parecia remoçar na felicidade dos outros, abstendo-se de haver o benemerito quinhão de interesses na proporção dos sacrificios. Os seus companheiros de carcere não o viram depois no banquete dos vencedores.

Quando os empregos, e as honras e as indemnisações se pediam tão de barato quanto de barato se davam, Ricardo Coutinho permanecia negociante, grangeando na honra do desprendimento o que lhe escasseava em bens da fortuna.

No discurso de trinta annos, manteve-se sempre observantissimo propugnador da crença que na mocidade o ungira para a lucta. Não se lhe dava da ingratição dos homens nem da iniquidade dos aventureiros bem sorteados na loteria das posições. Servia o emblema da idéa divina idólatramente, sobpondo-lhe no estrado do altar as vaidades e os desforços descabidos em indole tão isenta.

Ainda em 1844 prestou assignalada protecção a um periodico, tanto mais odioso ao governo de então, quanto o seu insigne redactor, o snr. Antonio Rodrigues Sampaio incutia pavor aos despotas, arvorando o estandarte do maximo progresso. Á coragem, energia e destemor do velho liberal se deveu então a resistencia do periodico perseguido. Aceitou, no Limoeiro, a responsabilidade das doutrinas do

fogoso publicista ; expoz-se ao mais certo alcance dos rancores pessoases ; reduziu os seus modestos haveres em obscura oblação ás avançadas aspirações da pleiade dos Passos e Sabrosas — nomes que projectam um raio de luz gloriosa na frente de quem lhes foi de par nos levantados alentos.

Da turba heroica d'esses homens feitos na escola dos Mousinhos e Aguiares, uns desceram ao tumulo na sasão ardente da esperança ; outros sequestrou-os da vida publica o desgano, o tédio, a renuncia do opprobrio ; outros, emfim, alanceados pela ingratição, mas sope-sando o queixume como quem receia o desdouro de humilhar-se a ingratos, abafaram a sua dôr, sacudiram as sandalias á porta dos chatins da patria em almoeda, e morreram na adoração da idéa, abominando a simonia dos sacerdotes.

No raro numero d'estes illustres soldados da phalange de 1833 estava Sylles Coutinho. Elle foi um dos que morreram envoltos na bandeira immaculada da Liberdade. Veneranda reliquia, rijo coração que tanto estremecêra o avô e a mãe d'este soberano, em cujo reinado o seu filho querido devora as amarguras do carcere !

Nos seus derradeiros dias, anciava-o o desejo de vêr a estatua do Imperador, que lhe foi toda a vida uma sagrada saudade. Era já tarde, porém. Carlos, o filho extremo que lhe amparava no seio a face, promettia-lhe leval-o a saudar com as lagrimas derradeiras o seu quasi legendario heroe. E esta esperança o embalou, dulcificando-lhe a agonia, até que o coração

amantissimo do velho amigo de Pedro IV parou de pulsar de encontro ao coração dos filhos.

Este era o pai do visconde de Ouguella, preso politico, na cadeia de Lisboa desde agosto de 1872. O ancião finou-se á hora providencial. Esquivou-o a morte á penetrante dôr de ter de se arrastar hoje ao ultimo sobrado do Limoeiro para ir contar ao seu Carlos as afflicções que alli passára. Deixou-lhe, todavia, a alma no seio da sua viuva, uma senhora, que veste a sua dôr de magestosa resignação, e vai cada dia, ao lado da esposa de seu filho, alumiar aquelle recinto lugubre da mais esplendorosa formosura que pôde idealisar-se em uma nobre tristeza.

## II

Carlos Ramiro Coutinho nasceu em 30 de julho de 1828. É sua mãe a ex.<sup>ma</sup> snr.<sup>a</sup> D. Rosa Maxima da Silva Coutinho. A Providencia guardou-lhe aquelle thesouro que tira em sorrisos de conforto as amarguras que lhe esconde no coração. Alli, no carcere, á volta do visconde, encontrei todos os dias esposa, mãe e filho.

Não sei se já poderei chamar-lhe a elle infeliz, quando uma augusta e santa serenidade reluz nos semblantes das duas senhoras que se confortam da nobre placidez do preso.

Carlos deve a sua educação litteraria a João Rodrigues da Silva, irmão de sua mãe, homem

rigido em antigas preocupações sociaes, monarchista absoluto, mas tolerante e avesso ás repressões sanguinarias pregoadas no altar pelo amor do throno. Sem embargo da convivencia e obrigação, o sobrinho do legitimista era filho do liberal. Sangue e dever, indole e tradições impulsaram-no para onde o chamavam o talento proprio e os impetos juvenis.

E assim foi que, aos dezeseite annos, Carlos Coutinho manifestava, na *Illustração*, periodico do abalisado publicista o snr. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, generosos sentimentos democraticos, patrocinando a eterna demanda dos pobres contra o egoismo dos abastados.

Por esse tempo, o precoce pensador, não bem destro ainda para se medir com o gigante dos preconceitos, estudava preparatorios afim de matricular-se na faculdade de Direito. Foram pouco menos de singulares a aptidão e esforço com que, em menos de dois annos, se habilitou em humanidades, por maneira que á volta dos vinte já estava matriculado. Era-lhe emulo então na perspicacia e nos premios o snr. Augusto Barjona, áquelle tempo digno de o rivalisar, depois professor disertado e lucidissimo, e hoje ministro de mediana estatura intellectual, com um certo pendor ás deliciosas incercias com que o talento, as mais das vezes, anda germanado. Estes dois mancebos hombreavam por tal modo no direito ás distincções, que houve então parcialidades academicas, ambas concordes no respeito aos dois talentos, mas ciosas da

primazia do seu escolhido. Como quer que fôsse, o característico assignaladamente distincto dos dois era perspicuidade na percepção, subtilza critica, e sobretudo verbosidade elegante.

De par com as tarefas academicas, Ramiro Coutinho, em idade tão florente e pelo ordinario divorciada de graves intentos, operou zelosamente na instrucção do povo, afeiçoando-se mais de coração ás classes trabalhadoras. De camaradagem com estudantes e operarios, promoveu reuniões com o intuito pacifico e racional de fundar o *Centro promotor dos melhoramentos das classes laboriosas*. Foi elle quem convocou, na qualidade de redactor do *Ecco dos operarios*, a primeira reunião, em outubro de 1851, onde se discutiram os expedientes mais consentaneos á convocação das classes obreiras.

À volta de Carlos Ramiro Coutinho agruparam-se mancebos de notaveis e já hoje realisadas esperanças, entre os quaes avultava um dos mais correctos e concludentes oradores parlamentares de hoje em dia, o snr. João Antonio dos Santos e Silva.

Se a instrucção então propagada beneficiou o operario, aligeirando-lhe os gravames da sua condição, não é assumpto que nos venha aqui de molde. Para muitissimos louvores é de sobra o intento; e, como exemplo de quanto era sincero e amavel o affecto d'aquelles moços na sua evangelisação do ensino, copiaremos a proposta de um d'elles, applaudida enthusasticamente por todos: « Se era permittido a elle (professor de leitura e escripta) chamar para a sua

aula todas as creanças indigentes qualquer que fôsse o seu estado de pobreza e miseria?\*

Dulcissimo espectáculo este! Rapazes, na quadra menos propria de devoção humanitaria, aporfiados em repartir do pão da alma com os desvalidos da attenção dos governos e abandonados á herdada condição das trevas! Que superabundancia de instinctos caritativos na academia d'aquelle tempo, incitada pela palavra poderosa e insinuante de Carlos Ramiro Coutinho, ao redor de quem conspiravam no mesmo proposito outros mancebos, uns já mortos, outros obscurecidos, e alguns, ainda bem, aproximados das altas posições que lhes compctem!

D'aquelle anno de 1852, temos um documento onde se revelam, a intervallos, as vigorosas faculdades de Ramiro Coutinho como publicista das idéas avançadas. É a *Introdução* que precede a *Revista historico-politica de Portugal, desde o ministerio do marquez de Pombal até 1842*, por João Antonio dos Santos e Silva. Exuberam ahi relanços de socialismo; todavia, é obrigatorio confessarem os mais timidos exorcistas d'aquelle palavra, que o socialismo do joven academico é a caridade dos iniciados no cenario por divina intuição, vestida ao trajar moderno, com preceitos em vez de parabolás, com pregões d'altos clamores em lugar de humilhadas cortezias á obduração dos poderosos. É um socialista que proclama a necessidade da religião como elo interposto na cadeia que prende o trabalho ao saber. Escreve Ramiro Coutinho:

« A religião, a sciencia, e a industria são tres cadeias solidarias, que prendem o homem em todas as suas transformações. Sem ellas o triumpho completo da democracia é irrealisavel ; sem ellas todas as nossas aspirações para um futuro grandioso hão-de consumir-se em sonhos phantasticos ; ao passo que o cancro do indifferentismo, da corrupção, e do crime ha-de minar os mais nobres preceitos da moralidade em que se baseia a democracia.

Sem fé, e sem actividade só pôde haver escravidão, e embrutecimento ».

Este socialista, desviado das utopias que então escandeciam os caudilhos dos proletarios, não pede a repartição da propriedade : pede o ensino, exora as riquezas da alma que não fazem implicancia ao direito da propriedade tangivel e cobiçada dos que sentem fome e sede d'amor e de justiça. Pergunta-se — exclama o advogado das classes escurecidas pela profunda ignorancia :

« Pergunta-se — se os gozos, se os prazeres pertencem unicamente a um pequeno numero de homens ? — se a maioria, se as classes proletarias, se os Spartacus da civilisação moderna tem de escolher entre o pensamento ignominioso nas gemonias do seculo XIX, ou nas barricadas, nascidas do desespero, que a miseria e o ardor do martyrio obriga a levantar ? Pergunta-se — se o monopolio, se a concorrência são os dogmas injustos, e tyrannicos, que hão-de destruir as massas, como o carro do idolo Jagrenat, entre os indios, esmaga o

craneo dos bramanes, ou se a associação, esse credo dos assalariados das industrias, que os economistas victorian — póde acabar com o pauperismo, e obstar á ignorancia dos povos, palladio deshumano a que os ambiciosos se seguram ? »

A razão que o moveu a prefaciar o livro do seu irmão em crenças está em phrases indicativas do pertinaz sentimento de apêgo á instrucção do povo, que se revelou em todo o correr da juventude de Carlos Coutinho :

« A educação, nas classes pobres da nossa terra, tem sido desprezada: o povo ignora tudo; porque tudo lhe é vedado. Convinha pois, que á frente d'um livro, que narra com singeleza as tristes vicissitudes porque a governação entre nós tem passado; que aponta sem exagerações, como a liberdade vai sendo sophismada, fôsem estampadas algumas linhas, que levassem a esperança a corações para quem a educação é um miseravel scepticismo, e a vida um sudario de pungentes dôres ».

São decorridos vinte annos. O visconde de Ouguella, nos salões do seu palacio, nobilitado por serviços de natureza que lhe denotam a popularidade e constante dedicação ás classes carecidas do favor do seu talento ou dos seus haveres, não duvidaria hoje subscrever de novo aquellas palavras escriptas sobre a pobre banquetta do seu quarto de estudante. Vêl-o-hemos sempre, pois, na correnteza da vida, com a frente nobilitada entre os grandes, e o coração entre

os pequenos, que lhe deram os fôros mais graduados de sua fidalguia.

Aquelles cinco annos de formatura são um cyclo de honesta e laboriosa juventude. Se é mister saborear as alegrias nem sempre louvaveis, mas perdoaveis dos annos em flôr, para que um homem diga de si que viveu ditosa mocidade — essa não a teve Ramiro Coutinho.

Seriedade precoce, austeridade de costumes, enlevos ardentes de gloria util, lavor incessante de estudo para desde logo fazer prastadias ao seu futuro as habilitações tão lustrosamente alcançadas — este foi o scôpo onde visava a prudencia do academico.

Plena justiça lhe fizeram os seus lentes. O snr. doutor Vicente Ferrer Neto de Paiva, em carta de 3 de agosto de 1854, convidava-o a ir ao sexto anno, glorificando-o de haver sido o quintanista mais distinctamente informado em litteratura. Bazilio Alberto e outros revelam em cartas, sequentes á formatura do seu dilecto discipulo, rara dedicação e estremado testemunho do seu merecimento.

### III

Em 22 de junho de 1854, inscreveu-se Carlos Ramiro Coutinho como advogado, e escolheu para iniciador na carreira brilhante, que se lhe agourava, o insigne jurisconsulto Pinto Coelho,

eloquentissimo por egual no fôro e na assembléa legislativa. E tanto era o fervor do discipulo e amor ao trabalho que já nas ferias do 4.º para o 5.º anno, em vez de desfadigar-se do aturado estudo escolar, havia praticado com aquelle mesmo eminente advogado, de quem vimos um attestado das mais honrosas qualificações em abono de zêlo, intelligencia e probidade do discipulo, confirmados com a transmissão dos poderes que lhe estabelece em todas as suas procurações, no caso de impedimento. Suprema regalia concedida pelo eminente advogado ao juvenil bacharel, que apenas acabava de abrir escriptorio !

Logo em julho do mesmo anno foi nomeado ouvidor junto do conselho de estado ; e, em março do anno seguinte, proposto e unanimemente approvedo socio supra-numericario da Associação dos advogados de Lisboa.

O renome de Carlos Coutinho não foi grangeado gradualmente e atravéz dos estorvos que usam empecer á manifestação dos talentos auspiciosos. Divulgou-se o nome illustrado pelo exito das suas primeiras tentativas, que mais pareciam o effeito de assiduo estudo e larga experiencia da tribuna forense. Já antes de elevar-se onde o subiu uma celebre causa-crime de que ao diante se fará especial nota, o novel advogado acareára o galardão de homens, cuja respeitabilidade e preeminencia lhe prenunciavam esplendida carreira.

Julio Gomes da Silva Sanches, graduando-lhe a valia como advogado em pleitos concer-

nentes á Companhia do Gaz, escrevia-lhe em 1855 : « Na assembléa geral discutiu V. a questão com summa habilidade, com a intelligencia superior de que é dotado, e com toda a força de suas convicções. Isto já era muito. E V. ainda fez mais, por que foi summamente grave emquanto lhe ouvi, e teve o immenso poder de guardar todas as conveniencias . . . Assim é que se assignalam e illustram os grandes talentos. »

Em portaria de 12 de dezembro de 1855, o bacharel Carlos Ramiro Coutinho foi nomeado delegado do Procurador regio na comarca de Mafra, de que pediu a sua exoneração em 9 de janeiro do anno immediato.

Convidavam-no triumphos mais adequados á sua propensão, e mais vantajosos como gloria e como estipendio. A carreira da magistratura, de si nobilissima e proporcionada tanto para o exercicio dos primorosos dons do entendimento quanto dos da honradez, não lhe podia, ainda assim, satisfazer as aspirações a um maior luzimento decorosamente adquirido em bons serviços á sociedade. Affectos invenciveis de orador impulsavam-no para o fôro : ahi é que toda a claridade da sua aureola se devia desferir do embate ruidoso da convicção eloquente contra os prejuizos arreigados — da audacia de um coração moço e ardente de sentimentos humanissimos contra a braveza da lei salpicada do sangue das forcas — sem descontar na depravação dos criminosos a profunda escureza que vai na alma d'aquelles onde a luz da instrucção não alvorejou a manhã da consciencia.

Carlos Coutinho, desde os primeiros assomos de sua intelligencia, arcara peito a peito com a pena de morte, imprecando-a com fervorosa ira. No dia, pois, em que lhe dessem um réo a resguardar do esparto do verdugo, devia de ser caudalosa a torrente dos protestos contra a pagina sanguinaria do código penal onde se legislava o matar com as terrificas solemnidades do triangulo, da corda, do carrasco e da tumba.

Sucedeu então o tristissimo caso da morte do conselheiro Ildelfonso Leopoldo Bayard, ministro e secretario de estado honorario, assassinado por André Turnes, seu creado, na noite de 25 de janeiro de 1856.

Carlos Ramiro Coutinho enrostou-se com as difficuldades invenciveis na defeza de scelerado tão justificadamente convicto. Era aquelle um lanço de experimentar a mão; e, quando mais não fôsse, uma opportunidade para realces de engenho e arrojadas invectivas contra o expediente da forca.

Pois, sem embargo das luminosas provas que abafavam a habilissima defeza, Ramiro Coutinho, se não suscitou duradouras duvidas no animo do jury, decerto vingou captar o assombro pela arguciosa arte com que, sem desdouro, conseguiu estatuir a hypothese da innocencia do assassino.

Não se pergunta, nem é racional perguntar se, no espirito do causidico, perpassou a ambiciosa esperanza de arrancar o réo ás mãos da justiça: não. No que elle forcejou foi em arran-

cal-o ás mãos do verdugo. Este vigoroso tentamen vibrou apostrophes eloquentísimas e commoventes que deram ao discurso notoriedade ainda hoje celebrada.

Dá-se o traslado de algumas passagens que mais ressaltam da porfia do orador contra a pena de morte.

Reportando-se aos brados da opinião pública, unanime em pedir o patibulo para o assassino, exclama :

«Mal me persuadia eu então que teria de vestir esta toga como patrono do accusado ! Quando ouvi essa decisão tremenda da opinião, firme e assente como sanção irrevogavel, quando escutei as maldições que cahiam sobre o accusado, os desejos que se manifestavam de que suba ao patibulo, de que lhe enrosquem aquella garganta ferida com a soga do algoz, perguntei a mim mesmo, quantos seculos se tinham passado desde a epoca em que um povo depravado pela corrupção, feroz pela tyrannia, gritava « ás feras ! » nos circos de Roma, e applaudia freneticamente a queda dos gladiadores, até ao seculo xix, até á existencia d'um povo, que caminha á luz do progresso, baseado n'um codigo politico, liberal, e civilisador !

Perguntei, então, até quando esta feroz e implacavel lei de talião, esta lei do sangue pelo sangue havia de ser uma maxima indestructivel e irrevogavel. Perguntei até quando estas penalidades que a Religião aborrece, que a civilisação rejeita, que abrem abysmos na consciencia, que fazem empallidecer todo o homem pensador, que ousam ser irreparaveis sabendo que podem ser cegas — perguntei até quando esta feroz e san-

guinaria lei de talião, que faz duvidar da humanidade quando fere um culpado, e quando fere um innocente, faz duvidar de Deus — até quando esta lei barbara, porque faz derramar sangue, injusta porque tira a Deus o que só a elle é dado — até quando esta lei podia ser formulada e invocada por bocca de homens, que pensam, e que fallam á sombra da liberdade, da philosophia e do progresso !

E não vêdes que a pena de morte se chama muitas vezes o martyrio ? — Não vêdes que a esse patibulo que invocaes tem subido a religião, a liberdade, e a innocencia ? — Não vêdes que a vida é de Deus, e que só a elle pertence tudo quanto é indissolvel, irreparavel e irrevogavel ?

Responde-se-me com a opinião publica ! Onde é esse tribunal que quero eu ir lá com o réo, e ser julgado por esse gigante, que ainedronta, que aterra, e que fere com a peor de todas as armas — com a arma da irresponsabilidade e do mysterio !

Responde-se-me com a voz das maiorias ! A voz das maiorias é muitas vezes a fogueira da Inquisição, as carnificinas de S. Bartholomeu, as vesperas sicilianas, as execuções politicas, e as deportações para Jersey !

Para que eu, snrs. jurados, preste culto a essa formidavel opinião publica, que se traduz em maiorias — era mister que as visse eu, a essas maiorias, erigidas em tribunaes imparciaes e impassiveis, apreciando provas, discutindo presumpções, e analysando severa e miudamente os mais tenuous indícios, e as mais ligeiras probabilidades. Emquanto assim se não fizer, eu recuso curvar-me perante o seu tremendo e implacavel veridic-

tum, e declaro-me, e confesso-me réo de lesa opinião publica ! »

.....

São tocantes e magestosas de desanimo as ultimas phrases do discurso. Alentos, coração, humanidade, talento — parecia tudo esfriar e contrahir-se descorçoado diante da sombra do patibulo, que, uma hora depois, o juiz em sua sentença mandou arvorar no Caes do Tojo para justicar André Turnes.

Estas são as phrases que rematam o discurso de Carlos Coutinho :

« Quanto a mim, resta-me a honra de ter pelejado com a forza, esta peleja solemne e derradeira. Se eu ficar vencido, se triumphar o carrasco, tanto peor para o seculo em que combati e para a philosophia que invoquei. » (1)

#### IV

Aqui nos occorre commemorar um amigo, que ha muitos annos se desatou das adversi-

---

(1) Historia do processo feito aos creados do conselheiro Bayard, e sessão do julgamento, acompanhada dos discursos do dr. delegado e defensores dos réos. Pelo advogado Luiz Antonio d'Araujo. Lisboa, 1856. (O condemnado morreu na cadeia).

dades que o acorrentaram á vida. Era D. José de Almada e Lencastre, da casa de Souto de El-rei, um moço que tragava o fel da pobreza pela taça do talento — vasilha brilhante em que um cego acaso faz porejar todos os venenos que roem as entranhas e abrasam o cerebro até o consumirem.

D. José de Almada era muito querido de Carlos Ramiro Coutinho, bem que o auctor da PROPHECIA, levado da poesia das cathedraes e saudades das pompas historicas de seus avós, houvesse jurado fidelidade, tão sem lucro quanto respeitavel, ao pendão enrolado da monarchia absoluta.

Todos os que nasceram depois de 1840 se recordam das ovações feitas á PROPHECIA, drama biblico do illustrado fidalgo. Datam de 1853 os jubilos do dramaturgo, desconto ephemero nas suas inveteradas amarguras, que para pouco mais fôlego lhe deixaram vida.

Ramiro Coutinho saudára o drama do seu amigo com uma carta, onde transluz o enthusiasmo dos vinte e tres annos travando-se de mão com subidos sentimentos de fraternidade litteraria, bem-querença politica e admiravel copia de boa litteratura. (1) Devem sorrir graciosas ao visconde de Ouguella estas reminiscencias do seu madrugar no dia das lides litterarias. Bem póde ser que de tão longe lhe bafejem

---

(1) *A Nação*, n.º 1:770, de 7 de setembro de 1853.

auras perfumadas das primaveras que então lhe florejavam. Por amor d'isso lhe reproduzimos duas paginas da formosa carta que elle enviou a D. José de Lencastre, e depois veremos como o filho do visconde de Souto de El-rei lhe retribuia na moeda immaculada com que mutuamente se abasteciam as almas visionarias d'aquelle tempo em que ainda se apreciava o immenso capital da gloria :

.....

« A carta que te escrevo quero que a tomes não como uma critica ou apreciação do teu drama; mas sim como um tributo que vem pagar á verdadeira amizade o condiscipulo do alvorecer da tua vida litteraria. Crea-va-nos, então, e enrobustecia-nos, nos primeiros estudos da infancia, a crença viva da religião de nossos paes. E a religião, a amizade, e as letras, prenderam-nos, para sempre, desde a mais tenra idade. Que importa que mais tarde distincções politicas nos trouxessem a campos tão diversos? Consulta, como eu tenho feito, a tua consciencia, e dize-me se o lôdo com que a mãos ambas todos os partidos se maculam, manchou já um sentimento, que o amor pela mesma religião e pela mesma patria, não deixou esfriar. Quando a peleja andava mais accêza; quando os exilios, e as expatriações de todos os partidos ateavam as paixões, que se traduziram pela guerra civil — então os odios velhos não cançavam, os recontros juntos dos baluartes do Porto, as lagrimas das viúvas, os prantos dos orphãos, e os brados do exilio confundiam-se por tal arte, que era então um crime a tolerancia; — a virtude, e o heroismo symbolisavam-se na espada e na carabina — e

irmãos contra irmãos, filhos da patria contra filhos da patria, buscavam, n'estes recontros odientos, a gloria que acompanhára o pendão das quinas, quando se desfaldava ao vento das batalhas em pelepas com agarcenos, ou em luctas com castelhanos.

A nós, apenas nascidos n'essa quadra — a innocencia da infancia fazia-nos considerar amigos os que falavam a mesma lingua — e olhavam como irmãos, e portuguezes aquelles que para os mais velhos eram inimigos irreconciliaveis. E, se queixumes ou imprecações chegavam a nossos ouvidos, que podia a singeleza da infancia apreciar em luctas do homem? — que sabiamos nós, então, de dissensões intestinas para aferir infimizades tão arreigadas? Felizes de nós por termos chegado á adolescencia n'esta candura d'alma, e n'esta virgindade de affeições! Felizes de nós, pois quando as crencas politicas nos levaram a arraiacs estranhos, nos divisamos sentados em differentes tendas, á soubra de diversos pendões, sabiamos já descriminar, que só queriamos o bem da patria, e que os meios empregados era a causa unica, que nos faria commungar em ágapes tão distinctos. Estas palavras, meu caro D. José, são menos para ti, que para estranhos. Se nunca em longas horas de intimidade e de expansão nós dissemos estas cousas, bem certo estou que, assim como eu, as tinhas gravadas no fundo de tua alma. E senão fôra d'este modo como poderia eu ter-te abraçado com as lagrimas nos olhos, tomado de uma verdadeira commoção n'aquella noite — noite que a amizade me fará sempre lembrada — em que o publico corôava um dos benemeritos da scena portugueza! Eu, que nunca tive inveja, louvado Deus, de coisa nenhuma d'este mundo; eu, que sou o primeiro a applaudir sendo dos ulti-

mos que valem applausos — tive, n'essa noite, pela primeira vez, e creio que pela extrema, uma inveja immensa e verdadeira — não das ovações que recebeste, não da corôa que te puzeram na cabeça os homens de merito que a tua penna enthusiasmo; não do diploma de talento que a chancellaria da opinião publica te passava : — tive inveja da benção que n'essa mesma noite te havia de deitar teu pai — tive inveja d'esse quarto de hora em que teu pai, vendo-te encetar gloriosamente a mais honrosa carreira, que trilham passos de homens, apertando-te sobre o coração, te havia de dizer palavras que um filho enthesoira com respeito ; porque são ellas o mais nobre brazão que pôde deixar a seus netos. Estás certo que acompanhei o teu drama desde que o concebeste, em dias bem tristes, até hoje que publicado, o tenho sobre a mesa? A critica occupou-se d'elle como de bem poucas cousas se tem occupado n'este paiz, e pôde ter o orgulho de que bem poucos têm sido os escriptores, que tenham merecido, entre nós, uma analyse tão imparcial, e graciosa das illustrações da nossa epoca. O teu drama não é transição, a meu vêr, entre esta ou aquella escola, não o edificaste sobre esta ou aquella fórma d'arte. Concebeste-o por muito tempo, estudaste-lhe a epoca, profundaste aquella face de civilisação, com a sobriedade de subsidios, que comporta o paiz em que nascemos, e vasaste-o n'um molde teu. A PROPHECIA sahiu d'um factó — é uma peça inteira.

Não te lembrou então se calçavas o coturno do tragico, ou se te democratizavas com o socco da arte contemporanea. A critica que caminha grave e compassada, quando alinhar estes porticos da nossa litteratura, dirá como se prende esta producção tua ás tragedias de

Sophocles e de Euripedes, e como te avisinhas dos magnificos trabalhos de Corneille e de Racine. Com a certeza mathematica, acompanhada de erudição profunda, explicará como a arte de hoje e os moldes da escola romantica se casam, e esposam as primicias do teu talento . . .

.....

Escusavas dizer-nos o que te faltou. Faltou-te conversar com as solidões da Palestina — solidões que dizem o que os homens não podem escrever. Não ajoelhaste ao enxergar a cidade santa. Como um dos mais brilhantes poetas dos tempos modernos, não te sentaste nas margens do mar morto; não interrogaste as cinzas d'aquellas cidades de outr'ora; não te reclinaste á sombra dos cedros do Libano; e não paraste nas agruras do Sinai para escutar se a palavra de Jehovah soava ainda. Faltou-te tudo, e fizeste muito. Chateaubriand e Lamartine pintaram com côres vivas e ricas, porque moeram as tintas e estenderam-nas na palheta aos raios do sol da Asia, e ao crepusculo da Palestina. O local é tudo. Foi nas noites dos tropicos que Bernardin de Saint Pierre meditou o *Paulo e Virginia*; foi nos cerros das montanhas da Escocia que Macpherson sonhou a *Ossian*; foi no ardor das guerras de guelfos e gibelinos, debaixo do famoso céu da Italia, que Dante, no tumultuar das paixões, e no sobressalto do soffrimento creou a *Divina Comedia*.

O acontecimento que o drama desenha é uma d'aquellas catastrophes gigantes que atemorizam ainda longos seculos depois. A lucta do judaismo, do christianismo e do paganismo é tremenda. A religião da cruz triumphou. E a palavra de Deus sôa n'esse momento, mais solemne ainda do que o fôra na sarça ardente,

ou nas alturas do Sinai. Tu não quizeste ser completamente classico, nem ultra-romantico. Quizeste primeiro que tudo ser verdadeiro — e dar á verosimilhança o que puderas pedir á imaginação. A sumptuosidade do scenario, que, para muitos foi um excesso — tenho para mim, que devia acompanhar o drama. Onde não ha Talmas, nem Racheis ; onde os Fredericos Lemaitre não abundam ; onde o espectador, em vez de defender o actor, tem de estar sempre em defeza do auctor, é preciso que os olhos se entrettenham pela scena, quando a physionomia do artista nada revela. Demais o que seria o templo sem a riqueza do scenario ? — o que seriam os jogos sem a munificencia do imperio romano ? . . . .

.....

Volvidos dois annos, D. José de Almada e Lencastre, aquilatando o discurso do defensor da vida de André Turnes, denunciava quanto o seu espirito era da luz que lhe alumniára o berço, e quanto difficil é, senão impraticavel, estancar em diques de ferro a torrente limpida das aguas que derivam de manancial puro. É vél-o, como o ideal da perfeição humana lhe resplende das sombras contrafeitas, da ficção poetica do preterito, da treva condensada no palacio senhorial em ruinas, e na sala dos retratos carcomidos de barões, e maltezes e prelados que parecem assistir melancolicos ao funeral da sua posteridade.

Vai quasi integralmente a carta que elle publicou na *Nação*, e nos faz saudades d'aquelle espirito gentil, que tão perfeitamente avaliou

os dons de entendimento e coração de Carlos Ramiro Coutinho :

« Ainda nos encontramos, meu Carlos.

Que importa ao sahir do templo das letras cada um tomasse por seu caminho? Um fôsse offerecer a convicção, o braço, a vida e o cabedal d'intelligencia que Deus lhe deu á bandeira branca, e o outro tambem a intelligencia e o braço, tambem a vida do coração e da cabeça a outra bandeira ?

Cada um de nós creu, decerto, que ia pelejar pela boa causa ; cada um de nós pensou, sem duvida, que ia offerecer á liberdade, á justiça, ao direito, aquella vida e aquella força.

Podemos ir errados, mas estamos antecipadamente absolvidos pela sinceridade da intenção, pela verdadeira e leal vontade de sermos uteis é terra de nossos paes, e á patria do nosso braço.

De todo esse sonhar de creanças, que se nos começou a erguer d'alma ou transformado n'um amor indefinido como as paginas de Ovidio, ou convertido n'um ardente amor de reputação como os heroes de Plutarco, já com um entusiasmo fervente de liberdade nos periodos de Tacito, já com a paixão da eloquencia politica em Cicero e Tito Livio, uma coisa nos ficou deveras gravada n'alma, ao sahir das escolas, e em que louvado Deus nos não desmentimos, apezar do contagio do exemplo — o amor da nossa terra — e a consciencia e a sinceridade com que nos lançamos na vida do trabalho.

Era este o nosso cogitar d'aquelles tempos felizes, e de entusiastica innocencia, em que por mais de uma vez dávamos ao sonho, o que roubavamos á lição, ha-

vendo porém entre nós esta differença : -- Tu dotado do talento da palavra (fui eu o primeiro, logo depois da tua consciencia, quem, talvez ainda te lembres, te revelei este talento) improvisavas com um rapido passar d'olhos sobre o assumpto d'aquelle dia, coisa muitas vezes melhor do que a propria lição ; eu possuidor apenas d'aquella vida interior que precisa da excitação para mostrar-se, na hypothese de ter alguma valia ; se essa excitação me não acudia n'uma palavra de censura, ou n'algun gesto d'acrimonia, ai de mim, que ficava sempre a cem leguas do mesmo pouco que podia valer !

Feliz de ti, que cultivaste esse talento magnifico, e feliz de mim que assistindo ao desabrochar d'esse talento em flôr, lhe posso agora admirar a suavidade do perfume e o saboroso do fructo ; que assistindo á primeira e já limpida aurora do seu nascimento, o vejo agora erguer-se radioso e bello, cheio de calor, de esperanza, de vida e de fé para se interpôr entre o algoz e a vida de um homem, e dizer a um : -- Se a pena em virtude da qual exerces uma funcção social estivesse na consciencia da sociedade, que a manda executar, não seria vil o mister, que exerces, nem degradante a posição que occupas entre essa sociedade, que é a primeira a deshonnar-te, expellindo-te do seu seio para a escoria da especie humana. A sociedade, porém, não é logica degradando e aviltando o braço, que ella arma, é a pena que é vil, é o cadafalso que é abjecto, é a lei, que repugna á consciencia publica, que não é justa porque lança a duvida da propria intelligencia que a impõe, perguntando-se a si propria, depois de ajustadas as contas com a razão, com a sciencia, com a philosophia e com a religião, se um crime pôde punir outro crime ?

.....

O teu discurso face a face com a justiça dos ho-  
mens, n'um paiz, em que a pena de morte está ainda  
tão arreigada ao solo, como segura nas entranhas da lei,  
o teu discurso face a face com essa justiça, alumiado só  
pelos magnificos esplendores da justiça de Deus, é uma  
d'essas paginas lyricas, reflexo brilhante de uma con-  
vicção innata, que objurga a injustiça de uma pena,  
que só Deus pôde impor, porque só elle é o auctor da  
vida.»

.....

## V

Com quanto intervenha extemporanea a re-  
ferencia a outros discursos forenses de Carlos  
Ramiro Coutinho, cedo á suavidade com que  
muito a sabor vou recordando estes lances da  
sua biographia, por serem, senão os mais glo-  
riosos, decerto os mais estremos de desgostos.

Não espacejarei d'um discurso a outro a in-  
terposição dos annos, por que não encontro que  
o talento do orador haja esmorecido dos pri-  
meiros impetos, nem a circumspecção e pratica  
da idade menos florida lhe aditou recamos ora-  
torios que minguassem nas suas estreias.

Temos memoria de um notabilissimo dis-  
curso, proferido em 1857, em defeza dos réos  
José Tavares e Eugenia Tavares, accusados de  
assassinio. Os periodicos d'aquelle anno, e no-

meadamente a *Civilização* de 5 de maio, desfiaram por miudo os dotes de orador que robusteceram o renome do Ramiro Coutinho. No periodico referido sobresaem passagens que realçam pelas galas do estylo sem desaire da verdade. Não ousou recompor palavras em que luz o justo entusiasmo de escriptor que viu e ouviu o insigne caudico :

« Teve a palavra o snr. dr. C. Ramiro Coutinho. O auditorio respirou como quem sahe de uma atmospherá suffocadora, para o ar livre de um ambiente vivifico.

A presença do joven advogado é altiva sem orgulho ; a physionomia anima-se e exalta-se ás primeiras palavras, como indicio infallivel de que na mente se lhe agitam as idéas que hão-de sulcar a torrente caudal, com que a eloquencia arrebatá os animos e as convicções, fazendo muitas vezes sossobrar a verdade mal esteiada.

O aspecto do fecundo advogado, mais civil que forense, mais guerreiro que juridico, é mui vantajoso para as assembléas populares, quaes as audiencias de jurados — o julgamento do povo pelo povo. — O réo julgado pelos seus pares, parece assim estar defendido tambem por um d'elles. Sem toga quizeramos que os advogados defendessem os réos perante o jury. Esta distincção entre a justiça e o povo, daria ao nosso fóro o aspecto do fóro romano antigo, onde os patronos se não recommendavam por cartas de bacharel, nem por insignias officiaes, mas pelo saber, pela eloquencia e pela sua reputação.

O snr. Coutinho parece destinado para esta innovação liberal, pela sua indole, pela sua palavra, pela fei-

ção característica da sua oratoria, e até pelo civismo e arrojo da sua presença. »

É profundamente verdadeiro este conceito da indole oratoria de Ramiro Coutinho.

Os que ainda o não viram na tribuna forense ou parlamentar, nas palestras intimas ao capricho da inspiração, ou nos momentos de briosa impaciencia provocados pela injustiça, podem prefigural-o pelo retrato, que parece fielmente copiar uma physionomia e por igual traçar as mais relevantes feições, para assim o dizer, d'um espirito.

É aquella fronte graciosa e altiva, olhos de tanta suavidade quanta penetração, brandura que se dilue como em lagrimas quando a vehemencia da paixão lhe fulgura na fronte; — sorriso que as interpretações maliciosas podem, a seu talante, malsinar de sarcastico, e que desarma os que procuram embahil-o com travessuras de lisonja ou abjecções de vil esperteza. Advinha-se-lhe a perspicacia e a ousadia de pensamento. Alli se vê que está a alma a olhar de fito contra as frechas da injuria como olharia para as blandicias da gloria. Tão pouco póde com elle o receio da desdita como a jactancia das prosperidades da sua carreira afortunada. É um semblante que franqueia aos espiritos bemquerentes a entrada aos actos intimos de sua alma. Ha n'aquelle erguer de face a modesta sobranceria de quem não sente peso de consciencia que lh'a faça inclinar. Que o tecto seja artezoadado dos imaginosos estuques do palacio, ou

seja vigamento sujo da calíça frígida do carcere, a fronte eleva-se-lhe sempre á altura onde não chegam fragrancias perturbadoras de felicidade nem o ar viciado das enxovias. O retrato exprime o que falta n'esta descripção. Póde o estylo ter escurezas ; mas n'aquelle aspecto a claridade é a diffusão da alma, é como luz que se projecta por todas as paginas do livro.

*O civismo e arrojo da sua presença* — disse o redactor da *Civilisação*. Expressões felizes!

E, depois, a phrase tersa das suás orações argúe pratica de bons livros quanto a vernaculidade, de modelos optimos no que toca á urdidura das idéas. Nada de turgidez nem composuras de falsos addresses. Louçanias commedidas em lusitanissima locução. Ornatos de vanidades rhetoricas, nenhuns ; imagens poidas de velhos exemplares, excluidas ; artificios estereis de mover affectos por machinismo de figuras argutas, banidos totalmente dos seus discursos. Dirieis que elle, de boas avenças com o principe da oratoria, suspeita que as posturas da rhetorica são um como teatro de impudencia, *ludum impudentiæ*. (1) « Farças de letrados » lhes chama Petronio. (2)

A espontaneidade ressurte-lhe no que máis meditado se nos figura. As imagens são sobrias, porque, de instincto e acintemente, sabe que o

---

(1) Cic., *De orat.*, Liv. III, §§ 93 e 94.

(2) *Satyric.*, c. 3 e 4.

escuta mais o coração que o espirito apontado a entender em empólas academicas. É orador feito pela medida d'este tempo e d'esta geração. Se um dia a desventura o levasse a perorar, nas praças, ás culluviões de gente combustivel que se abrasa e detona accendida pela faisca da palavra sediciosa, competidor nenhum lhe tomara a mão n'essa empreza. Nunca, todavia, taes philtros da mortifera gloria, que o povo influencia nos animos desprecatados, lhe estontearam o juizo. Os seus fastos oratorios escrevem-se com as lagrimas dos desgraçados que elle disputou ao verdugo ou ao degredo. Nem sequer podemos apadroar-lhe a eloquencia no ingrato officio de accusador. Achamol-o sempre á beira dos réos pobres, pondo hombros ao derruir da opinião publica sobre homens ja sovados aos pés da miseria.

Estes exemplos não os iremos investigar anno por anno em sua vida; por que o infortunio tanto encontra o advogado no escriptorio de 1856 como o visconde no palacio de 1869.

O réo que elle defendeu em 10 de julho d'aquelle ultimo anno era Antonio Maria Lage, que matara um guarda da alfandega no conflicto de se defender da morte. Contra o réo, afóra o odioso do homicidio á faca, havia a negativa do crime no summario, a confissão no tribunal, e a impassibilidade quando se lia o processo na audiencia. O depoimento das testemunhas de accusação não podia esclarecer se o homicidio havia sido urgente á conservação da vida do réo. As testemunhas de defeza illibavam-no de

mã nota anterior áquelle crime — circumstancia attenuantissima quando se demonstrar que o primeiro assassinio é menos condemnavel que o segundo, e que a perversidade não é consummada, se lhe escassciam precedentes de natureza quasi analoga.

A criminalidade do réo, confiado á defeza do visconde de Ouguella, a juizo das pessoas que professam rancor a assassinos, era justificada ; mas a poderosa magia da eloquencia do patrono, exercida n'aquelle dia, faria lembrar a justa acrimonia do censor Crasso que banira os rhetoricos dos rostros romanos, se a insinuante palavra de um homem respeitado como o visconde de Ouguella não amaciasse as asperezas á justiça e amollescesse a severidade do jury. A consciencia, talvez subjugada, poderia reagir contra a fascinação do orador, se elle não a desaggravasse de escrúpulos, exclamando : « Peço, por fim, que me respeitem o direito de conservar no coração como em deposito sagrado, a convicção e a crença da innocencia do accusado ». Este trecho, que funda toda a sua valia na singeleza, e nos leva a perceber os recursos grandes da eloquencia antiga assente em simplicidade que hoje quasi nos enfastia, sortiu grande impressão, porque era, no animo do jury, não já um expediente de advogado, senão o irrecusavel testemunho d'um homem de bem. Devia de ser digno de perdão o homicida que viera alli, á barra da justiça, atido á caridade de quem o proclamava innocente no fôro intimo de sua razão.

E foi absolvido. A imprensa, narrando o crime e a absolvição, acatou respeitosa e a poderosa mão que tirára o réo do carcere para o seio da sociedade e da família; mas, para que o triumpho coubesse inteiro ao defensor, não jurou na innocencia do réo.

Como quer que fôsse, aquelle homem tinha mulher e filhos. D'estes, um que nascera depois que seu pai era livre, foi baptisado pelo visconde de Ouguella.

Passado pouco tempo, Antonio Maria Lage morreu. A familia, que deixou desvalida e miserissima, acolheu-se á misericordia do validissimo patrono, o qual, se disputara á justiça humana o amparo de mulher e filhos, cabia-lhe ainda na grande alma acudir com o pão onde faltava o braço quebrado por mais alto poder d'outra indeclinavel justiça. O visconde de Ouguella dá hoje áquella familia orphanada parte do amparo que a sustenta. Ora, chegada a estas balisas, a caridade humana encerra toda a uncção divina que lhe deu Jesus.

Em 1871 o visconde de Ouguella, commovido pelas angustias d'um condemnado á morte, exulta nos renovados jubilos de sua mocidade, fazendo annullar no supremo conselho de justiça militar o julgamento d'um réo, que havia sido condemnado sem defeza. Nos *Jornaes do Commercio* de 6 de dezembro de 1871 e 27 de janeiro de 1872 está habilmente relatada esta primorosa acção do illustre valedor de desamparados. Ao lado do réo, que ninguem defendera em primeira estancia, está o visconde de

Ouguella para que a penna de morte se não confirme pela denegação da revista. Assim nos conta o referido diario :

« NOBRE ACÇÃO. — Fallando ha poucos dias do julgamento, em conselho de guerra, do soldado de infantaria n.º 10, Manoel de Souza, lastimamos que um homem sobre quem recahia uma accusação gravissima, o crime de homicidio, houvesse sido julgado e condemnado n'aquelle tribunal, sem defeza, porquanto nos crimes puramente civis, raro ou impossivel é encontrar um official habilitado a defender convenientemente um réo, e tanto mais que antes do plenario elle henhum conhecimento tem do processo que vai entrar em julgamento.

Os réos militares que têm meios sempre em taes casos nomeiam defensor letrado, ou procuram pessoa que, pelo seu longo tirocinio e intelligencia, tem vantajosamente tomado a defeza de muitos réos, julgados em conselho.

O desgraçado Manoel de Souza, que o é duplamente, por não possuir mais que os abonos que lhe faz o estado como preso militar, e por haver commettido um crime de tamanha culpabilidade, tem de sujeitar-se á sua sorte deixando talvez de se apurarem cábalmente todas as circumstancias attenuantes da sua culpa, n'uma bem conduzida inquirição de testemunhas e na demonstração de factos que, pelo menos, tirariam ao crime praticado sua maior fealdade e repugnancia. As perguntas e reperguntas das testemunhas, que constituem o *cross examination*, a que os tribunaes e os letrados inglezes prestam o maior cuidado, porque é ahi que estabelecem toda a força da sua sagacidade e pericia, com muito mais tenacidade que na allegação oral, limi-

tou-se no conselho de guerra á direcção, embora muito imparcial, do snr. auditor.

Emfim, o que está passado já não póde remediar-se, por não ser provavel que o processo contenha nullidades, que levem o tribunal superior a annullar o processo.

Lastimamos aqui que as leis estivessem combinadas de fórma, que n'um paiz civilisado, em pleno seculo *das luzes*, se entregasse um homem indefeso ao julgamento de qualquer trinunal, muito especialmente sendo accusado de crimes que, despidos de circumstancias attenuantes, estão sujeitos á maior sancção penal.

Agora, porém, podemos annunciar, para honra da moralidade e da civilisação d'esta terra, que o desgraçado Manoel de Souza, ante o conselho supremo de justiça militar, ha-de ter por defensor um jurisconsulto, cujo verbo foi sempre escutado nos tribunaes com a attenção e applauso, a que fazia jus uma exposição incisiva e eloquente. Afastado, por circumstancias venturosas, das lides judicarias, nem por isso a sua palavra se revela menos energica e esclarecida, quando a longos espaços, ou em conferencias litterarias, ou no tribunal defendendo por caridade algum desvalido, tem tido ensejo de pôr em acção os seus dotes intellectuaes.

O cavalheiro de quem fallamos é o snr. visconde de Ouguella. • (6 de dezembro).

O artigo, impresso em o numero de 27 de janeiro revela o resultado da defeza, e o sentimento de admiração com que foi escutado o orador:

• ANNULLAÇÃO.— Realisou-se hoje no supremo con-

selho de justiça militar o julgamento do processo em que é réo Manoel de Souza, soldado do regimento d'infanteria n.º 10, accusado, como os leitores sabem, do crime de homicidio, na pessoa de Antonio Ferreira Carneiro, que estava passado á reserva, tendo sido praça no dito regimento.

.....  
O defensor do réo, como os nossos leitores sabem, foi o snr. visconde de Ouguella, a quem temos de agradecer a honrosa referencia que fez á nossa folha.

O snr. visconde de Ouguella, com a amizade de quem se honram alguns dos redactores d'esta folha, tomou a defeza d'aquelle desgraçado por actos de magnanimidade do seu coração, pois sendo-lhe exposto o modo porque correrá o julgamento no conselho de guerra, aonde o réo fôra entregue indefeso ao tribunal, não sendo até inquiridas as testemunhas para provarem o bom comportamento anterior, logo, sem hesitar um instante, se promptificou a ir ao supremo conselho de justiça militar diligenciar a diminuição da pena, que, pelas circumstancias constantes dos autos, favoraveis ao réo, se afigurava ter sido imposta por falta de averiguação minuciosa dos factos.

A oração pronunciada hoje pelo patrono do réo, ante o supremo conselho, não teve só o merito da fórma, mas primou pela clareza e vigor da argumentação. D'aquelle nobilissimo lugar da defeza se erguia a voz do desinteresse e da abnegação, realçada pelo saber e pelo talento.

Os membros d'aquelle respeitavel tribunal, e o auditorio, que hoje por excepção havia, ouviram com a maior attenção e signaes de agrado o discurso do nobre defensor, cuja palavra fluente e persuasiva insinuava-se no animo dos ouvintes, captivando-os.

Eis aqui compendiados os actos mais em fama na validissima carreira da advocacia de homem tão liberal de seus dons. Permittisse a Providencia dos infelizes cahidos, sob o affrontoso peso de sua miseria ou estranhos ao dever pela fatalidade de sua organização, que Ramiro Coutinho nunca houvesse almejado ovações de maiores contentamentos que essas que faziam exclamar a *Pro*: « Qual consideração ha ahi ou louvor de arte que deva confrontar-se com a gloria dos oradores? » *Quae fama et laus cujusvis artis cum oratorum gloria comparanda est?* » (1)

## VI

A melhor quadra das suas alegrias — as ancias da gloria na idade em que mais a alma se paga com ellas, os prazeres febris do talento vão passados.

Carlos Ramiro Coutinho desviou os olhos das scintillações da sua boa estrella e deu-se a contemplar os lumes fatuos, as phosphorecencias paldosas da politica. Verdadeiramente a politica não é coisa que me tresande a lagôa, dado que o coaxar das rans, que já foram gente, como diz o Homero luzitano,

---

(1) *Dialogo dos oradores*, attribuido a Cornelio Tacito, § VII.

*As rãs, no tempo antigo lycia gente,*

me dê a perceber o que quer que seja de vasa lodosa com habitantes que, ainda bem, raro deixam vêr no exterior a falta de limpeza que lhe vai no atascadeiro. D'isto a dizer que os sujeitos, enfronhados em regedores da coisa publica, resvalam dos braços da probidade aos da politica, vai tanta distancia como de Seneca a Tigelino.

Creio na inteireza dos politicos, se elles vivem cortados de revezes e morrem em pobreza obscura.

Fio tambem bastante de uns que, espertados do seu candido ideal pelo repellão do desengano, tanto lhes monta que seja exposta ao povo a cabeça de Cicero como a de Antonio; nem se adjuram aos que tomam voz por Tiberio Gracco em odio aos patricios, nem se deixariam embahir dos apologos de Menenio Aggrippa. Creio n'estes scepticos fóra do parlamento. Todavia, se um impeto de amor patrio ou violencia amovavel dos constituintes lá os impellem, estes philosophos politicos primeiro fazem praça de eclecticicos, e d'ahi a pouco não são nada ou são de todos. Razoavel procedimento em um paiz onde não ha muito onde escolher.

A vistosa fada da eloquencia civica namorou-se de Carlos Ramiro Coutinho. Acariciou-o, deu-lhe os philtros que elle vira remoçarem o coração e a fronte de José Estevão, segredou-lhe as suaves lisonjas a que nenhuns trinta annos se esquivam. E o moço cedeu-lhe com amor e

paixão. Vestiu as suas galas, e foi vêr de perto a noiva, em 1859, n'aquella sala de S. Bento, onde muitos annos andaram frades a psalmejar, de antemão, responsos pelas almas de tantos que alli tem deixado o melhor d'ellas : o pudor. Rezemos nós tambem.

Deputado ministerial, defendeu os actos do governo, que então eram os snrs. Fontes Pereira de Mello, Casal Ribeiro, Antonio de Serpa, e Ferrão.

Não tenho apontamentos nem os solicitei da parte que ao deputado por Cintra coube nos debates mediocrementemente assignalaveis d'aquelle tempo. Entretanto acho o seu nome indefectivelmente illustre na lucta em que se mediu, quasi desacompanhado, com o snr. Pinto Coelho, vigoroso adversario. Contendiam os dois jurisconsultos sobre a desamortisação dos bens das freiras.

Ramiro Coutinho defendia que a propriedade chamada da igreja é propriedade do estado, em consequencia do que dizia a *Nação*, no dia seguinte : que « na Europa civilisada já não havia senão Pharaós » ; mas, em verdade, este cognome dos principes do Egypto não apontava ao deputado que facultou á nação o direito de reaver o que os reis haviam dado ás commuidades monasticas, esbulhando a commuidade nacional. Ao revez, o adversario do snr. Pinto Coelho foi havido no conceito austero dos legitimistas por *deputado cortez e delicado que discutia com argumentos* — predicados

raros, e creio que só por esta vez enviados d'um arraial para outro.

O certo é que Ramiro Coutinho prestou leal coadjuvação ao ministerio, que incubava no peito, ao que se presume, a bella idéa de regenerar — coisa que se não fez, nem pôde fazer-se depressa.

O deputado por Cintra decerto assim o pensava quando forcejou por obstar, no seu palacio, com energia de fé e coragem, em presença do governo, á queda do ministerio. O doutor Thomaz de Carvalho, tambem orador de recursos extraordinarios para suste ou derruir governos, envidou a força da sua rigida argumentação em que o ministerio de mantivesse, dissolvendo as camaras, afim de que a dignidade lhe não sahisse mareada na derrota.

Não vingaram appellos ao brio nem ás conveniencias. A camara foi dissolvida por inhabilidade que trouxe uma queda vilipendiosa. Desde este successo em diante, as crenças de Carlos Coutinho nas reformações da patria derrancada não foram mais cordeaes que as de José Estevam Coelho de Magalhães. Os idolos tinham baqueado por seu natural pendor. Dir-se-ia que os apostolos duvidaram do seu officio de regenerar, e pegaram de olhar uns para os outros com o tregeito doloroso de Simão Mago, aos seus comparsas, quando, subindo ao ar por meio da nigromancia, veio de bórco a terra, e quebrou as pernas. Infaustos Simões magicos!

Em 26 de julho de 1859, foi Carlos Ramiro Coutinho nomeado membro da commissão oc-

cupada da reforma da legislação commercial e respectivo processo. N'este encargo prestou serviços por largo espaço de tempo, dando de si o que se esperava da porfiada applicação em matéria tanto de sua competencia, proficuamente exercitada nos artigos que publicou em louvôr do codigo civil do snr. visconde de Seabra contra as invectivas do snr. Moraes de Carvalho.

Em março de 1860 foi nomeado ajudante e substituto do conselheiro procurador geral da fazenda. O operoso disvello com que se houve n'esta commissão onerosa não se restringiu a desempenhar-se a si proprio. O procurador geral da fazenda deveu então ao seu ajudante a illibação dos proprios creditos arriscados no gume do perigo. Esta benemerencia não deve ser desconhecida ao snr. conde de Casal Ribeiro que era então ministro.

## VII

N'aquelle anno de 1860, casou Ramiro Coutinho com a snr.<sup>a</sup> baroneza de Barcellinhos. Não sei qual seja n'esta illustre senhora a qualidade sobre-excellente que se avantage. Dotes do coração no mais extremo do grau; suprema bondade; vida resguardada nas alegrias domesticas; disvellada caridade que deriva da riqueza da alma e se affirma na abastança dos haveres; constancia varonil de animo nos recontros com

as tribulações formidáveis que lhe tem provado a coragem.

Desde que tão faustamente Carlos Ramiro Coutinho se alliou a uma senhora por tanta maneira estimavel, o meneio e governo dos bens divertiram-no de outros cuidados, senão incompatíveis, desnecessarios ao lustre do seu estado, e impeditivos da fiscalisação de casa com tamanhos encargos e haveres.

Não obstante, continuou a exercer o cargo de ajudante e substituto do procurador geral da fazenda, de que pediu a demissão quatro annos depois, obtida com a conservação das honras.

Na intercadencia dos tres annos seguintes, não sei de manifestação politica de Carlos Coutinho, salvo uma de maxima importancia, que se nos depara no prefacio e notas de um precioso discurso parlamentar do snr. José Maria do Casal Ribeiro.

Ligados por affinidade de engenho e aspirações, os dois talentosos moços haviam estreitado mais o abraço da estimação intima, interpondo n'esse affecto um filho de Carlos, baptisado por Casal Ribeiro. Se no correr dos annos, aquella formosa creança, cujo retrato está entre o de meus filhos, não lograr prender amorosamente os dois espiritos tão solemnemente aparentados, será necessario entender que o demonio infesto da politica apagou, entre elles, a luz do Anjo. Assim vai sendo, ao que parece.

O snr. Casal Ribeiro proferiu a sua oração memoravel em 3 de fevereiro de 1863. Ramiro

Coutinho deu á estampa o discurso, recommen-  
dado por um prologo e notas dignas de mui de-  
tida ponderação. O nervoso auctor do SOLDADO  
E O POVO tinha dito no parlamento :

« Mal vae aos governos que não sabem cuidadosa-  
mente espreitar os movimentos da opinião, mesmo  
quando ella se transvia. Não, senhores, a opinião publi-  
ca não é um poder fantastico, que só toma corpo na  
urna eleitoral. Bem pouco illustrada seria a opinião  
publica que dormisse quatro annos para só acordar  
n'esse dia ! A opinião publica não é isto. Não está só  
nos representantes legaes do paiz, está na nação intei-  
ra : é a força vital do systema representativo. »

Ao proposito d'estes conceitos, que andam  
como morgadio nas elegias em prosa, mais ou  
menos espalmada, de todas as opposições, dis-  
correu Ramiro Coutinho com austera cordura,  
e respeito ás formulas constitucionaes. Em van-  
guarda de um discurso tão rásgadamente pro-  
gressista era de esperar que os applausos do  
amigo e do politico irrompessem em objurga-  
torias ao governo que deportára para Africa os  
soldados de caçadores n.º 3 implicados na re-  
volta de Braga, em 15 de setembro de 1862.  
Com rara prudencia, porém, o amigo do sr. Ca-  
sal Ribeiro censura os abusos dos governos como  
cumplices dos abusos dos mal governados, n'es-  
tas momentosas expressões :

..... « Os abusos do poder desconceituam os  
governos, enfraquecem o respeito que devem merecer

os seus actos, criam precedentes ominosos, e arriscam criminosamente o socego da nação. As proprias maiorias parlamentares, as mais compactas, as mais submissas, as mais disciplinadas affrouxam, intimidam-se, e acabam por se desprender, muitas vezes, dos seus pactos mysteriosos com os governos — se estes de abuso em abuso, de excesso em excesso, de illegalidade em illegalidade, escarnecendo d'essa opinião publica — que é a consciencia das nações — põe n'um perigo imminente e irreparavel as instituições politicas do seu paiz.

Para nós, tão nefastos são os abusos de Poglinaç em 1830, como a obstinação e pertinacia de Guizot em 1848. Os excessos, os abusos, os erros politicos, quer sejam praticados em nome do rei, quer em nome da liberdade, são sempre excessos, são sempre abusos, e são sempre erros. Em nome da liberdade podem quacsquer actos ser tão criminosos, como em nome da tyrannia.

Outra rara circumspecção mui relevante, pelo que pertence a Ramiro Coutinho no opusculo que tenho presente, é a delicadeza com que procede em respeito aos seus adversarios politicos.

Era então na camara o snr. José Luciano de Castro a eloquencia de mais desplante em galhardias de linguagem hervada, em esgrima de satyra, em destreza de argumentação, e estampido de phrases bem boleadas á portugueza de lei. Se assim o posso dizer, José Luciano de Castro, nos seus estudos previos dos discursos parlamentares, encadeava as locuções perfurantes como quem carrega um revolver de doze tiros. Depois, ao disparar, dava uma luz, mas

SENADO FEDERAL

luz que queimava amigos e inimigos. *Urendo clarescit*, como disse Tacito. Pois, reportando-se a este valoroso mas ás vezes atrabiliario contendor, que as gazetas da opposição injuriavam, Carlos Coutinho escreve a nota de pag. 12, que deixa tão nobre o censor como o arguido :

« O deputado a quem o orador se referiu é o snr. Luciano de Castro. Podemos asseverar, sem receio de sermos desmentidos, que foi este o unico deputado da maioria, que se elevou, por vezes, á altura do debate, e que na phrase calorosa, e irritante d'uma philippica, cujos moldes Demosthenes ou Cicero rejeitariam, soube fazer-se escutar nas retaliações constantes do seu discurso. Todavia a sua intelligencia, e os seus dotes oratorios hão-de apagar e extinguir, com um mais largo exercicio da palavra, estas violencias de estylo. »

Outro : o snr. Costa e Silva, de quem as galerias, auctorisadas pela camara, riam destampadamente quando o snr. Casal Ribeiro o felicitava por se dar bem no predio ministerial em ruinas. A observação do annotador parece querer despir os lutos do espirito do veneravel velho :

... « O snr. Costa e Silva, a quem pela ordem da inscripção coube a palavra antes do snr. Casal Ribeiro... Este antigo magistrado, mais conhecido como juiz integerrimo do que como orador parlamentar, mais valioso na apreciação de pleitos forenses do que admirado pelos rasgos da sua eloquencia, sobraçou a beca do magistrado, como disse o snr. Casal Ribeiro, e arrega-

gando-a até á altura da opa do tribuno, accusou a opposição com parcialidade. »

Isto não é tão consolador como seria chamar-lhe Isocrates; mas é dar testemunho da probidade de um magistrado — honra que sobreleva muito a arte e engenho de fallar concertadamente.

Ainda outro. O snr. Claudio José Nunes já era notavel orador, antes de manifestar-se, de improviso, poeta de impetuosas fantasias e inexcedivel brilho. Este deputado chamou á carta constitucional — «pequena brochura». Semelhante qualificação magoou o pudor das vestes do sacro lume da constituição do estado, como se não bastasse já ter-lhe chamado — «ponto de partida».

Outro qualquer commentador da oração do snr. Casal Ribeiro denunciaria ao paiz o snr. Claudio José Nunes como demagogo, visto que chamara á carta *pequena brochura*, quando o respeito a tal coisa estava reclamando que lhe chamasse *folio maximo*, a não querer sahir com os seus epithetos fóra da sciencia do formato.

Eis aqui a moderada glossa que lhe faz Ramiro Coutinho :

« O snr. Claudio José Nunes, relator da commissão, nos verbosos e longos periodos do seu exordio chamou *pequena brochura* á carta constitucional. Apreciando, como devemos, o talento do joven deputado, no interesse que tomamos pelo seu futuro litterario, lamentamos que a inspiração o elevasse a regiões, d'onde não

poude enxergar com acerto as disposições do Codigo Politico do seu paiz, a sua grandiosa significação, e os homens que dirigem a situação n'esta terra. •

Estas notas, com que eu vou marginando o meu exemplar do famigerado discurso do snr. Casal Ribeiro, seriam futeis, se os amigos e admiradores do visconde de Ouguella m'as não descontassem na satisfação que deve dar-lhês a evidencia de que ahi, por esses calvarios das praças, dos cafés, e talvez dos tribunaes, lhe crucificaram a dignidade de portuguez, aviltando-o com a alcivosia de iberico. N'este opusculo está um protesto que devia soar no animo dos inflexos juizes da Relação de Lisboa que, nove annos depois, o illibaram do stigma de faccionario da fusão iberica.

O snr. Casal Ribeiro exclamára :

• É preciso que se diga na tribuna portugueza, sem rodeios nem hesitações, qual é o verdadeiro sentimento nacional. É preciso que se diga que em relação á Hespanha nós não podemos nem queremos ser *conquistadores* e tambem não queremos nem podemos ser *conquistados* ! •

E o snr. Ramiro Coutinho applaudira o patriotismo do seu amigo, abraçando a opportunidade de responder aos inimigos de 1872, que se lhe antolharam lançando a sonda ao abysmo da calumnia :

• Os applausos unanimes, que de todos os lados da

camara provocaram estes e os seguintes periodos, prestam valiosissimo testemunho de que o orador, inspirando-se em tão elevados como patrioticos sentimentos, soube fielmente interpretar a opinião nacional. Quantos escriptores estrangeiros fallam das nossas cousas, revelam os nossos pensamentos, traduzem as nossas necessidades, determinam os nossos movimentos, e apreciam os nossos destinos, sem se dar ao incommodo de lançar os olhos sobre uma pagina da antiga historia portugueza, nem consultar um facto da vida actual d'este paiz ! É exactamente como se escrevessem acerca da republica de Platão, ou da Icaria de Mr. Cabét. Sonhar é mais facil que estudar. Foi assim que a princeza de Solms, hoje mad. Ratazi, nos poeticos arrebatamentos da sua fantasia, nos brindou com o papel de Piemonte da peninsula hispanica, pelo simples e naturalissimo facto de haver El-Rei o Senhor D. Luiz tomado por esposa a filha de Victor Manoel. Foi assim que mr. de la Varenne nos descreveu anciosos de completar a unidade iberica, formando uma das subdivisões do seu symetrico quadro politico-geographico das raças europeias. E foi assim tambem que alguns jornaes hespanhóes, tomando a sério conselhos, que só moviam ao riso o bom senso portuguez, bradavam *alerta* em Madrid, por occasião do casamento de El-Rei e aconselhavam o governo da Rainha de Hespanha a guarnecer de tropas a fronteira, como se os soldados portuguezes se aprestassem a inverter as scenas de 1580, e vingar a invasão dos terços do duque d'Alba. Sóceguem os enthusiasmos e as apprehensões *fusionistas*. Aqui ninguem quer *fusão*, nem com a dynastia de Bragança, nem com a dynastia de Bourbon. Queremos ser o que sômos — independentes e livres. União na-

cional com a Hespanha não nos convém. Alliança e amizade — sim — e quanto mais íntima tanto melhor. •

Ahi está o republicano federalista, o apóstata da independência que assim andou deneigrado no conceito das turbas, sujo da espuma social, onde os parvos se topam e nivelam barba por barba com os infames.

## VIII

Carlos Ramiro Coutinho foi agraciado com o titulo de barão de Barcellinhos em 8 de fevereiro de 1864.

Esta mercê derivou espontaneamente do snr. duque de Loulé, a quem o agraciado considerou sempre com as deferencias irrecusaveis a tão pundonoroso quanto intelligente fidalgo. Este respeito, que podia ser meramente pessoal, procedia tambem das razões politicas, sem que devamos por isso incorporar o barão de Barcellinhos na parcialidade militante do snr. duque. Razões politicas vinham a ser, na veneração affectiva do barão de Barcellinhos, os naturaes impulsos que nos levam a discriminar dos estadistas já gastos, e no ultimo fio da reputação de Cagliostros, um character sem macula, dilatada vida publica sem dezar que lhe desluza a reputação, mediania de posses com immensos thesouros de joias da honra. Ha muitos annos

que os publicistas, os oradores, os poetas, e talvez eu ná bagagem d'esses válidos frécheiros, andamos acerando epigrammas para doestar o duque de Loulé. Até hoje apenas lhe descobrimos um órgão vulneravel: o da pachorra. Temos querido que a indolencia congenial d'este fidalgo lhe seja havida como imperfeição no complexo das virtudes civicas. Arguimol-o de silencios astutos e somnos profundos que se não compadecem com a vigilancia palavrosa de um bom ministro. É o unico depoimento que vai accusar o snr. duque no tribunal dos vindouros. Mas contra nós tem de erguer-se um severissimo juiz que nos ha-de perguntar pela honra dos grandes discreteadores afadigados em estereis insomnias, e mui usurariamente pagos das noites que perderam a meditarem no mais seguro meio de nos governarem com papeis e palavras.

O barão de Barcellinhos era admittido á convivencia do polidissimo duque de Loulé cuja cortezañia, natural e antiquissima de sua casa, e não reflexa da aula real, nem se requinta com os maiores nem se descompõe com os minimos. Cré-se que ha o que quer que seja do prestigio de stirpe em homens d'aquelle porte. Quando fazem semblante de apoucar-se para se egualarem com os somenos, é então que o indelevel preconceito da clarissima linhagem se nos avulta distincção natural e impressa na gravidade do aspeito.

Honorificado com a estima de tão selecto homem de estado e prudentissimo politico, o visconde de Ouguella, desde que foi privado da

liberdade, já duas vezes escreveu ao snr. duque de Loulé, mostrando-lhe porventura que o seu delicto é de natureza tal que o não acovarda de chegar com tranquillã consciencia à presença do homem de bem.

## IX

Quando o snr. Martens Ferrão engenhou a capricho uma divisãõ territorial que foi em grande parte recebida tumultuariamente, os arraia-nos de Campo-maior, Arronches e Ouguella, ciosos da autonomia do seu concelho, amotinaram-se na orbita da legalidade, reunindo-se no dia 9 de janeiro de 1868 em Campo-maior, d'onde enviaram ao barão de Barcellinhos, abastado proprietario n'aquelle concelho, o seguinte telegramma :

*Por um numeroso meeting que hoje teve logar n'esta villa foi nomeada uma commissãõ para ir perante o governo advogar os interesses de Campo-maior. V. ex.<sup>a</sup> foi nomeado presidente da commissãõ. Aceita? Digne-se responder por esta via com urgencia. Christovão Barata — D. Gonçalo Carvajal — Manoel Jeronymo Mocinha.*

O barão para quem esta honra envolvia o prazer de pacificar povos de seu natural inquietos e propensos a reacções, sobrepondo a tudo a estima que o prende aos habitantes d'a-

quellas terras eivadas de quasi selvagem patriotismo, respondeu :

*Aceito a honra que me fazem, e peço-lhes que declarem aos habitantes de Campo-maior que aceito penetrado de profundo reconhecimento, e que estou a seu lado para defender todos os seus foros e liberdades.*

Seguros do bom exito pela adhesão de protector tão esclarecido da justiça dos representantes, e poderosamente energico e respeitado, os membros da commissão foram a Lisboa, e lograram a manutenção de seus foros. Em reconhecimento da solícita e prestante cooperação do seu presidente, a camara municipal de Campo-maior galardoou o barão de Barcellinhos com este officio, que o desvelado amigo d'aquelle povo archiva entre os titulos de sua nobreza :

*Ill.<sup>mo</sup> ex.<sup>mo</sup> snr. A camara municipal de Campo-maior tem a honra de participar a v. ex.<sup>a</sup> que em sessão extraordinaria de 19 do corrente, confirmou por unanimidade o voto do povo no grande comicio nocturno de 17 de janeiro do corrente anno para que o Terreiro da Misericordia receba o nome de LARGO DO BARÃO DE BARCELLINHOS, em razão dos serviços feitos por v. ex.<sup>a</sup> á autonomia do concelho. Certa a camara de que v. ex.<sup>a</sup> aceita esta tão valiosa prova de consideração e confiança do brioso povo Campomaiorense, desde já agradece a dedicação de v. ex.<sup>a</sup> da qual todos esperam muito.*

*Deus guarde a v. ex.<sup>a</sup>. Paços do municipio de Campo-maior, 22 de janeiro de 1868. — O presidente da camara Christovão Cardoso Albuquerque Barata. — O vereador fiscal José Maria de Mattos. — O vereador Manoel Dias Mendes. — O vereador Francisco Luiz Serra.*

O barão de Barcellinhos, aceitando esta irrecusavel recompensa do affecto de povo tão seu valido e estimado, enviou os letreiros em ferro doirado para as ruas que então foram chamadas do *Conde de Avila*, do *Visconde de Seabra* e do *General Magalhães*.

Estas denominações, simultaneas com a de *Barão de Barcellinhos*, nos estão inculcando que entre os quatro cavalheiros, queridos aos moradores de Campo-maior, havia identificação politica, se não intimas relações de estima. Mais se presume e reforça este juizo quando, ao lado do conde de Avila, se nos revela a esmerada solicitude com que o barão de Barcellinhos protege e prepara com seguro vencimento a candidatura do general Magalhães por Elvas, declinando de si, em favor do ministro, a procuração que os arraianos lhe offereciam e quasi lhe impunham.

Uma carta do ministro da guerra se offerece como prova da serviçal adherencia do barão á politica eminentemente séria e methodica do snr. conde de Avila :

*Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Snr. meu particular amigo.  
Cada vez mais ligado por tantos e tão relevantes*

*serviços que V. Ex.<sup>a</sup> tem feito e continua a fazer a favor da minha eleição. Devolvo as cartas que V. Ex.<sup>a</sup> tem tido a bondade de me enviar, e por ellas vejo o estado em que se acha a minha eleição por Elvas, graças aos esforços e sacrificios que V. Ex.<sup>a</sup> tem empregado n'este sentido . . . Creia-me sempre e para sempre o mais dedicado e amigo mais respeitoso José Maria de Magalhães. 7 de março de 1868.*

Ao tempo em que o visconde de Ouguella, por esses dias assim agraciado — *em testemunho do apreço pelos bons serviços que em diferentes epochas tem prestado com reconhecido proveito da causa publica* — (1) prestava a sua influencia, com sacrificio de si proprio e da vontade dos eleitores ao general Magalhães, fermentava mais ou menos a occultas um partido afoitamente devotado a reformas, ou não sei se diga a transformações radicaes na governação publica.

Citavam-se com medo ou sympathia; com veneração ou com menospreço os nomes heroicos ou audaciosos dos caudilhos da revolução. O marechal duque de Saldanha dava temerosa magestade á perspectiva dos ministros mais capazes de quererem suppor em si e nos seus nervos fibras intrepidas do marquez de Pombal:

---

(1) Decreto de 31 de março de 1868, referendado pelo snr. conde d'Avila, de quem tenho presente uma carta de aviso ao visconde, felicitando-o com expressões muito cordeaes, e protestos de amizade agradecida.

o snr. Mendes Leal, por exemplo, este viço-rei do Parnaso, que tem tanto pulso para a cythara de Macias, como para o frankisk de gardingo: Bom homem e copioso dizedor de coisas vernaculíssimas, por cima de tudo o mais.

O visconde de Ouguella era muito d'aquelle aberto coração do duque. Nascera este reciproco affecto com a unção das lagrimas. O visconde, em 1851, estudante na Universidade, visitára o marechal em Coimbra, quando a palavra *Regeneração* se lia no lábaro triumphante do velho general, sobre quem D. Pedro iv declinou a redempção do throno para a augusta filha e da liberdade para nós.

O duque, avistando Carlos entre os academicos da deputação, fixou-o com os olhos amarrados de pranto, soluçando que alli estava o fiel retrato do seu querido filho conde de Almoester, morto na flôr da vida e na exuberancia do talento em Vienna de Austria.

Fortaleceu-se, no volver dos annos, a dilecção do duque bem correspondida do visconde a quem deslumbravam as tradições heroicas da epopeia de sessenta annos sempre lidados com egregio decoro na guerra, na sciencia e na diplomacia.

E, sem embargo da admiração que subjuga o visconde ao prestigio do marechal, a revolução de 19 de maio de 1870 delineou-se e logrou o quasi paradoxo dos seus intentos sem que o visconde de Ouguella convisinhasse politicamente dos promotores da revolta.

Os documentos irrefragaveis d'esta ousada

affirmativa pudera eu dal-os aqui á contemplação dos incredulos, se a generosidade do visconde, irmanada com um proposito de timbroso desprezo, me não dispensasse de fazer estendal das alforrecas que o esgoto da politica lhe revessou ás salas de sua casa.

Não me soffre, porém, o animo esconder da critica e até da mordacidade uma inconsideração do visconde, que se lhe é realce grande ao coração, certo lhe não adula indulgentemente o juizo discreto.

O visconde de Ouguella conhecia o snr. barão do Rio Zezere com bastante dedicação, por lhe vir do snr. duque de Saldanha este conhecimento, aliás estimavel, ainda sem o merito recommendativo do illustre marechal. Suspeito, com mais ou menos justiça, ao gabinete de 1869, o snr. barão do Rio Zezere foi custodiado na Torre de S. Julião. Das cartas d'este cavalheiro enviadas ao visconde deprehende-se que no seu comportamento não houvera deslize de obediencia, e portanto nenhum receio do conselho de investigação o inquieta; todavia regosija-se, e agradece encarecidamente a defeza que o visconde de Ouguella lhe promette.

E, ao mesmo tempo, o snr. duque de Saldanha, muito e lealissimo amigo do snr. barão, escrevia ao visconde reforçando com os seus os agradecimentos do preso. No auge da sua bondade suprema, o duque, escrevendo ao visconde de Ouguella, fantasiava hyperbolicamente que o seu amigo barão do Rio Zezere estava sendo *martyrisado pelo governo*; e o visconde, avezado

a fazer abrir portas de cadeias com a magia da sua palavra, sorriu generosamente ao grandioso feito de repôr o martyr em liberdade para que o sol do céu e o da honra illibada lhe déssem as alegrias da innocencia.

Eis aqui um lapso na vida de um homem não desdourado ainda por ligeirezas ou deshonestidades politicas. Difficilmente justificaria a sua incumplicidade no tumulto de 19 de maio quem tão intrepidamente queria sahir pela candura dos martyres que n'aquelle dia brilhavam, como em scena final de gloria de Auto, depois dos supplicios supportados com santa e valente conformidade!

*Muito favor me faria V. Ex.<sup>a</sup> se quizesse ter a bondade de fornecer-me os argumentos para fazer vêr com evidencia o despotismo, a infamia do procedimento ministerial a respeito do barão: escrevia o snr. duque de Saldanha ao visconde de Ouguella em 28 de dezembro de 1869.*

Parece, pois, que o visconde, liberalizando os seus talentos oratorios e hermeneutica juridica na defensão da pessoa detrahida e presa, além de muito de sua estima, em vez de desai-rar-se, grangeava subido conceito como patrono e notavel honra como inimigo de vexames, quer elles proviessem de governo de sua parcialidade, quer de inimigos seus, como a paixão politica usa depraval-os.

Mas as praxes e manhas da politica são incompossiveis com tanta bizzarria de sentimentos.

O visconde, trahido pelo coração, e esquecido do preceito evangelico que manda alliar a

sagacidade da serpente á candura da pomba, expoz-se implicitamente, arriscou-se a ser contagiado do morbus revolucionario do snr. conde de Peniche, do snr. José Dias Ferreira, do snr. duque de Saldanha; e, se não digo do snr. Antonio Rodrigues Sampaio, é porque este eminente publicista soffreu apenas um ataque benigno que lhe não deixou lesão nas faculdades quasi perfectas do seu espirito. No snr. barão de Rio-Zezere, que o visconde queria defender, tambem a calumnia não pôde fazer estragos, sendo que os actos posteriores da sua vida politica o desassombram de alguma nuvem que lhe vinha de longe escurecendo a gloria.

Como quer que fôsse, o visconde de Ouguella peccou venialmente, offerecendo os dons da sua obsequiosa intelligencia á justificação de uma pessoa que os rumores d'aquelle tempo deslustravam exageradamente.

## X

Por decreto do regente de Hespanha foi o visconde de Ouguella nomeado commendador ordinario da real ordem de Carlos 3.º, havendo já sido, em 1870, agraciado com o habito de cavalleiro da real ordem de Izabel, a Catholica. Em 13 de novembro de 1871 obteve licença para aceitar o grande-cordão (gran-cruz) da ordem de Nicham Iftihar, a mais preclara consi-

deração que o Bey, monarcha electivo de Tunis, podia dar-lhe. Eu sou de parecer que esta insignia é mais que muito apreciavel por saber que o snr. marquez de Avila e Bolama se compraz jovialmente em possuil-a, sendo, se me não engano, tão rara n'este paiz, uberrimo d'isso, que só tenho nota d'estas duas mercês enviadas para Portugal. Se mais alguém a possui, haja de indulgenciar a minha pouca noticia d'estas coisas. (1)

Ao descrever as distincções aristocraticas, concedidas aos serviços civicos, e aos meritos de intelligencia do visconde de Ouguella, suggerem-se-me, e muito a tempo, reflexões dignas de alguma ponderação. Dizem os seus detrahidores menos infamatorios que o barão de Bar-

---

(1) Como curiosidade offereço a versão franceza do diploma :

*Louage a Dieu unique !*

*De la part du serviteur de Dieu Supreme, celui qui s'en remet a lui, et auquel il a confié dans toutes ses affaires, le Mouchir Mohammed Enodak Bacha Bey, Possesseur du Royaume de Tunis.*

*A l'élite des illustres, au distingué par son éloquence, Monsieur le Vicomte d'Ouguella, ensuite, sur la demande de Notre Premier Ministre, et Ministre des Affaires Etrangères et à cause de vos brillants mérites, nous vous envoyons cette decoration, qui est destinée a ceux qui possèdent le mérite, et la noblesse, ornée de nôtre nom, e de la classe supérieure de Notre Nichan Iftihar. Revetéz-la en paix et en tranquillité.*

cellinhos, fidalgo cavalleiro da casa real com serviço no paço, visconde de Ouguella, cavalleiro e commendador das reaes ordens de Izabela Catholica e Carlos 3.º, gran-cruz da ordem de Nicham Iftihar, dizem, repito, que é republicano este homem. Pois eu não duvidando da sua bem provada affeição ao povo — quero dizer á arraia miuda que se chama povo a si, enquanto se não ergue ás cavalleiras dos seus pares — declaro que o vejo muito distanciado das idéas utopistas da igualdade republicana. Se elle andasse por ahí a deteriorar a tarifa dos direitos de mercê, a desfazer na stirpe dos titulares, a deplorar que as cruces se crucificassem em peitos de maus ladrões, a ensinar ao povo o desprezo das honrarias chatinadas, era de temer que o talento, de mãos dadas com o desprezo das coisas, que trazem cunho real, cedo ou tarde irrompesse em attentados contra a monarchia e suas dependencias. Mas, se o visconde de Ouguella não só adquire ou aceita a fidalguia e veneras correspondentes, mas até já premedita continuar em seu filho a sobrevivencia d'essas distincções, como é que se concilia o extremo arrojio democratico, de que o arguem, com o extremo affecto á nobreza de que nos tem sido testemunhas os actos da sua notoria vida, e até as illustres relações que lh'a tem condecorado ?

O visconde de Ouguella tem um filho de dez annos, já moço fidalgo da casa real, por successão. Quem estaria a revestir-se a si e a seu filho de fardas e fitas, que reluzem tão sómente á ourela do throno, e ao mesmo tempo a minar o

baque do throno, e a fazer praça á republica, onde depois as veneras e as fardas haviam de ser postas em pelourinho de irrisão, e tanto mais assobiadas quanto os caudilhos das turbas se prevalecessem d'essas tafularias obsoletas ?

E, depois, vejamos se dos algarismos, com perdão dos poetas, podemos inferir que é impraticavel absurdeza ser o visconde de Ouguella republicano, desde que o socialista Proudhon acoimou de ladravazes os proprietarios, e desde que os proletarios fiam da republica a mais ou menos demorada repartição da propriedade, como consequentes que são, e, pouco ha, provaram sô-lo pelo franco apostolado de Delescluse, de Milliere, de Vermersch.

Venham algarismos.

Os viscondes de Ouguella possuem em Lisboa, Belem, e Olivaeas, Campo-maior, e Ilha da Madeira propriedades rusticas e urbanas, cujo valor venal é : 342:000\$000. Pagam de contribuição predial : 2:450\$000. Os seus haveres em acções, inscrições e valores de carteira, não os averigui ; mas recordo-me de ter ouvido calcular aproximadamente uma avultada somma. Como accionista importante do banco de Portugal, e algum tempo membro da commissão fiscal, orou elle nas assembléas geraes, favoravel ás direcções, com aquelle esmero e zêlo que usam os accionistas inimigos natos de republicas, e de tudo que se aparente com aquella ominosa palavra : *res-publica*, « propriedade de todos ».

Tirante as clausulas descriptas que dissua-

dem suspeitas de republicanismo, e antes asseveram affeição grande ás regalias que promanam da munificencia dos monarchas, offerece-se-me pensar, com grande fundamento, que o visconde de Ouguella respeitou a casa real portugueza, e não só do respeito de subdito, senão tambem de amoravel dedicação. Por sua magestade a rainha sente elle o affecto intimo e respeitoso, em que é grande parte o resplendor da heroica frente de Victor Manoel, e não menor incentivo sentar-se a augusta senhora no throno de D. Maria 2.<sup>a</sup>, rainha tão amada de Ricardo Sylles Coutinho, aquelle nobre cidadão, que acendrava o seu amor aos legitimos soberanos, no carcere, onde hoje o filho se está depurando da calumnia de republicano. O snr. infante D. Augusto acolhia desceremoniosamente no paço das Necessidades o visconde; e S. M. o snr. D. Fernando, perante quem as excellencias mais qualificadas são as do espirito, dignava-se convidal-o a frequentar o paço, segundo infiro de uma carta, que vai trasladada, por que vislumbram n'ella sentimentos de principe illustrado, que fazem muito ao decoro do cavalheiro a quem são liberalisados :

« Ill.<sup>mo</sup> Ex.<sup>mo</sup> Snr. — Sua Magestade El-Rei o snr. D. Fernando encarrega-me de agradecer a V. Ex.<sup>a</sup> o cavallo malhado que-lhe mandou; bem como o Snr. Infante D. Augusto quer que igualmente eu faça constar a V. Ex.<sup>a</sup> que ficou muito penhorado com a delicada attenção de V. Ex.<sup>a</sup>.

Sua Magestade El-Rei desejaria vêr a V. Ex.<sup>a</sup> n'este

Paço para de viva voz lhe dar os seus agradecimentos e para este effeito previno a V. Ex.<sup>a</sup> que as horas das 12 á 1 é a mais conveniente para V. Ex.<sup>a</sup> lhe fallar. De V. Ex.<sup>a</sup> muito attento venerador e criado — *Conde da Foz* — Paço das Necessidades, 13 de novembro de 1867. •

Eu tive a satisfação de conhecer no quarto do visconde de Ouguella, no Limoeiro, o snr. visconde do Paço do Lumiar, amigo dilectissimo do snr. infante D. Augusto, e por igual affectivo apreciador do illustre preso. É aquelle cavalheiro testemunha da veneração extremosa com que o visconde recebia a estima que lhe dava o snr. duque do Porto ; e, se ao animo inteiro do visconde do Paço do Lumiar entrasse a desconfiança de menos dignos intuitos, tenho como certo que tão acrisolado amigo da familia real não iria levar ao « republicano » em ferros as expressões expontaneas com que os homens de bem despontam os espinhos da desgraça imerecida.

E já que derivei a este relanço, onde cabe escrever um nome como quem abre a mais suave pagina d'este livrinho, hei-de fallar de um amigo do visconde de Ouguella, o snr. José Maria de Almeida Teixeira de Queiroz, de cuja amizade o visconde se ufana como homem ferido de injurias e refugiado nos braços de quem, estreitando-o ao seio, lhe dá o alento da probidade immaculada.

Teixeira de Queiroz, juiz do tribunal do commercio, ainda no vigor dos annos, com as tra-

dicções gloriosas da Universidade, onde floreceu em suavidades de poesia e fructeou nos graves estudos da jurisprudencia, trilhou a senda escabrosa da magistratura, no inquebrantavel aprumo da dignidade, luctando e ganhando triumphos, que não se alcançam sem os haver medido pelo tamanho dos desgostos. Amargurados lhe deviam de ser os jubilos da consciencia, na carreira da magistratura, se elle não fôsse a alma imperterrita que sopesa as conveniencias proprias para que o sorriso seductor ou a catadura sinistra de validissimos potentados o não deslumbrem nem apavorem.

Quando este homem continua o seu affecto áquelles que a sociedade injuria, a prohibidade e a justiça estão da parte dos injuriados. E quando o visconde de Ouguella nas cartas com que me paga, além do que ella vale, a amizade que lhe tenho, me diz que ama Teixeira de Queiroz com estremecido amor de filho, eu, de experiencia propria, sei como é que assim pôde ser venerado e amado tão honrador amigo.

« Illumina-se este carcere, quando elle apparece n'aquella porta ! » me dizia o visconde de Ouguella, commovido da vehemencia do seu contentamento, por ter visto a seu lado Teixeira de Queiroz, testificando com austero desassombro o testemunho da sua consideração pelo homem vilipendiado.

## XI

No lapso do primeiro semestre de 1872, o visconde de Ouguella, com a concorrência de capitalistas nacionaes e estrangeiros, pensava activamente na fundação d'um Banco, que se havia de chamar *Banco real e nacional*. O secretario particular do snr. D. Luiz I, José Eduardo de Magalhães Coutinho, conferenciou com o visconde sobre este assumpto, d'onde havia de advir á casa real o beneficio da desoneração de dividas, que, se lhe não desdouram a magestade, como decerto não desdouram, bem póde ser que lhe tolham maior desafogo nas despezas e pompas adstrictas á categoria. Estes alvedrios não são usuaes em republicanos, nem seria curial abrir devassa em gabinetes de ministros ou nos soalheiros das praças sobre os secretos designios dos signatarios dos Estatutos, sendo estes o snr. barão de Lagos, José Eduardo de Magalhães Coutinho, *medico e secretario d'el-rei*, marquez de Angeja, Manoel José Machado, João José Machado, visconde de Ouguella, Carlos Kruz, principe Adam Wiszinecoski, Septimus Francis Porter, Henry de Lacy Óbrien, conde Alfred de la Guéronnière, e Sebastião Carlos Navarro de Andrade. (1)

---

(1). Está lavrada a escriptura e registrada no Tribunal do Commercio. A escriptura publica foi lavrada na nota do tabelião João Baptista Ferreira, de Lisboa.

As meditações e os estudos prévios d'este poderosissimo estabelecimento, em que a vontade do visconde se empenhara, despreendida de conluios politicos de todo alheios e até nocivos a empreza de tal ordem, foram atalhados por uma inopinada angustia que traspassou o coração do visconde. Uma filha da snr.<sup>a</sup> viscondessa, foi subitaneamente ferida de doença irremediavel com muito demorada agonia. Aquella menina, ainda infantil, quando o visconde mereceu ser-lhe segundo e caricioso pai, cresceu, para assim dizer, no collo d'elle, que se deliciava em lhe aproveitar a predigiosa aptidão para as prendas do seu raro espirito. Este immenso amor ia ser-lhe disputado pela morte. O visconde, ao lado da enferma que lhe lia nas lagrimas ou no falso sorriso a sentença ou a esperança, devorou as incomportaveis amarguras que, afinal, quando a sepultura se fecha, deixam a alma quebrada e já vazia das lagrimas do desafogo.

Ao setimo dia d'esta tormenta da saudade, na tarde de 29 de agosto de 1872, o allivio que o visconde recebeu foi a intimação de recolher-se á cadeia, e esperar ahí que se lhe desse a nota da culpa.

O sobresalto não deu logar á reacção da alma afflicta.

O visconde solicitou concessões urgentes á tranquillisação de sua familia ; mas o agente da captura não podia ser mais delicado que os descompassivos quadrilheiros d'onde havia baixado a ordem desabrida.

E, ao mesmo tempo que o carcereiro exa-

minava a solidez das grades no toque do ferro para depois correr os ferrolhos, e deixar ao preso contar um por um os minutos d'aquella noite horrenda, a calunnia industriada dizia cá fóra que o visconde premeditara aluir o throno, dar Portugal a Castella, e incendiar Lisboa. Estes boatos, atirados ao sêvo do gentio, que se repasta com sofreguidão de fera nas reputações mais acataveis, desciam d'alto, ou desde a lama os levantára até si quem se valera de vilissimos denunciantes para fazer baixar a lei á protervia de pronunciar um homem de tal porte. Não eram simplesmente rumores do povo as aleivosias que repercutiram no carcere, levadas ao visconde nas lagrimas de sua mãe, de sua esposa, de seus extremosissimos enteados, e no assombro consternado do filho. Estavam escriptas, e ponderadas no processo, segundo devemos inferir da equidade com que a Relação de Lisboa as propulsou, mandando retrahir a calunnia e encorporal-a na consciencia do precipitado juiz que lavrou o despacho de pronuncia.

N'esses primeiros dias de carcere, o visconde foi affrontado com diversos ultrajes — uns que se denominam direitos da justiça, e n'este caso se inclue o estolido e brutal interrogatorio a seu feitor, e o abrirem-lhe as cartas procedentes do estrangeiro — outros que não sei d'onde enxurraram por não ser facil presumir em que lupanar uns trovadores de bordel aconsoantaram as coplas desbragadas que foram cantar-lhe defronte de sua janella no Limoeiro. O visconde rivali-

sou em liberalidade com os insufladores d'aquella selvageria, por que, derramando alguns punhados de cobre sobre os desgraçados interpretes de mais alçados engenhos, os trovadores não voltaram, quer o cobre lhes batesse na consciencia, quer mais levantada categoria os remisse da tão ignobil mercancia dos seus dons apoli-neos.

Umã das cartas, que lhe foi entregue depois de lida, tornara-se suspeita por vir lacrada com as armas e iniciaes do duque de Montpensier. Ao lerem-na, corria-lhes obrigação aos syndicos de se condoerem e envergonharem. Era o duque enviando confortos de amigo áquella familia em luto pela morte da menina que o filho de Luiz Philippe havia conhecido nas salas do visconde de Ouguella. Eis aqui a textual carta onde a alçada do redivivo conde de Basto farejára crime de alta traição :

*• Randam (Puy du Dôme) 26 de agosto de 1872. Mi muy querido vizconde. Por una casualidad acabo de saber la nueva y penible desgracia que v. ha sufrido en este mes. Nos assosiamos todos á su dolor con todos nuestros corazones afligidos tambien por repetidos golpes, y rogamos á v. ser con la vizcondesa y todos los suyos de intreprete de todos los sentimientos que conservan y conservaran siempre hacia v.<sup>es</sup> todos mí hijos y las infantas. Su mas afecto Antonio d'Orleans. •*

O visconde de Ouguella, privilegiado nas graças insinuantes da conversação, e no dom de bemquistar assim o pobre que se valia de

sua magnanimidade, como os favorecidos do acaso de illustre berço que se compraziam do seu talento, captivára a estima do pretendente á corôa de Hespanha na temporada de residencia que sua alteza teve em Lisboa.

Vi, entre outras, a carta que o duque de Montpensier escreveu ao visconde de Ouguella em resposta aos pezames que repetidamente lhe enviára, por aquella celebrada catastrophe do infante de Bourbon, morto em duello. D'esta carta vislumbra um espirito sereno, firme diante da severidade da lei, submisso ao seu destino, igual na coragem com que espera a sentença do conselho de guerra, como esperára a bala no campo da honra, onde fôra attrahido por desaires que antepunham a dignidade ao receio da morte.

É um documento, que nobilita o visconde, e não será de todo menosprezado no archivo da historia :

*Querido vizconde. He esperado hasta hoy para darle las gracias por sus dos cartas del mes passado, y sus repetidos ofrecimientos que tanto aprecio, y que no olvido, ni olvidaré nunca.*

*Espero ser juzgado pronto por um consejo de guerra, segun es de ley por un capitán general. Desde el priméro dia espero y deséo que la justicia tuviera su curso en todo rigor. Recebo muy buenas noticias de Sevilla, donde todos se acuerdan mucho de vizconde y de la vizcondesa a quiten desean haja vizconde presente mis recuerdos, contando siempre con el muy aprecio de su mas afecto Antonio d'Orleans.*

## XII

A difamação portugueza mandou-se photographar no *Times* de 15 de outubro. O signatario é *um portuguez*, e symbolisa n'aquella palavra patronimica os creditos que se devem ao general de Thebas de incorruptivel veracidade.

O leitor curioso deseja informar-se do que nunca poderia saber da sua terra, se o *Times* lh'o não desse de torna-viagem. Póde ahi saber que Lisboa foi sobresaltada por um attentado contra as instituições; mas o mesmo informador desobstrue a sua consciencia biliosa, confessand'o que o governo dera á conspiração proporções que ella não tinha. Depois, conta que alguns chefes da conspiração tem sido presos, como socialistas e republicanos; e por ultimo, já decorridos dois mezes depois da perturbação de Lisboa, dá como quasi restabelecida a ordem. Dois mezes a restabelecer a ordem, mas... restabelecida quasi! Este portuguez, pelos modos, acha proporções diminutas as de uma revolução socialista republicana, e é de opinião que os conspiradores presos visavam provavelmente a estabelecer a internacional socialista, o *beau ideal* da communã. Ora, se o plano dos conspiradores podia ser peor, defenda-nos Deus d'elles, e da historia escripta por este Fr. Bernardo de Brito do *Times*.

Outro periodico, que se publica em Londres, *L'union des actionnaires*, relata os acontecimen-

tos de Portugal com mais elevada critica, sem embargo do colorido um tanto prejudicial á feição verdadeira dos pormenores. Entretanto, no remate d'esse artigo ha um rélevo de verdade que deve amedrontar o paiz, muito mais que o terror das conspirações contra os ministros : A VERDADEIRA REVOLUÇÃO ESTÁ NO THE-SOURO.



## CONCLUSÃO

---

Tracei as linhas principaes da biographia do visconde de Ouguella. Quanto em mim coube, simplifiquei o estylo, por que, se me não engana o conceito d'esta obrinha, espero que m'a leiam mais pessoas dadas ao conhecimento da verdade que aos adornos da escripta.

Escrevi com affecto; mas sem o enthusiasmo que usa empoar a vista da critica; escrevi com a consciencia da iniquidade que offende o meu amigo, mas sem odio aos inimigos d'elle. Entre estes ha uns que eu desculpo, quanto Deus me manda desculpar os ignorantes: soffrem e morrem muitos homens de bem esmagados pela estolidez de oppressores inconscientes, phariseus da politica. Ha outros que têm na alma lumes de razão que lhes não deixa ennoitecer e dormir a consciencia: esses sabem que são infestos á felicidade alheia; encaneceram

na ambição de supremacias que não podiam alcançar abordoados á logica da honra; calejaram a sensibilidade nos atritos que venceram; remessaram-se, a galões da calúnnia, esporeados pela inveja, por de cima de todas as barreiras; e, emfim, receando que a vida lhes fôsse mais breve do que a arte, no ultimo quartel da existencia, tornaram-se ferozes. Taes e quejandos, se a Providencia nos castigasse hoje com um rei absoluto, armariam de cacete os pretorianos da antiga policia, e mandariam apear da Praça Nova a estatua de D. Pedro IV para repôr os espeques no local onde ha quarenta annos espumavam sangue as cabeças expostas.

O povo portuguez teme-se da republica, do socialismo e da fusão iberica; é perdoavel o susto; mas não é racional. Do despotismo é que deve temer-se. A urdidura é mais ignobil que esperta. A luz é immensa, radia por todos os latibulos, a gente põe o dedo no peito dos despotas embrionarios, quando elles se cuidam a fabricar na treva algemas de ferro doirado para a liberdade. Alguns envolvem-se no immaculado manto real, e n'esse mesmo disfarce se denunciam.

Quando a liberdade os defronta com as armas da razão — que outras mais efficazes cahiram na terra onde dormem os 7000 de Ariosa de Pampelido — elles, os successores espurios da herança então ganhada, arrodela-se com os pavezes do paço, e embaralham a inviolabilidade de suas pessoas com a conservação da dynastia.

Dizem-me que o rei de Portugal conhece lucidamente a sua epoca ; mas não tem ainda a consummada sciencia de decifrar os homens do seu tempo, nem é licito increpal-o d'esse desar, sendo tantissimos os caracteres que, durante o seu reinado, lhe vão desfilando por diante da soberania indecisa. A abjecção desfigura uns, a cavillação outros, por que em todos fermenta a vaidade da privança — molestia que se não compadece com os reis constitucionaes, salvo quando a voragem se lhes está abrindo no declive do absolutismo.

Terrores d'essa queda são ainda intempestivos ; mas virá um dia em que não sejam extemporaneos, se a generosa indole do snr. D. Luiz I, guiada pelas santas tradições de sua augusta mãe e de seu adorado irmão, o não emergir acima de baixas intrigas que, sem lhe offuscarem a poeira, podem desfalcar a gloria do seu reinado.

A prisão do visconde de Ouguella é uma injustiça irremediavel, por que ficará sendo sempre um arbitrio com dolorosas consequencias.

O visconde, creado d'el-rei, respeitou sempre a mão magnanima d'onde derivaram copiosamente as honras com que bons serviços e uteis talentos lhe foram premiados. Se a distancia e vida particular o tinham arredado das salas do rei, sobejam provas de reverente amor á familia real ; e, quando ainda essas não desmentissem torpes depoimentos, fôra mister aos que lhe devassaram a consciencia afastar de redor

do homem de bem a escumalha social que o malsinou.

Os inimigos do visconde, acercando-se de delatores esponjados na escoria, deviam tremer pela responsabilidade que puzeram sobre si, identificando a justiça á consciencia d'elles. Se o seu proposito era quebrarem o braço robusto do marquez de Angeja ou apavorarem o animo em demasia aventureoso de conde de Magalhães, resalvassem a dignidade, respeitassem a liberdade de um homem, que tanto os não temia que os esperou com o socego de innocente, absorvido na angustia em que o sosobrara a morte de sua enteada. Diante da serena obediencia do preso desprevenido devia de retrahir-se a iniquidade corrida de sua crueza. No momento em que tamanha punhalada se dava no seio de uma familia, os empenhados em seduzir a boa fé e impróvida bondade d'el-rei, deviam, por meio de seus servos agaloados, remediar a continuação da affronta, convertida já em cinco mezes de ferros.

Se o trinunal da Relação pudesse encadear-se a respeitos ignominiosos, o visconde de Ouguela estaria hoje deshonorado como inimigo do rei e da patria. Seria mister um heroico esforço, senão milagre de consciencia illesa, para não succumbir á grandeza do opprobrio confirmado por lei, e propagado na voz publica. Os respeitaveis juizes levantaram de sobre aquella alma um enorme peso de vilipendio ; mas a liberdade, o sol, o contentamento, a familia, todos os direitos da existencia honrada lhe foram violados,

e postos como hecatombe na ara onde o ministerio se balanceia a si proprio o incensorio, cobrindo-se com o docel do throno.

Que esperam d'esta abortada prenhez de odio os campeões equivocos da liberdade?

Não esperam nem receiam. É-lhes resalva o poder.

Demonstrada a innocencia do visconde de Ouguella, no que respeita á gravidade da culpa arguida, que ha depois que vêr entre o innocente illibado e os inimigos convictos da calumnia? Não ha que vêr nada. Ha a irresponsabilidade da infamia que se agacha na escuridão das suas ciladas. Ha a publica indifferença, que tanto monta quando injuria como quando louva. Ha, para o dizer em duas palavras, um ministerio que triumphava, logrando ter no carcere o homem que poderia odial-o, mas que nem sequer lhe tramou a queda.

Quando esta verdade, que me está na consciencia, illuminar a opinião do povo, o visconde de Ouguella terá padecido muito para que a bemquerença dos seus concidadãos o indemnisse. Elle sahiu de sua casa chorando um anjo, que lhe cahira do seio de pai aos braços da morte; e, voltando ao seio de sua familia, chorará ainda a perdida esperança na dignidade de sua patria, depois de haver recebido no Limoeiro a recompensa dos quarenta annos de serviços de seu pai velados no altar, onde D. Pedro IV deixára invulneradas a liberdade e a honra de a defender.

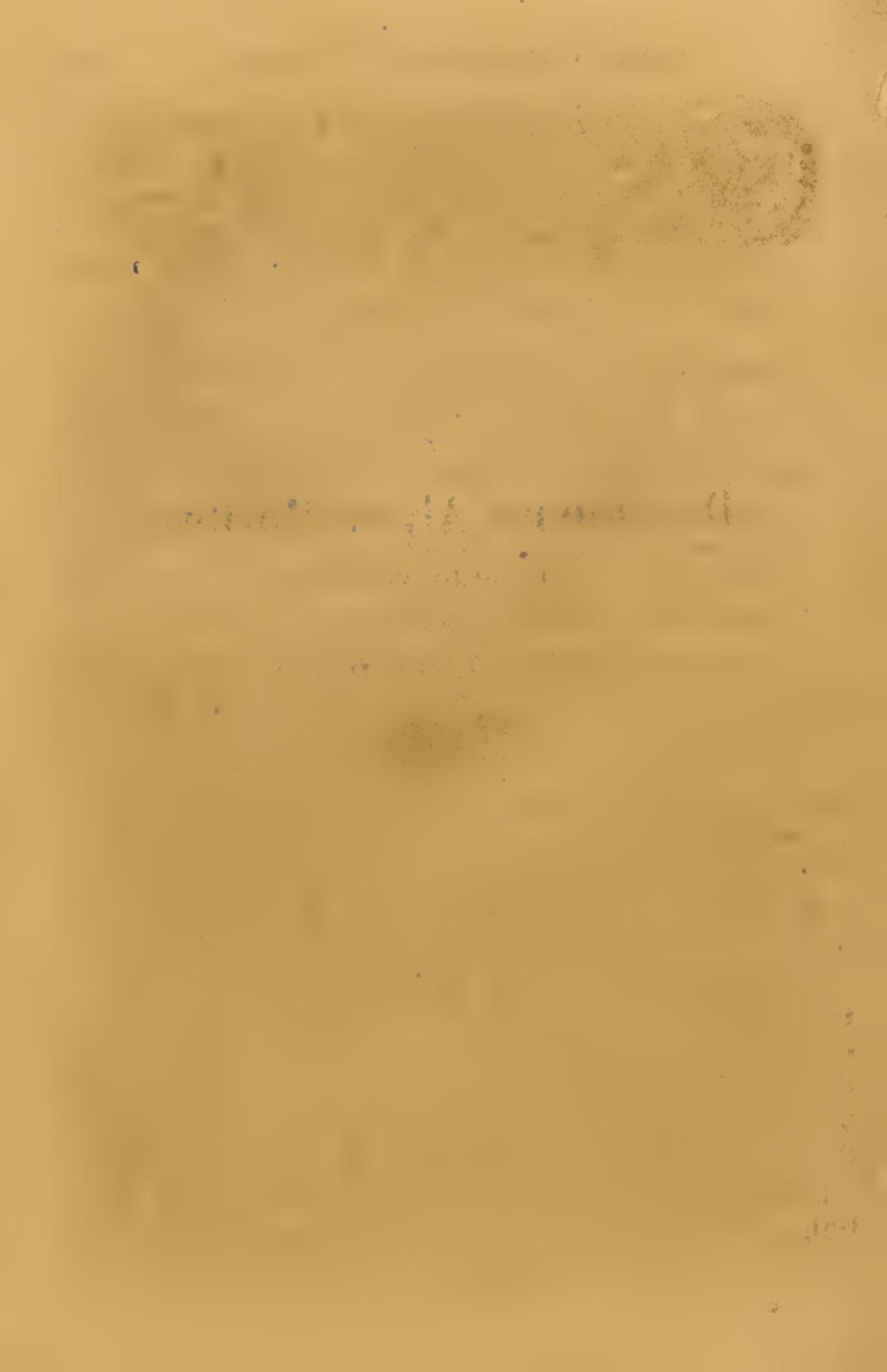
---

# D. Antonio Alves Martins

BISPO DE VIZEU

—

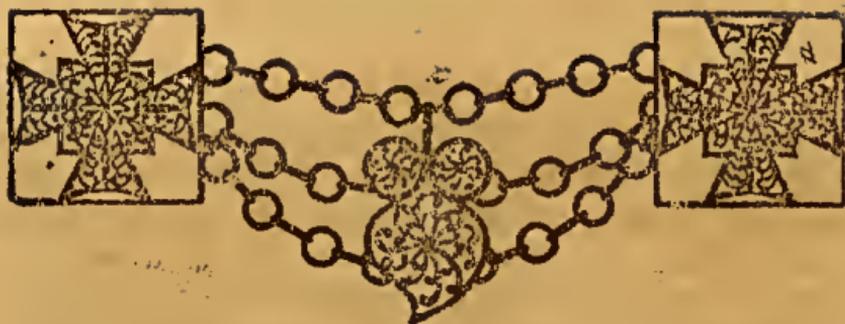
Esboço biographico





É agradável e não commum esboçar alguns traços da vida de um varão benemerito, cujos antepassados, praticando obscuramente o bem, nos não intimam o dever de lhes attribuir ou inventar proezas civicas. Em tempos não remotos, quando era costume inculcar ou explicar, pelo decoro da stirpe, virtudes ou heroismos, raro biographo se sahia limpa e airosamente de ao pé do berço humilde do seu heroe. É vêr o empenho pouco menos de lastimavel dos que inventaram avós fidalgos a João Pinto Ribeiro, como se o esplendor de seu patriotismo fôsse demasiado para um só homem, e devesse, em vez de ir adiante afidalgar vindouros, retroceder aos passados, e lustrar-lhes as sepulturas em galardão posthumo! Donosa e bizarra fidalguia é uma que nos faz sentir que o é, por que ha ahí natural fronteira entre bom e mau :

é a que vemos gerar-se, florir e fructear sem inculcadas e vans precedencias ; é a que assignala os homens prestantes, alumíando-os de luz sua, a fim de que a posteridade os extirpe da sombra, se os contemporaneos não puderam ou não quizeram aquilatal-os desassombradamente. Homens d'este vulto, per si mesmos nobilitados, não se procuram no berço : é em meio de nós, é desde o momento que os vimos receber da gratidão publica os títulos de sua nobreza.



O sr. D. Antonio Alves Martins, doutor na faculdade de theologia, bispo de Vizeu, par do reino e ministro de estado honorario, nasceu na Granja de Alijó, provincia de Traz-os-montes, aos 18 de fevereiro de 1808. Modesta abundancia e laboriosa probidade — excellencias congeneres da profissão agricultora — honravám e felicitavam a familia de que procede o sr. bispo de Vizeu.

Dado que a sua iniciação a estudos superiores não levasse o intento posto em determinado destino, motivos, em que talvez seria grande parte a obediencia, moveram o moço de dezeseis annos a entrar na Terceira Ordem de S. Francisco chamada da Penitencia, cuja casa capitulo era em Lisboa.

Não é já hoje em dia mui vulgar a noticia da illustração em que primacialmente se avantajava aquella corporação religiosa, cujos serviços litterarios e evangelicos ahi estão consignados nas *Memorias historicas* do arcebispo Cenaculo e nos variados escriptos de fr. Vicente Salgado. Nenhuma ordem, digamol-o assim, acabou com mais brilhantes fins de existencia gloriosa, atravéz de quatro seculos. Alli principalmente se ensinaram a diplomatica e as linguas orientaes; d'alli sahiram abalisados mestres de grego e hebraico, arabe e syriaco.

Muito de industria lembramos esta clausula quasi inutil, por que temõs lido e ouvido considerados se não indoutissimos conceitos dos Regulares da Terceira Ordem de S. Francisco. Não será pois descabido lembrar a juizes menos competentes que a livraria, actualmente chamada da Academia real das sciencias, era a d'elles.

Em 21 de maio do 1825 vestiu o snr. Antonio Alves Martins o habito de professo, e passou a estudar philosophia no Collegio do Espirito Santo em Evora, doação de el-rei D. José á Terceira Ordem, em 1776, extincta a Companhia de Jesus. Em outubro do anno seguinte, matriculou-se no collegio das Artes, com o proposito de seguir o curso universitario, frequentando alternadamente as aulas de mathematica, philosophia e theologia.

Cursava o distincto academico o seu terceiro anno da universidade, quando as renovadas idéas de 1820 agitavam febrilmente os animos

de grande numero de escolares — aquella phalange de generosa mocidade, predestinada a ser tão grande parte na propaganda dos principios liberaes e na occupação dos mais eminentes postos da representação nacional. O alumno de theologia, posto que ligado a uma corporação religiosa, alliou-se aos propugnadores do governo representativo, sem todavia emparceirar-se com os injustificaveis bandos que intermetteram uma pagina de deshonra indelevel na historia dos asperos sacrificios d'aquelle periodo.

Desde tenros annos a condição do snr. Alves Martins sahiu avêssa a reбуçar ou sequer temperar calculadamente as suas opiniões politicas. Este franco destemor e afouta energia foi sempre, é, e apezar da experiencia será sempre a mais relevante physionomia do snr. bispo de Vizeu. Á ousadia de manifestar-se afeiçãoado á revolta militar do Porto, de 16 de maio de 1828, seguiu-se ser riscado da universidade, quando frequentava o terceiro anno theologico. Sem embargo, o snr. Alves Martins proseguiu nas aulas da sua congregação; e, concorrendo ás cadeiras de philosophia e theologia, recebeu o premio de sua applicação e creditos, sendo logo, e tanto na flôr da idade, nomeado mestre da Ordem. Os condiscipulos do estudioso mancebo ainda hoje recordam a viveza, penetração e discernimento com que elle se igualava aos mais distinctos.

Não estava, todavia, aquelle alvoroçado espirito ainda maduro de feição para pautar-se ao magisterio. Impulsavam-no estimulos infle-

xiveis a quinhoar dos perigos e honras nas luctas que estrondeavam fóra e dentro do claustro. Era aquelle um tempo em que todo homem olhava para o horisonte do dia novo, bem que a uns se figurassem de fogo destruidor as côres da aurora, e outros a saudassem como luz redemptora a alvorejar civilisação para o mais ignaro, escuro e abatido torrão da Europa. Alves Martins não podia pertencer ao numero dos prudentes que, adorando a occultas a idéa, sopesavam com os açamos de uma discreta expectativa os impetos de a confessar e servir. A experiencia mostrou seguidamente que estes sisudos foram depois os primeiros que sahiram enramados a rojar os louros nos tapetes dos ministros de 1834 : por onde se prova que a prudencia é sempre de medranças, ainda quando uma san terminologia a alcunhe de artilosa.

Como quer que fôsse, Alves Martins, no momento em que as tropas liberaes rebeladas no Porto evacuavam Coimbra, sahiu do collegio, acompanhou-as, e sentou praça no regimento de Voluntarios de Alijó. Sem demora, lhe foi instaurado processo no tribunal secular e nas commissões militares de Traz-os-montes ; o profugo, porém, recolhendo-se ao claustro, pensou talvez que a perseguição, empenhada em exterminar inimigos mais temerosos, o esqueceria. Era, em verdade, ter em coisa de pouco a memoria das testemunhas juramentadas no seu processo !

Em 1832 foi nomeado capellão da armada : fóra-lhe imposto o encargo sob obediencia, por-

que da Terceira Ordem sahiam os padres para os navios do estado (1).

(1) « No réinado do snr. rei D. Sebastião é que os Religiosos (*regulares da 3.<sup>a</sup> Ordem*), amantes da patria, do serviço do rei, da sua gloria e do zêlo da religião catholica, a exemplo dos distinctos missionarios, que tinham fructificado tanto na Asia, foram á infausta jornada d' Africa, acompanhando os seus parentes e amigos, capellães dos terços e das náus de transportes, em serviço da corôa . . . ficando desde aquelles dias conservado o distincto logar de capellão-mór das armadas reaes em Religiosos d'esta congregação, por especial graça dos Soberanos d'esta monarchia. » *Fr. Vicente Salgado. Compendio historico da Congregação da Terceira Ordem de Portugal. Lisboa 1793, 8.<sup>o</sup>, pag. 71, e seg.* Ao mesmo proposito, veja o arcebispo Cenaculo nas *Memorias historicas, Appendix Segundo, art. sobre a Capellania-mór*, pag. 297, onde vem transcriptos excerptos das *Ordenanças de Marinha* de Filippe IV.

Não pareça prolixa e descabida a nota. Ha poucos mezes que mais de uma gazeta presumidamente illustrada fingia ignorar que os capellães da armada eram obrigados ao exercicio d'esse ministerio. O proveito d'esta simulada ignorancia rendia tão sómente aos publicistas injustos a satisfação de poderem denegrir o ministro do reimo, de 1969, de miguelista em 1832, por que andára por aquelle tempo em navio do governo na qualidade de capellão. Não são estas impericias as de que mais se peja a liberdade de escrever. Seria mister que a ignorancia fôsse, por meio da gazeta, contagiosa para que semelhantes aleivosias vingassem.

Poucos mezes depois, o capellão, cuja pertinacia em ser liberal o tornára por demais esquecido do instaurado processo, foi de novo processado na Majoria General, preso nas cadeias de Coimbra, e sentenciado com mais tres companheiros na Conservatoria da Universidade.

Na tarde do dia 28 de janeiro d'aquelle anno uma leva de presos ida de Coimbra para Almeida conseguiu fugir na altura de Santo Antonio do Cantaro, favorecida talvez pelo commandante da escolta. N'aquella leva iam tres presos já sentenciados na Conservatoria. A sentença era um modelo de concisão e ferocidade. Chegados a Vizeu, deviam ser espingardeados no campo de Santa Christina. Um dos tres condemnados era o snr. Antonio Alves Martins.

As alegrias d'uma salvação muito incerta não compensaram ao sentenciado e a tres companheiros as angustias que se seguiram. Desviados de todo trilho, desprovidos do minimo recurso, e até desconfiados da caridade do lavrador a quem pedissem um pouco de pão e agasalho, durante onze dias e noutes, erraram, por serranias, retranzidos de frio e fome. Quando ao nono dia de tamanha miseria chegaram á margem do Mondego, junto de Villa Verde, e reconheceram que o passo era guardado por sentinellas, os quatro fugitivos ás nove da noite entraram na agua, e, como submersos em uma salina, esperaram quatro horas de formidavel agonia a menos perigosa oportunidade de vadear o rio. Dois dias depois chegaram a Leiria,

onde se apresentaram ao tenente-coronel Vasconcellos, hoje visconde d'aquella localidade.

Comquanto a robusta mocidade de Alves Martins se aguentasse na lucta com os trabalhos d'aquella fuga, o resultado funestou-se-lhe depois, sobrevindo-lhe um typho para o tratamento do qual o hospital de Leiria lhe favoreceu uma enxerga. Apenas convalescido, passou a Lisboa; e, terminada a guerra civil, voltou a continuar seus estudos em Coimbra, onde se graduou em theologia, por 1837, deixando as faculdades de mathematica e philosophia no segundo anno.

Na lista dos estudantes perseguidos e por tanto agraciados pela lei de 1834, estava o nome de Antonio Alves Martins. Elle, ainda assim, dispensando-se dos beneficios da lei, sujeitou-se ás praxes, frequencia e provas dos restantes academicos. Aceitou apenas os doze mil réis que lhe pertenciam como a egresso da Terceira Ordem. Eis ahi o primeiro lance de desinteresse que será o precursor de outros testemunhos de não vulgar desprendimento.

De mais d'isto, um homem no vigor dos annos e sasão das aspirações, com justa causa para desvanecimentos de meritos, uns ganhados com seu eminente espirito, outros adquiridos pelos transees que correu a sua vida no serviço da causa triumphante, ahi o temos concorrendo a uma cadeira de philosophia no Lyceu do Porto para grangear o pão da independencia, visto que o despacho para o magisterio universitario se demorava. Mas, nem ainda ahi, nome e serviços

lhe complanaram dificuldades. Um antigo professor obteve, annullado o concurso, despacho fundado em direitos de já ter exercido o ensino. Alves Martins concorreu novamente á cadeira de historia e geographia para a qual foi despachado em 1839.

Assombra e entristece ao mesmo tempo o confronto das ambições descompassadas que hoje em dia saltam e bravejam de nomes obscurissimos, e a modestia, comedimento e parcimonia dos homens de então, os quaes tão afastados já parecem d'estes nossos dias! E todavia, são de hoje, são nossos contemporaneos! Que decorosos bríos não reportavam o animo dos que se davam por bem pagos de ser livres para poderem buscar sua parca vida no ensinamento da mocidade! Claro era que Antonio Alves Martins não podia abastardar os dons da intelligencia, malbaratando-os em incenso ao poder — em escambo de mercês que lhe permitissem, inerte na força da idade, e no regalo de lerdos ocios, descurar como incómmoda esta coisa onerosa chamada honra do trabalho.

Tres annos passados, o professor do lyceu foi eleito deputado.

A sua entrada no parlamento em 1842 abriu mais um exemplo dos damnos que fomenta a rigidez do character vinculada ao arrojo da censura. O snr. Alves Martins distinguio-se na opposição. Os seus discursos não eram preparados com a engenhosa paciencia dos que attentam superiormente ao brunido e terso dos periodos, e a miudo pompeam enfeites academicos em as-

sumptos de seu natural simplissimos. Como a sua eloquencia brotava subita das convicções, e a cada passo os desacertos do poder lh'as estimulavam, não se lhe fazia mister o prévio labor da composição litteraria das suas orações. O snr. Alves Martins era, primeiro que tudo, dialectico, assim destro quanto laconico; umas vezes severo, outras asperrimo, mas sempre justo, e escutado com respeitosa attenção de parciaes, e adversarios, entre os quaes se procuravam sempre os mais audaciosos para o impugnarem. A austeridade de sua indole, inflexa ás chamadas conveniencias partidarias, singularisava-se por uma honrada obstinação propriamente com os erros da sua parcialidade. Os do seu lado impacientavam-se magoados quando as frechas do intemerato argumentador lhes iam apontadas e mais penetrantes que as dos adversos. Que montava isso á serena consciencia de Alves Martins? Os seus amigos politicos deixavam de o ser, logo que exhibissem, como diplomas de consideração, polluir-lhe por effeito d'uma forçada condescendencia a inteireza de seus principios sempre liberaes, e ao mesmo passo moderados e conciliadores. Contra as demasias do poder achamol-o sempre em reacção vigorosa, quer os governos se fortalecessem na complacencia do throno, quer no apoio faccioso dos plebiscitos. No seu animo tanto impendiam influencias patriciatas como populares. Abusos de ambas as procedencias lhe eram por igual odiosos, e o sobreexcitavam a extremos de não poder estancar o impeto das phrases excessivamente

acrimoniosas, se algum contendor lhe recalci-trava com desabrimento. Assim o vimos sempre e com indomavel pulso nas accesas disputas com o actual visconde de Souto Maior (1).

Acima escrevemos que a sua entrada no parlamento inaugurára mais um exemplo dos danos inherentes á rigidez de caracter e aos atrevimentos de uma franca reprobção. O governo, para lhe fazer sentir seu desagrado, á custa d'uma injustiça sem disfarce, preteriu-o no despacho universitario. Este facto devera capitular-se de inveterada desmoralisação, se antes não fôsse uma especie de direito consuetudinario nos governos que todos se estribam na adhesão dos amigos, e por amor d'elles supplantam a justiça dos contrarios. E tão perversor direito explica as abjecções, as apostasias, os envilecimentos contra os quaes Antonio Alves Martins, desde deputado até ministro do reino, desde conventual de Jesus até prelado vizicnse, se levantou sempre com honesta sobranceria.

Verdadeiramente, contra adversario d'este

(1) Nos *Apontamentos sobre oradores parlamentares em 1853 por um Deputado*, (o snr. Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara) lê-se ácerca do snr. Alves Martins :  
 • Tem physionomia carrancuda e é um pouco desabrido  
 • no seu trato. Quando aggride o contrario, não usa  
 • precauções oratorias, nem cuida em lhe dourar a pi-  
 • lula. Está sempre em occasião proxima com o snr.  
 • Antonio da Cunha e, se travam lucta, não ficam a de-  
 • ver cada um ao outro,

folego não bastavam os athletas parlamentares. Urgia ao poder suspeito espial-o no escuro das noites e ladeal-o de quadrilheiros.

Antes de ser deputado, já o snr. Alves Martins, no ultimo anno de sua formatura, em 1837, havia sido preso em Coimbra como cúmplice na revolta dos marechaes — lance que passou totalmente alheio da sua menor interferência. O illustre preso devia ainda conhecer no carcere, que lhe davam os livres, a tabua que lhe tinha dado o governo dos escravos. Apenas se haviam interposto tres annos desde a sentença de morte lavrada na Conservatoria até ao mandado de captura da auctoridade constitucional!

Sendo deputado, foi preso em 1843, ou, como quem quer adoçar o termo, foi detido por que entrava por noite alta em conciliábulos revolucionarios.

No seguinte anno, 1844, estando no Porto, foi intimado para encarcerar-se no Castello da Foz, como faccionario da revolta militar d'aquelle anno. Governava então o districto o snr. Antonio Emilio Brandão, cavalheiro cujas virtudes ainda não foram puídas pelo atrito da politica. Dignou-se a auctoridade ouvir as declarações do indiciado como conspirador; e, suspensa a ordem de prisão, deixou-o vigiado pela policia.

Escusado é procurar o snr. Alves Martins estranho á revolução de 1846 e 1847. Conheceu os homens, que formaram o gabinete revolucionario, visinhou d'elles com o seu conselho e pra-

tica dos negocios; mas pendemos a crer que muitissimos actos da Junta, nomeadamente os militares e diplomaticos, mereceram a sua re-provação; mais ou menos expressada no opusculo NOVE DE OUTUBRO, que S. Ex.<sup>a</sup> publicou, historiando os successos tumultuosos da contra-revolução (1).

O snr. Antonio Alves Martins não conheceu o andamento da revolução sómente pelos « boletins » das manobras e batalhas impressos nas gazetas. Viu-a de perto, bem no centro dos perigos, tomando d'elles o quinhão que lhe quadrava, como a homem que em si sentia impulsos de defender no campo a causa que patrocinára na imprensa. Ha ahí o quer que seja grandioso

---

(1) Em 1849, José da Silva Passos, fiando demasiadamente da nossa idoneidade para historiador, nos convidou a escrever, sob sua influencia, a *Historia da Junta do Porto*. Como lhe perguntássemos que valor devíamos dar ao *Nove de Outubro* escripto pelo snr. Alves Martins, nos respondeu o ex-ministro da Junta: « Alves Martins não sympathisava connosco. Se o tivéssemos feito ministro da guerra, tudo isto tinha voado n'uma barrica de pólvora. »

José Passos, gracejando, consoante o seu genio ás vezes brincão, n'aquellas palavras desconcertadas de sentido e substancia elogiava involuntariamente a actividade resoluta de Alves Martins, e censurava a accommodaticia e transigente indole de alguns seus collegas postos em trabalhos onde o seu temperamento soffria grande violencia.

que nos avulta a proporções improprias d'este tempo o homem de letras de par com o soldado não esquivo aos trances das pelepas. A hypocrisia não acha edificativo o lance; mas os espiritos despreoccupados admiram e respeitam a coragem que entendeu dever ao bem da sua patria, a um tempo, os serviços do braço e os thesouros da intelligencia.

Terminada a guerra civil pela convenção de Gramido, continuou o professor a reger sua cadeira, e simultaneamente redigindo o *Nacional*, diario então organizado para sustentar os principios da reforma, abastardados senão derruidos pelo gabinete constituido depois da convenção. O trabalho assiduo de S. Ex.<sup>a</sup> era gratuito como antes e depois aconteceu em todos os periodicos de sua collaboração. Concorremos então na parte litteraria do *Nacional*. Com intima saudade nos recordamos da lhaneza e cordeal critica com que o primeiro redactor politico nos acoi-mava de frivolos ou louvava por esperançosos uns folhetins com que nos ensaiavamos para esta lida indefessa de vinte annos.

Os artigos do snr. Alves Martins, redigidos com admiravel presteza, e momentos antes ou simultaneos da composição typographica, eram modelos de polemica, e ás vezes retalições um tanto acerbas para os adversarios. Passos Manoel, avaliando o caloroso publicista como escriptor politico, elevava-o á eminencia entre os melhores. N'aquelles annos de 48 e 49, o *Nacional* primou no seu progressista e liberalissimo programma, confiado ás superiores capacidades

de Alves Martins, Parada Leitão, Evaristo Basto, e Nogueira Soares.

O espirito publico estava disposto a coadjuvar a revolução militar de 1851, acaudilhada pelo marechal Saldanha, e resurgida da sua prostração por alentos de alguns seus confederados no Porto. No esforçado numero dos cooperadores da intitulada « Regeneração » alistou-se o snr. Alves Martins, posto que a politica do snr. duque de Saldanha lhe não abonasse mais prosperidades nacionaes que a politica do snr. conde de Thomar. Uma e outra, mais ou menos aulicas e filiadas na côrte, eram pouco menos de facciosas, e mais que muito impopulares. A nosso juizo, o snr. Alves Martins, considerando que o antagonismo pleiteava entre dois validos a disputarem-se privança e influencia, teve como politico e acertado expediente apoiar o mais fraco, para assim, removidos os estorvos dos nomes panicos, abrir novo horizonte ás reformas desejadas, e subverter os elementos reaccionarios. Este seria, porventura, o proposito do solerte politico e de outros notaveis correigionarios da Junta consubstanciados na revolução.

E, de feito, a phase da nova politica, animada pelo talento sagacissimo e genio conciliador de Rodrigo da Fonseca Magalhães, inaugurou-se com arcs de sciencia nova em materia de governar. Homens de arraiaes contrarios congraçaram-se no mesmo intuito, fatigados dos vaniloquios da tribuna, e cortados dos desastres da guerra civil. Iniciaram-se na adminis-

tração algumas intelligencias devotadas ao progredir material, ao adiantamento procedente dos estudos economicos, descurados até áquelle tempo em que, pelo ordinario, os mais loquazes parlamentares pareciam ainda remodelar as suas theses pelas recordações tribunicias das primeiras camaras, estudando a eloquencia em Ferreira Borges e Fernandes Thomaz. Então se viu esfriarem os entranhados despeitos, apagarem-se as inspirações sonoras dos questionadores politicos; e communicarem-se uns a outros o mesmo impulso de apoio para obras publicas, estradas, telegraphos, portos maritimos, reformas aduaneiras, desvinculação da terra, emfim, operou-se estranhamente a communhão de todas as vontades no estudo e exploração dos processos de riqueza que as nações prosperas nos exemplificavam.

Mas emquanto os videntes do progresso material pindarisavam os adais da idéa nova, o governo, inaugurado em 1851, delapidava e prodigalisava, como se o edificio novo houvesse de ser cimentado sobre as ruinas da fazenda nacional, e o povo, que farte empobrecido para tão descommedidas despezas, devesse ser sacrificado aos creditos dos iniciadores do progresso.

O snr. Alves Martins retirou o seu apoio ao governo. Estava com o povo e contra as demasias do poder. Estava com o progresso; mas progresso compativel com a debilidade do thesouro.

Em novembro de 1852, obteve S. Ex.<sup>a</sup> a nomeação de lente de theologia: suscitando-se

duvidas, no entanto, sobre a antiguidade que lhe competia, renunciou o magisterio, optando pela cadeira canonical na sé patriarchal de Lisboa.

Continuou militando já na opposição, já nas maiorias, assim na imprensa como no parlamento, por espaço de nove annos.

Em 1861, foi nomeado enfermeiro-mór do hospital de S. José, onde se disvelou quanto cabia em suas muitas faculdades e prestantissimos alvitres. A imprensa louvou-o unanimemente pelas reformas que em sua administração se operavam. Cortou abusos. Pautou rigorosamente obrigações. Gratificou serventuarios benemeritos. Exautorou os nocivos. Feriu pela raiz a arvore dos desperdicios á sombra da qual se medravam muitos, com agravo da pobreza e do infortunio. E tamanho affecto cobrou o novo enfermeiro-mór áquella casa de dôres que, volvidos annos, e já ministro do reino, se lhe estava sempre desentranhando em beneficios, convertendo em pão e cobertura as liberalidades das pessoas que por ellas, mais do que pelas mercês, se então nobilitaram.

Approuve a S. Magestade galardoa-lo com a commenda da Conceição pela sua benemerencia no exercicio de enfermeiro-mór. O snr. Alves Martins rejeitou a graça por entender que o cumprimento d'uma obrigação não era caso para condecorações.

De passagem notaremos no despacho d'este afanoso encargo um successo que motiva saudades: foi este despacho o ultimo que o snr.

D. Pedro v assignou. O amigo dos infelizes, ao despedir-se d'elles, enviava-lhes uma alma cheia de generosa rectidão a zelar-lhes o seu patrimonio. Bem escolhido protector para desvalidos que — bem o sabem os que de perto convivem com o illustre prelado — facilmente enternece-reis a lagrimas e vereis commiserado aquelle aspeito que se vos figura severo e inaccessible ás dôres maviosas da compaixão.

Em julho de 1862 foi apresentado bispo na sé de Vizeu o snr. D. Antonio Alves Martins, confirmado no consistorio de S. Matheus, e sa-grado em dia de todos os santos. Como a doença o impedisse, governou a diocese por procura-dor, até que em janeiro de 1863 fez entrada so-lemne na sua cathedral. No tempo que medcou entre a sua apresentação e confirmação, rece-beu um breve de S. Santidade, encarregando-o do regimento da diocese, na qualidade de viga-rio apostolico, a fim de debellar o scisma que lavrava no bispado, á conta da nomeação do vigario capitular. Fôra o caso que o cabido des-contente, recorrendo a Roma, obtivera annullar a segunda eleição. Recusou-se o snr. bispo a cumprir o breve, posto que honroso para S. Ex.<sup>a</sup>, emquanto S. Magestade o não approvasse. Tra-vou-se alguma contestação entre o prelado e o nuncio que se dispensava do placito regio. O breve, porém, não se cumpriu. O snr. D. Anto-nio antepoz o respeito da lei portugueza ao ar-bítrio romano. Só depois da sua sagração, é que S. Ex.<sup>a</sup> entendeu nos negocios da sua diocese. Foi esta uma judiciousa inflexibilidade de ca-

racter que se decidiu pela dignidade nacional contra a jurisdição prelaticia. As insignias do principe da egreja, honorificadas pela confiança do chefe da christandade, não o demoveram de acatar submissamente os fóros do chefe da nação. Louvavel rigidez de primoroso animo que em cada acto nos está sobrepujando a medida vulgar.

O zêlo da missão prelaticia divorciou-o fundamentalmente da politica. A sua cadeira na camara alta, ao invéz de mui naturaes conjecturas, esteve por espaço de annos devoluta. O solícito prelado dedicou-se de coração aos cuidados pastoraes, quer morigerando abusos, quer envidando esforços na educação do clero.

No primeiro anno fez tres ordenações; e, nos seguintes, ordenação geral e unica nas temporas de S. Matheus, attendendo ao proveito dos ordinandos.

Aqui vem de molde um factó cuja notoriedade nos corta delongas no memoral-o. De natureza estranha foi elle, e, como tal, soou com grande estampido dentro e fóra do paiz.

Em junho e julho de 1867 concorreu S. Ex.<sup>a</sup> a Roma para assistir ás festas do centenario de S. Pedro e canonisação de alguns santos. Em certo dia o soberano recitou na capella sixtina um como discurso do throno ao qual é de estylo responderem os bispos como uma saudação a S. Santidade. N'esta saudação, previamente elaborada, realçavam pontos doutrinarios e controversos grandemente incongruentes com as convicções do prelado viziense ácerca da infallibilidade e do poder temporal do papa. A sauda-

ção ou resposta ao discurso pontificio não havia sido discutida nem consentaneamente redigida por alguma assembléa episcopal. Era papel já de antemão impresso, como se o contheudo fundamentasse em dogmas incontradictaveis na christandade. Os prelados concorrentes á capella sixtina, no acto de se apartarem, receberam convite impresso a comparecerem, no seguinte dia, no palacio Altieri para o intento de lerem e assignarem a saudação. O cardeal, que rubricava o convite, não solemnisou com a sua presença a assembléa dos prelados, os quaes, ao compasso que entravam, iam recebendo os exemplares, e eram advertidos que lessem, assignassem e os não levassem. O snr. bispo de Vizeu, já que ninguem abria discussão, nem o peremptório do aviso a permittia, leu e deliberou, também péremptoriamente, não assignar.

Em o 1.º de julho, appareceu a saudação a S. Santidade em acto solemne, ao qual o snr. D. Antonio, divergente de seus collegas, não concorreu. Não obstante, entre os signatarios d'aquelle protesto pela infallibilidade e poder temporal encontrou o bispo portuguez o seu nome. Sem interpôr tempo, S. Ex.<sup>a</sup> protestou, por via do embaixador de Portugal em Roma, contra a sua assignatura nem feita nem auctorisada. O nobre prelado, protestando d'este theor, não cogitava em assoprar escarceus que déssem a lembrar as divergencias das christandades primitivas, quando as duvidas sobre infallibilidade dos bispos de Roma eram suscitadas por venerandos prelados que tinham bem

no vivo de sua fé as tradições dos primeiros seculos. Da parte de S. Ex.<sup>a</sup> o intuito era natural e simplissimo : repellir uma tal qual fraudulencia, equivocamente piedosa, que envolvera a falsidade d'uma assignatura, e violencia de especie nova, imposta á sua consciencia. Não obstante, o episcopado catholico, ardendo em espirito menos santo, assanhou-se com o desusado procedimento, como se ahi pelo seculo iv algum discipulo de Arius ousasse, á face da cadeira de S. Pedro, contender sobre os divinos fundamentos da religião de Jesus. E, todavia, o snr. bispo de Vizeu protestára singelamente contra a falsificação de sua assignatura, denegando-se a subscrever a infallibilidade do papa, como ninguem subscreveu nos primeiros sete seculos da igreja, tal qual e pelas mesmas palavras com que a declinou de si o papa S. Gregorio Magno, e como, ha poucos dias, o protestou o eminentissimo Dupanloup na sua ultima pastoral. O que muito aggravava a culpabilidade do nosso bispo não era a duvida : era o protesto. Não cresse embora ; mas . . . emmudecesse. O que era, pois, dignidade, foi malsinado de orgulho. O dissentir de seus collegas, n'um acto a que todos porventura ligavam minima valia, foi havido em nota de rebellião propria dos here-siarcas que parvamente forcejavam por que as portas do inferno prevalecessem.

Lamentavel é dizer-se que este caso passou hontem ; e que a mais pronunciada feição de tal conflicto seria irrisoria por conta de Roma, se não fôsse profundamente triste !

O snr. bispo de Vizeu, impassível ás graves censuras e encontrado pela opinião de todos seus collegas, contentou-se bastantemente do applauso da consciencia, como quem, reclamando contra a falsificação do seu nome, praticava um mero acto de moralidade, sem discutir se os apophtegmas de Hildebrando ou as Decretaes de Isidoro Mercador deviam ser de novo aquecidos ao sol do seculo XIX.

Uma commissão de tres prelados procurou seguidamente o snr. bispo para lhe declarar que fôra engano e não proposito a subscrição do seu nome no documento official. A esse tempo já o snr. D. Antonio havia sahido de Roma. A mesma commissão declarou o equivoco, perante o embaixador de Portugal, pedindo que se transmittisse a satisfação ao prelado portuguez, e se lhe pedisse que se houvesse por contente. Em Paris recebeu o snr. D. Antonio o officio do secretario da embaixada, relatando os successos, e solicitando o remate da pendencia. Conveio S. Ex.<sup>a</sup> no desejado termo de tão ruidoso quão simples incidente, bastando-lhe que na legação portugueza em Roma se inscrevesse, muito ao claro, que o bispo viziense não assignára nem mandára assignar a saudação ao pontifice, infallivel e monarcha.

Recolhido á sua diocese, o tranquillo prelado enviou cópia de todos os documentos substanciaes d'este conflicto ao ministerio da justiça, esclarecendo o seu poder em Roma. O governo, accusando a recepção do relatorio e documentos appensos, absteve-se do louvor e da censura.

Nem o louvor se fazia mister ao socego do pun-donoroso bispo : nem a censura, se tamanho vilipendio sahisse emparceirado com a inepecia, poderiam molestal-o senão como testemunho de impertinente ignorancia ou refohada hypocrisia.

Entretanto, ao passo que uma parte da imprensa louvava a probidade do snr. D. Antonio, fundamentando o elogio em racionalissimos argumentos por nenhum modo attentatorios dos justos direitos da theara pontificia, alguns menos sabios que pios fautores da moradia perpetua do espirito santo no Vaticano, e do patrimonio do principe dos apostolos, e da legitimidade monarchica de Innocencio IV e João XXII sahiram contra o snr. bispo de Vizeu, já em periodicos mais ou menos trasladados mascavadamente de Joseph de Maistre, já em cartas impressas e subscriptadas com irrisorio desplante e grosseiro desprimor ao douto prelado. Não redarguiu S. Ex.<sup>a</sup> a semelhantes artigos e cartas constantes de maravalhas triviaes de sabatina do primeiro anno theologico com que usa estofar-se esta ordem de coisas piamente ignaras — quaes o auctor d'este opusculo as escrevia n'um tempo em que estudava historia ecclesiastica, provando assim que a não tinha estudado. Não redarguiu S. Ex.<sup>a</sup>, por que não se houve por deslustrado com censuras innocentes quasi degenerando em parvoçadas. O antigo mestre de sua congregação, o doutor em theologia, o letrado, o bispo não devia responder.

Abstrahido á politica, e empenhado novamente nos seus cuidados apostolicos, aperce-

bia-se S. Ex.<sup>a</sup> para visitar o restante do seu bispado — como remate á mais capital tarefa da missão episcopal — quando foi convidado pelo snr. duque de Loulé para ser parte no governo, cuja organização lhe fôra encarregada pelo rei, em seguimento á queda do ministério Avila. Inutilizadas as diligencias, resignou o snr. duque a melindrosa empreza. O cháos assustava os mais intrépidos. Nem já os sedentos da honra de governar se atreviam a lusiá a sua pericia pregoada nos comícios.

Então foi chamado ao paço o snr. bispo de Vizeu, e convidado a organizar ministerio.

Aceitou. Corria-lhe obrigação de não esquivar-se a lances de alta responsabilidade quem se defrontára com todas as procellas politicas no decurso de quarenta annos tempestuosos. Aquella crise era certamente a da mais desnorteada marcação da náó descalavrada ; mas urgia crer e pensar na possibilidade de salvamento, sendo desde muito o porto almejado do insigne escriptor e parlamentar as reformas, os golpes fundos nos excessos, a amputação de abusos á mão tenente, sem attentar na jerarchia das classes offendidas pela razoirá economica. Cuidou certamente o snr. bispo de Vizeu que a dolorosa experiencia dos ultimos successos politicos seria forte alavanca para derruir obstaculos, manejada por pessoas cujos precedentes não illudissem a confiança da nação.

Esta esperanza, denotando peito de rija tempera, argue não extremado conhecimento dos homens.

Difficultou-se, ao mesmo tempo, a escolha de ministro da guerra. Lembrou o snr. bispo convidar-se o snr. marquez de Sá, em quem lustram honra acrisolada com eminentes predicados de bom juizo. Aceitou o snr. marquez a pasta e presidencia. Aceitou por que s. ex.<sup>a</sup> não sabe quando um filho de Portugal possa justificar a evasiva do seu prestimo no serviço da patria.

Começou a funcionar o gabinete em 22 de julho de 1868.

Todos os ministros eram alheios dos tumultos de janeiro que lograram a quèda do ministerio Aguiar; apezar d'isso, o programma da revolução não podia ser melhorado ou substituido. O estandarte, discreta ou indiscretamente arvorado pelos impulsores portuenses, proclamára batalha campal e inexoravel ás prodigalidades, aos sacrificadores do povo, á voracidade dos encartados no sévo da fazenda publica. O lábaro era sympathico, sem impedimento de, em crises analogas, desde muitos annos, desfraldado por mãos inexperientes ou ávidas, apenas ter vingado toldar o ambiente d'umas poeiras, descondensadas as quaes o que se via era as arcas do thesouro cercadas de gente nova com os vícios velhos. Seria desacordo, ainda assim, a vacillação do novo gabinete, se um desculpavel scepticismo lhe agurentasse a crença nos principios conclamados pelos tribunos. Adoptaram, pois, os novos ministros o programma das reformas, impetrada auctorisação das côrtes.

O fundamento da politica do ministerio em

que o snr. bispo de Vizeu consubstanciava o espirito e actividade dos seus collegas, em poucas palavras se define : augmentar a receita e diminuir a despeza.

Contra a ameaçadora fôrma d'este moto de partido encapellaram-se para logo aversões fi-lhas do interesse, odios inconciliaveis de classes e individuos affeitos a considerarem legitimos os gosos da sua regalada posição.

Como é quando se tinha operado o milagre de extirpar o egoismo de cada um para melhorar a condição de todos ? Quem tinha promet-tido ao novo gabinete neutralisar pela justiça as forças congregadas dos descontentes ? Em que ponto de apoio haviam de assentar a alavanca os temerarios reedificadores ?

Duzentos contos tinham sido alliviados ao onus da despeza, quando as hostilidades, pouco tempo clandestinas, romperam clamorosas. O funcionalismo tinha por si a imprensa mais que nunca descortez, iniqua e desenfreada. Os mais engenhosos e eminentes na categoria dos publicistas, apagando os lumes sagrados com que tinham ministrado no altar da liberdade os seus talentos de bem pensar e aconselhar, em dias da gloriosa perseguição, pegaram de escrever objurgatorias tenebrosas em que a soltura da idéa raras vezes se descasava da fôrma condigna. O ministerio Sá-Vizeu, na imprensa, era apoiado por poucos, mas desinteresseseiros amigos, não querendo grangear algum com o dinheiro da nação. Os talentos postos a ganho refinaram na injuria quando se vira m desdenhados

como coisa funesta por tal preço. D'ahi as devassas ao recondito da familia, e o despejo das calumnias, que redundavam em deshonra de toda uma terra onde para taes entendimentos se havia fermentado na lama tão desaforada licença.

Na hoste dos funcionarios bandeou-se a legião dos engenheiros civis, classe bafejada no berço por taes prosperidades e mimosa condição que julga-la-íeis, no meio do abatimento e desconforto geral, a mais bem acondicionada em um paiz opulento. Esta corporação, fadada para destinos incompreensíveis, ao vêr atravancar-se-lhes o accesso a collocações ambicionadas, conjurou-se em hostilidade sanhosa dentro e fóra do parlamento.

Depois, os aspirantes ao poder dividiam-se em ministros que tinham sido e ministros que queriam ser. Dos segundos, o phrenesi impaciente de governar desfechou em destemperos que a historia séria não póde disputar ao dominio da baixa comedia. Tinha batido a hora em que se julgava com direito a uma pasta ou duas quem quer que tivesse alliado á ignobil coragem de acirrar as iras da opposição a audacia de se julgar predestinado para salvar o paiz.

Entre elementos assim desorganizadores espanta como o ministerio póde manter-se um anno sem extraviar-se da senda constitucional, escudando-se com a inconcussa honestidade de seus actos, respondendo aos motins do parlamento e das praças com imperturbavel segurança.

D'entre os mais devotos do governo, muitos, atoados pelo estridor da opposição, começaram de sentir os vágados das consciencias que se reviram. Alguns poucos, que o tinham contrariado em incidentes inevitaveis, sustentaram a probidade por tão distincta fôrma que não pôde o final desfecho ennodar-lh'a.

Quando a froixa maioria cuidou conjurar a tempestade, sacrificando dois ministros menos favorecidos de apoio, a pugna recrudescceu, por que os ministros retirados deixavam apenas duas pastas, e os candidatos se haviam multiplicado a ponto que não cabia em forças humanas fazer supurar tanta aposthema de ambição debaixo das fardas de só dois ministros.

Simultaneamente, na camara alta, um homem de letras florescentes, acepillhada eloquencia e bons quilates oratorios para mais uteis triumphos, profligou o ministerio com inflamada pertinacia, ao mesmo passo que notaveis mediocridades vociferavam, provando que a syntaxe e prosodia não são condicionaes para applausos.

N'esta extremidade, o snr. bispo de Vizeu, para quem tinha corrido um anno de acerbos dissabores e excruciantes desenganos, sentiu o desalento que prostra os homens de bem, e lhes não permite impôr, por meios fortes, ás rebeldias irrationaes uns sentimentos que ellas não accitaram do procedimento liso e franco.

Perdido o apoio n'uma questão momentosa, o ministro do reino briosamente repulsou o alvitre de sondar o espirito da camara n'outra

votação. A insistencia daria azo á suspeita de que S. Ex.<sup>a</sup> timbrava em permanecer ministro, disputando á sofreguidão febril de seu successor missão tão pouco para invejas.

Demittiu-se o bispo de Vizeu. O gabinete cahiu.

Esta nova, posto que esperada, impressionou tristemente a maioria da familia portugueza. N'esta maioria é bem de entender que não se incluíam as classés prejudicadas pelas reformas. O elemento mais sensível e respeitavel do paiz para quem o nome do snr. bispo de Vizeu foi caução de porvindouras prosperidades, era o povo que sustenta o funcionalismo, o povo agricola, o povo industrial, o povo que labuta no trato mercantil. Para muitos a missão do ex-ministro do reino, embargada por cobiçosos e perfidos a meio caminho, deixou como inexequível qualquer tentamen de proseguil-a na ladeira, cuja escabrosidade incute medos a quem já viu as ganancias que auferem os reformadores arrojados.

Quem não sentiu pungimentos de saudade do poder foi o snr. D. Antonio Alves Martins. Se elle puder esquecer as injurias da imprensa e a maleabilidade das consciencias em que esteiava a inteireza da sua, hão-de sobrar-lhe memorias dolorosas de um anno de vida desasocgada e fóra do remanso de seus estudos e das consolações da sua recatada beneficencia.

O povo que, ha pouco, o saudou com amoroso entusiasmo, ha-de invocal-o ainda, em dias que se vão preparando para grandes pro-

vas. E o snr. bispo de Vizeu voltará de novo á  
lucta e ao sacrificio, terminando o cyclo glo-  
rioso de sua vida, qual a começára, em prol da  
liberdade, cujo berço elle embalou entre ferros.

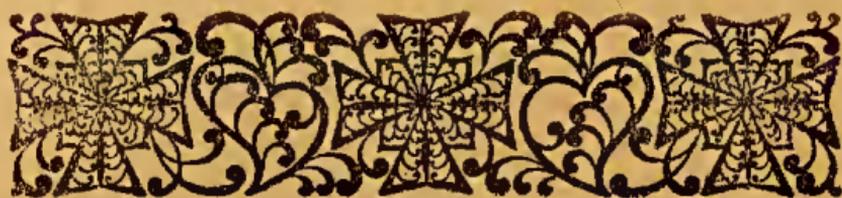
---



# **O General Carlos Ribeiro**

(RECORDAÇÕES DA MOCIDADE)





*Meu querido Ricardo Guimarães.*

*Recebe a dedicatoria d'este folheto como um cartão de despedida. Vou-me embora.*

*Naturalmente, escreverás dez linhas sinceras da minha necrologia. Dize que fui teu amigo trinta e seis annos ; e que, á medida que eu ia lendo as tuas prosas progressivas e remoçadas, nunca pude imaginar que tivesses envelhecido.*

*Folgo de te não vér ha muito tempo. Imagino que te deixo rapaz engrinaldando os festões das tuas primaveras de ha trinta e seis annos para os offereceres aos nossos 50:000 leitores — um rico auditorio ! Continúa tu a ministrar-lhes os teus cabazes de flôres, visto que, por impedimentos especiaes de regimen e outros estorvos complicados de engrenagens financeiras, não podes deitar-lhes perolas.*

*Adeus, Ricardo. A Chimica subterranea espera a minha alma. Vou mineralisar-me. Levo apenas, como sau-*

dade, uma flecha de luz reflexa do nosso passado, que me não deixa ir contente ao meu destino de azote, amoniaco e outros gazes. É a nostalgia dos teus e dos meus folhetins de 1854. A proscripta ignominia do carroção do Porto — aquelle toiro de Phalaris, puxado a vaccas — que então esbalemos para a treva medieval, em outro paiz dar-nos-ia a celebridade immorredoura de Guesto Ansur, o salvador authentico das cem donzellas lusitanas tributadas ás prezas obscenas do kalijs. Tambem nós, visconde, salvamos centenas de donzellas portuenses das orgias do execravel defunto « Manoel José d'Oliveira » — aquelle Mau-regato coitraçado, com espaduas alcatroadas, musculatura de um lenho rijo e inflexo como os braços da forca, e articulações de cobre azinhavrado, onde eram contundidas as carnes virginaes. Se não fomos nós, quem foi que remiu das contusões e d'aquelle fóro ignobil as meninas portuenses, actualmente allodiaes e intactas, salvo seja, nos seus

quadril e nas suas espaldas? Pois tens acaso noticia de que o Oliveira Martins, no seu livro sociologico das « Racas humanas e civilisação primitiva », nos encadeasse nos elos do transformismo evolutivo do carroção em carro Ripert? Sabes que elle consagrasse um capitulo áquelle dolmen de castanho — a ara cella do sanguinario Irminsul dos nossos ferocissimos arós? Nem uma palavra! « Isto faz vontade de morrer! » como disse Alexandre Herculanó, muito menos offendido dos ingratos.

Emfim, Ricardo, esta carta, sobre ser uma confirmação, quasi posthuma, de fidelidade no affecto a um dos meus mais velhos amigos, deve ser-te não menos agradavel como exemplo consolador de que as vidas mortificadas têm uma compensação — é acabarem com um sorriso. N'este paiz, os bastardos da Fortuna prostituta, se fizeram exame de instrucção primaria, devem morrer com a serenidade de sabios. D'antes, havia a immortalidade da

*alma e as recompensas eternas como esteio a infelizes sublunares. Hoje em dia, aquelles dogmas, especie de caput mortuum, não amparam muita gente; mas ha coisa melhor: é a escola primaria que levanta o discipulo ao nivel da felicidade do professor a tres tostões por dia com dez mezes de atrazo. Depois, morre-se de uma anazarca de philosophia com uma ligeira complicação de fome. Assim se explica o grande furor da instrucção nacional que tu, com uma seriedade estranha aos nossos habitos, inspecionas observantissimamente.*

*Vai, fiscalisa, evangelisa. Dilata, quanto em ti couber, as cellulas conscientes dos hemispherios cerebraes do Alemtejo e Algarve. Dá-lhes um elasterio grande, expansivo, na razão inversa das retracções da mucosa do estomago, á qual não chega a tua alçada tonica. Lembra eruditamente aos pedagogos que ninguem se exalça ás glorias do Thabor, sem ser arrastado pela Rua da Amargura.*

*Dize-lhes, a final, que a posteridade, mediante as suas confrarias e os seus dobres a finados, lhes dará brindes de missas geraes em dia de Fieis Defuntos — muito distinctos dos defuntos infieis. E, pelo que me diz respeito, recommenda-me tambem aos suffragios pios da Patria — esta querida mãe interessante, incapaz de tirar de difficuldades um filho vivo ; mas, depois, tira-lhe a alma do purgatório, sendo preciso.*

T. C. — S. Miguel de Seide, 6 de dezembro  
de 1883.

C. Castello Branco.





Gabriel de Mortillet, professor de Anthropologia, publicou, n'este corrente anno (1883), o seu livro *Le préhistorique antiquité de l'homme*. Em mais de uma pagina o sabio professor menciona respeitosaente Carlos Ribeiro, o geologo portuguez, que tão brilhantemente fez as honras da casa lusitana aos congressistas estrangeiros que estiveram aqui a discutir assumptos de anthropologia e archeologia prehistorica.

O general Carlos Ribeiro falleceu em 13 de novembro de 1882. A satisfação de se ver tão culminantemente enaltecido no livro europeu de Mortillet não a gosou; e pena foi, porque seria essa a mais idealmente querida das suas recompensas. Bem sabem que os prémios, os galardões substanciaes que n'este *reinozinho de 90 leguas*, como lhe chamava Garrett, auferem os

sabios do quilate de Carlos Ribeiro são por tal modo notorios e fallados que a gente, pelo commum, apenas tem noticia dos taes sabios quando lhês vê o retrato posthumo no *Occidente*.

Estes homens trabalham em segredo como os alchimistas. Na Academia Real das Sciencias conversa-se, uma vez por outra, a respeito d'elles, com uma grande admiração do tamanho dos bocejos. Para os socios velhos a anthropologia apenas tem a caracteristica academica de ser palavra grega, e como tal a reverenceiam; mas ha d'elles que professam, muito pela rama, o *quantum satis* d'umas sciencias abstruzas que assentam os seus laboratorios para além das fronteiras da historia. É inexacto, porém, que o insigne academico discursasse monologos paleontologicos diante dos seus confrades pouco porosos e assaz impermeaveis ás infiltrações da sciencia nova. Não. Elle tinha socios no martyrio — o Ferreira Lapa, o Thomaz de Carvalho, o Bocage, o Latino Coelho, o Corvo, o Aguiar, os quaes, se não encontraram, como Carlos Ribeiro, vestigios de um ser intelligente nas camadas terciarias, seriam muito capazes de o achar, se o procurassem, o *Anthropopithecus*.

Não se cuide que eu, com o selvagismo de um minhoto sem litteratura, pretendo molestar os hereditarios joanêtes da Academia. Nego. Os meus joanêtes de socio correspondente acham-se tambem compromettidos. Considero a Academia Real uma arca da sapiencia humanal, de reserva para a catastrophe de um diluvio de ignorancias eminentes. Respeito-a como um

banco das nossas riquezas espirituaes, banco sem transacções, com accionistas todos de prenda, dando-se ares de estar sempre em liquidação; mas não liquida. Se não vive muito ao sol ardente que refunde o velho mundo, tem a vitalidade sombria do obituario. Quando um socio vai continuar na vida eterna o somno das suas sessões, os confrades vivos gemem-lhe o elogio funebre, uma Nenia em periodos redondos, *ore rotundo*, na prosa da fundação do estabelecimento; em seguida, recolhem-se a brunir velhos adjectivos e a escovar algumas metaphoras de fivellas e rabicho, para a necrologia de um futuro confrade morto. De resto, muito mais modestos que justos juizes dos seus productos, os academicos, quanto ao estipendio das suas lucubrações, são mais abstemios que os anachoretas da Thebaida, e fazem livros mais em conta do que Santo Antão e S. Pacomio faziam balaios. Elles desdenham briosamente a cobiça gananciosa dos quarenta immortaes assalariados da Academia franceza; mas prelibam com delicias a justiça posthuma, o galardão do elogio funebre — esta rica moeda portugueza incorruptivel em que não entra a ligado oiro vil.

Tornando ao *Anthropopithecus*. Toda a gente sabe o que é, na Prehistorica, o *Anthropopithecus*; mas eu não me dispenso de fallar n'este sujeito que nos precedeu ha 240:000 annos, pouco mais ou menos. Supponho que não serei desagradavel ás senhoras menós lidas em anthropologia, para as quaes os vocabulos *plio-*

*cene* e *miocene*, o *mammifero primata*, o *prognatismo* são as jaças do limpido diamante da sua erudição.

Mortillet, com bastante logica e com lucidissima observação mais convincente que a logica, afirma que o homem quartenario primitivo era algum tanto differente do homem actual. O craneo do nosso antepassado das cavernas differe consideravelmente do craneo do leitor. O illustre professor de anthropologia é, portanto, obrigado a concluir que os animaes intelligentes que petiscavam lume e lascavam pedras na epoca terciaria não eram homens na accepção geologica e paleontologica da palavra; mas sim animaes de outro genero, *precursores do homem*, na escala dos seres. A este precursor, intermedio ao anthropoide conhecido e ao homem actual, chamou Mortillet um *Anthropopithecus*. Claro é que a especie humana conhece o avô, o *anthropoide*; mas não conhece o pai. Orphã e posthuma, a desgraçada!

Carlos Ribeiro havia descoberto nas margens do Tejo o silex lascado em terrenos terciarios e quartenarios, accusando um trabalho intencional e intelligente no animal precursor do homem. No Congresso Internacional de Bruxellas (1872), duvidaram, mórmente o douto Bourgeois, que nos exemplares expostos por Carlos Ribeiro houvesse trabalhos intencionaes que provassem a existencia de um individuo capaz de petiscar lume e lascar pedras na época terciaria. A favor do sabio portuguez apenas se insurgiu a opinião auctorizada de mr. Franks.

Na exposição internacional de Paris (1878) o nosso geólogo apresentou 95 exemplares, entre os quaes Mortillet apartou 22 com vestígios irrefutaveis de trabalho intelligente. Cartailhac abundou no parecer do seu collega e de outros especialistas.

Afinal, Carlos Ribeiro triumphou desassombradamente quando os congressistas na obra de Monte-Redondo, em Ota, confirmaram em novos exemplares a sua opinião refutada em Bruxellas. Desde então, nos annaes da anthropologia e prehistoria foi assignalada como irrefutavel a existencia do *Anthropopithecus* em Portugal. Era o terceiro. Bourgeois tinha explorado um em Thenay. Em honra do inventor, esse vestigio do animal intelligente anterior ao homem chamou-se *Anthropopithecus Bourgeoisii*. Mr. Rames achára o segundo em Cantal, o qual foi chamado *Anthropopithecus Ramesii*. O de Portugal, descoberto por Carlos Ribeiro, recebeu o glorioso nome *Anthropopithecus Ribeiroii*. (1)

Uma observação caturra ao sabio Mortillet: Este genitivo alatinado e ligeiramente maccarronico, *Ribeiroii*, parece pertencer tambem á época terciaria, á prehistoria da lingua de Plinio, o moço. *Ribeiroii* em genitivo indica o nominativo *Ribeiroius*. O extremado anthropologista devera ter escripto *Anthropopithecus Ri-*

---

(1) Bibliothèque des sciences contemporaines. *Le préhistorique antiquité de l'homme*, par Gabriel de Mortillet. Paris, 1883, pag. 105.

*berii*, ou, mais euphonico, *Ribeirensis*. Espero e ousa pedir aos futuros congressistas que adoptem esta errata, afim de que o nome glorioso do nosso concidadão não vá latinamente deturpado pelas idades fóra.

Posto isto, a leitora naturalmente deseja saber que figura tinha o *Anthropopithecus*. Os sabios não satisfazem cabalmente a curiosidade de sua excellencia. Calculam apenas que elle era muito mais pequeno que o homem, attendendo á pequenez das pedras que lascava para seu uso; mas, a respeito do animal portuguez, a julgar pelo tamanho dos silex, presume-se que elle anatomicamente fôsse mais encorpado que os outros. Isto é concludentissimo e consolativo, minhas senhoras. Mr. Abel Hovelacque, outro sabio, presume que aquelle nosso pai pequeno seria do tamanho dos actuaes macacos maiores. (1) Na verdade, os srs. bispo de Coimbra, conselheiro Nazareth e varios tamboremores accentuam e affirmam a procedencia d'aquelle patriarcha mais avantajado no tamanho.

Bastará de sciencia? Mas o que não posso, minha senhora, é esquivar-me ao desaire de proceder de macaco. Não lhe assevero que seja de chimpanzé, de gorilha, de orango. A minha esvelta leitora é o typo aperfeiçoado de todas estas familias. Segundo o genealogico Hæckel, vossa excellencia promana de um pitheco, de-

---

(1) Obra citada, pag. 106.

rivado de um lemur, producto de um kanguru. É a primeira vertebrada, e não direi primeira «mammifera» para evitar equívocos. Em todo caso, exquisita arvore de geração, na verdade; mas, se a minha delicadeza se dóe, sciencia obriga; porque, emfim, este folheto é uma obra de vulgarisação, à *la portée des gens du monde*. Pretendo ser mais util que agradavel ás senhoras modernamente orientadas, as quaes, entre os flagicios acusticos dos seus pianos e o moinho estupidamente burguez das suas maquinas de costura, abrem um parenthesis á discreta biologia.

E tenham muita fé, minhas senhoras; *porque as sciencias de observação*, diz Letourneau na *Biologia* mais avançada, *exigem primeiramente de quem as quer cultivar um acto de fé*. Acto de fé! Tambem a sciencia positiva reclama a sua *virtude theologal*. Pelos modos, é precisa tanta fé para acreditar no Jehovah de Moisés e no Messias de S. João Evangelista, como no «Panthéismo» de Espinosa, na «Vontade» de Schopenhauer, e no «Inconsciente» de Von Hartmann. Portanto, façam suas excellencias um acto de fé como biologas, e outro acto de caridade como catholicas, prestando-me a sua benevola attenção.

Carlos Ribeiro não andou toda a vida, como Boucher de Perthes, a esgaravatar nas camadas do globo a certidão de idade do homem.

Tambem elle borboleteou á flôr da terra, com as azas polvilhadas dos matizes da alegria juvenil, os seus devaneios.

Entre os 15 e 16 annos, fingia eu que estudava chimica na Polytechnica do Porto. Carlos Ribeiro, n'aquelle anno, 1844, já tenente, com 30 annos de idade, completava mathematicas com sinceridade e aproveitamento. Era de estatura mediana, feito, de espaldas fortes, rosto redondo, purpurino, com um pequeno bigode cortado na commissura dos labios muito nacarinos. Grave nas fallas, muito delicado em conselhos e attenções com os cabulas; e sympathisava com a minha modesta ignorancia que elle, confessando a actividade funcional do meu cerebro, ingenuamente attribuia a eu não possuir compendio de chimica, — uma coisa bastante necessaria a quem se matricula. Era o *Lassaigne* — parece-me ser este o nome do sabio naturalista, que alguns condiscipulos generosos me emprestavam á porta da Academia, quando se avistava o lente, um ex-frade, Santa Clara, contemporaneo de Orfila, Berzelius e Liebig. Por que mãos sagradas andava então a chimica portugueza!

Aproveito a occasião para agradecer aos que ainda vivem, se algum vive, a gentileza do seu emprestimo, para que eu, em honra do frade, sahisse crystallinamente e triumphantemente do meu acto de chimica sem a macula de um R.

Já divulguei em um livro este caso á Europa culta.

Agora, vou contar outro caso mais trovadresco — um episodio da vida amorosa do defuncto anthropologista, o general Carlos Ribeiro.

Por aquelle tempo, uma senhora esmeradamente educada no gosto da época, e com uma grande distincção de formosura, abandonára em Lisboa o esposo, e refugiára-se no Porto com um seductor de condição baixa e bens de fortuna parallellos. Este casal anti-canónico habitava uma casinhola barata na rua da Sovella, paredes-meias do quarto escolastico de Carlos Ribeiro. O tenente, quando regressava da aula, via na janella de peitoril, uma vez por outra, a sua mysteriosa e lepida visinha encaral-o com uma fixidez perturbadora como um envoltorio de fluidos galvanicos.

Certa estanqueira estabelecida na loja da casa onde se aninharam aquelles amores clandestinos, informou-o da má vida intima dos adventicios. Havia desavenças todas as noites, gritaria, choradeira, e ás vezes repellões reciprocos, a ponto d'ella cahir no sobrado. D'estas altercações nocturnas, a informadora pudera liquidar que o homem se chamava *Bramão*, ella *Gloria*, e que tinha marido na capital. Entre os epithetos que elle lhe desfechava, o mais accentuado e repetido era *bebeda*, *grandissima bebida*; e a estanqueira justificava a qualificação, contando que a menina Gloria, assim que o

Bramão sahia, mandava ao armazem da Companhia fronteiro duas garrafas vazias que se trocavam por garrafas lacradas de 800 réis. — Acho que se emborracham ambos de dois! — conjecturava a mulher dos tabacos, offerecendo a sua opinião indecisa ao reflexivo freguez dos cigarros.

Uma noite, foi tamanha a gritaria, que a patrulha bateu á porta da estanqueira perguntando que gritos eram aquelles no primeiro andar. A mulher, na sua impaciencia de estreitada, respondeu azedamente que era uma creatura com a sua pinga; que fôssem os soldados á sua vida, porque não havia remedio a dar-lhe á carraspana senão cozel-a; e que cada qual em sua casa podia embebedar-se como quizesse e quando quizesse. Se percebiam? perguntava colerica. E a patrulha: que sim, que a cozesse ella e mais a vizinha. E a estanqueira: — Malandros!

Eram então triviaes no Porto estas scenas do Baixo-Imperio, dialogadas entre o pequeno commercio e os pretorianos municipaes — os *janizaros* do Costa Cabral. N'aquelle tempo, tudo que era tropa chamava-se *pretorianos* e *janizaros* — uns pobres diabos a 30 réis por dia e rancho de couve gallega com feijão fradinho. Depois é que expluiu o caceteiro, pago pelos edis, a 480 réis diarios, e mais, consoante a pressão exercida nos ossos parietaes do *patulea*.

O tenente estava á janella a escutar o alarido, sentia uma compaixão infinita por aquella

formosa senhora ; e scismava se a embriaguez seria refugio de grandes tribulações n'aquella alma que se atirava a um charco de vinho para apagar a luz do entendimento e da memoria — perturbar a vida afflictiva da consciencia es-correita.

Na manhan seguinte a esta noite tempestuosa, Bramão sahiu e não voltou mais.

A estanqueira soube d'ahi a dias da criada de Gloria que a sua ama tinha vendido a unica pulseira, porque o pelintra do patrão lhe não deixára vintem ; e ajuntou que ella pouco mais tinha que vender, a não ser os vestidinhos, porque já tinha derretido as joias para sustentar o vicio do amante, que era jogador e perdia sempre.

A criada, aquecida pelo atrito das revelações, confessou que sua ama tomava a piella todas as tardes, quando a não apanhava tambem todas as manhãs, bemdito seja o Senhor ! Que o patrão vinha de fóra levado de todos os diabos, e entrava ás testilhas com ella, palavra puxa palavra, e iam ás do cabo, pancada de criar bicho, e batiam de meias. A senhora, coitadinha, antes de se emborrachar, chorava lagrimas como punhos, a contar-lhe a sua vida. Que era filha de gente grande, e casára, contra vontade sua, com um almofariz da casa real. A estanqueira não comprehendia o casamento com o almofariz. Carlos Ribeiro emendou para *almoxarife*, esplicando o officio com a sua costumada bondade illustradora.

Como quer que fôsse, a infeliz senhora em-

briagava-se depois que chorava lucidamente. Era isso mesmo o que o tenente havia conjecturado com a sua romântica intuição de 1844.

Da piedade não é trivial a passagem para o amor; mas, se a commoção do amor precede a do compadecimento, o caso de Carlos Ribeiro é vulgar. Escreveu o meu amigo a D. Gloria offerecendo-lhe os seus serviços desinteresseiros n'uma terra em que sua excellencia era hospeda, e não tinha talvez relações. A vizinha respondeu-lhe com uma caligraphia ingleza, e uma grammatica impenetravel á unha da critica mais meticulosa. Em meio da sua prosa florida, alinhava-se o alexandrino de Victor Hugo:

Oh! n'insultez jamais une femme qui tombe . . .

O mathematico ficou mais deslumbrado com a contextura da carta do que ficaria trinta annos depois quando achou em Ota a garantia da sua immortalidade como homem de sciencia — o *Anthropopithecus*.

A correspondencia travou-se em phrases recheadas de versos de Hugo e Lamartine, até que o tenente entrou sózinho, sem os poetas auxiliares, e sómente com a sua prosa commovida, na alcova da vizinha. Era uma alcova sem pretenções bysantinas, nem cosmeticos caros; apenas algum *Patchouli* nacional, e agua de Colonia, em parodia, fabricada por um pseudo Farina, e muito almiscar, perfumaria dos gynceus

infestos á Moral, perdição dos caixeiros de risca ao meio, e grandes absorventes de licor de Rosa e de Van Switen. Era, em summa, a alcova atrapalhada de uma *touriste* que vai vagamundeando a sua vida escoteiramente, sem reparar se ha estôfos, estatuetas, bronzes e Sèvres e pavilhão de ondulações setinosas, com lampejos crús de metaes esmaltados, no leito das reles estalagens onde pernoita.

Elle sentiu na ante-camara o fartum acidulado da bagã alcoolizada dos vinhos crassos da Companhia: era o perfume de uma adega do Roncão. Fei uma nuvem de maus presagios no azul da sua felicidade aquelle cheiro.

Entravam a dialogar na temperatura madrigalesca do ultimo romance de Arlincourt, quando ella mandou servir vinho do Porto de oito tostões com pasteis de Santa Clara e *queques* da Palaia. O hospede sacrificou-se cortezmente a algumas libações, pequenos goles intercalados de perguntas e respostas, deixando o calice opalino em meio. Ella, entretanto, n'uma exaltação theatral, defendia a these do adulterio, com reminiscencias peoradas da *Lelia* de George Sand; e, como inconsciamente, na abstracção entusiasta dos largos gestos, ia engatando uns calices nos outros, em rapida viagem para a região do Falstaff e da Maria Parda de Gil Vicente. Parecia mesmo uma actriz franceza *des Variétés*, com uma forte diáthese de bambochata, que viesse de cear no Café Tortoni com *champagne frappé*, na roda reinadia de Roger de Bauvoir e Roqueplan. Carlos, quan-

do a viu em afinação mais que suspeita, sentiu borbulhar-lhe o pranto da ingenuidade; porque ella, carminada pela ebulição do sangue, esbandalhada, e escandecida pelo que havia sincero e logico na sua declamação, relampejava uns clarões electricos que pegariam fogo em carne menos combustivel que a do artilheiro; porém, a elle, faziam-no chorar as lagrimas entranhadas que os olhos têm pejo de mostrar, e, reprezadas na alma, chegam a cegala como um collyrio de acido sulphurico concentrado. Figura-se-me que estou a escrever isto em 1844! Que imagens! que botica!

E a dama, n'uma absorpção de visitada pelo *ecce Deus*, com o iris acceso e a pupilla retrahida pela atropina da Companhia, não despegava do fio das idéas, torrencialmente. Tregeitos exquisitos e sacudidos da escola melo-dramatica de Emile Doux. Fazia vibrações gloticas, cavas, gutturaes de quem recita threnos. Arredondava phrases repolhudas, pomposas, de dramalhão, respigadas nos *Dous Renegados* e no *Captivo de Fez*. Por baixo do vinho já estava o absintho do odio ao pai que a violentára a casar-se; mas a losna não lhe calcinava os nervos sem a combustão inflammatoria dos extra-finos, muito seccos, do Alto-Douro.

Acidulada sob a influencia das suas virginaes reminiscencias de menina e moça, etherisava-se. Ora, é regra corrente que o alcol, submettido aos acidos, transforma-se em ether. Insignes pharmaceuticos o asseveram. Todas as commoções internas são chimica. Isto, que

d'antes se chamava alma, é uma retorta de crystal da Bohemia em uns sujeitos, e de barro de Estremoz em outros sujeitos. O grito das paixões que desfibram e matam é o estampido da retorta que rebenta. Agora, a differença: se a retorta é de crystal, os estilhaços, embora embaciados de lagrimas, tem ainda rutilações que encantam a Arte. E, se a retorta é de barro, os cacos abeberados nas lagrimas repellem a vista porque parecem lodo. Edgard Pöe, Alfred de Musset e Baudelaire, envenenados pelo alcool, são hostias immoladas a um meio social responsavel — são retortas de crystal feitas pedaços pela paixão. O Sena cospe ás margens, cada mez, dezenas de suicidas que apenas têm vinte e quatro horas de nojosa exposição na Morgue. São os cacos da retorta de barro dissolvidos em lama.

Quanto a Gloria, para ser uma consummada tragica na voz e no gesto, bastara-lhe uma regra que não se acha bastante inculcada nas prelecções do Conservatorio Real das Artes scenicas, isto é: carregar-lhe no copo.

\*

Ácerca d'este elixir vitalizador das citadas Artes scenicas — necessidade physiologica (o copo, entenda-se, e não as *Artes*) do sangue lusitano de origem celtibera — não sei quaes sejam as cogitações actuaes do meu Luiz Augusto Palmeirim, egregio director do Conservatorio Réal. Cumpre-lhe, todavia, estar precavido contra as anemias e opilações (opilações, no sentido

casto de *chloroses*) d'aquelle aviario de roussinoes e outros passaros que regorgeiam em perpetuo abril, estofando os seus ninhos com o pollen das flores. — *Pollen das flores*, notem a figura que é rara n'estes tempos hostis á rhetorica. Ora pois. Que aquelle seminario das Artes scénicas borborinhe sonoro de interjeições tremiculosas como calefrios, arranques tragicos, morbidez de bemóes e sustentidos; e que, depois de um purgatorio de rabecas e pianos, — supplicio indispensavel — rutillem, ao diante, pelas trapeiras das aguas-furtadas do Bairro-alto as constellações sidereas das Sarah, das Nilson, das Patti, dos Rubeinstein, n'este paiz de *Manoel Mendes Enxundia*, da *Canna-verde*, do *Passarinho trigueiro* e do *Fado choradinho*. Notem que o dr. Letourneau escreve que uma ponta de vinolencia é a poesia da digestão (1); e tambem affirma que onde quer que se usa a bebedeira, existe uma litteratura bachante (pag. 45). A regra em Portugal falha praticamente. Temos a bebedeira sem a litteratura, talvez por falta de editores pouco serios.

\*

D. Gloria, não obstante, seria ridicula hoje em dia que a sciencia glacial esfriou a admiração pelas mulheres de talento menos methodico, desvairado por exorbitancias vadias.

---

(1) *La Sociologie*, pag. 44. Paris, 1880.

N'aquelle tempo as senhoras que recendiam essencias de macassar, e tinham sido iniciadas nas assembleias pelos parlapatões da Restauração, eram assim. Reinavam os *parvenus*, uns devassos broncos, algum tanto desbastados pelo esmeril da emigração, ou sahidos das cadeias com uma grande fome de mundo, de diabo e de carne, os tres amigos figadaes do corpo, como explica metaphysicamente a *Cartilha da doutrina* para uso dos collegios de meninas. Elles tinham as fossas nazaes virgens do nitro das granadas do Porto; mas eram destemidos fundibularios de patacos rejeitados á sege do sacrificado duque de Bragança que lhes dera patria sem os inconvenientes da forca, e dilacerára o coração nos sobresaltos das batalhas. Eram os bagageiros do espolio opimo com todos os caracteres ethnicos da ciganagem portugueza. Compravam conventos com titulos azues e rebatiam a 17 % os arriscados e sacratissimos empréstimos aos *Regeneradores* de 20 e aos *pallikares* empennachados da *Belfastada*.

Os *parvenus* inculcavam como norma da perfeição feminil a *Corinna* de madama de Staël, a mesma dama em pessoa a fazer aos psychologos philosophias, e coisas mais praticas a Benjamin Constant, como a Récamier ao velho lubrico que fazia, da sua parte, o *Genio do Christianismo*. Todas e todos muito devassos e eloquentes, boas e bons para começarem os seus romancinhos ao fogão e concluil-os nas alcovas. Foi este o ideal da mulher que os emigrados trouxeram dos *boulevards* e dos hotéis *garnis* a

2 fr. e 50 cent., com uma demão do verniz de Mabile.

Lia-se então copiosamente a obra emocional de Paul de Kock ; e os hierophantas do reino restaurado folheavam com mão diurna e nocturna a *Republica* de Platão, onde o grande legislador, em pleno luxo de policiamento hellenico, preceituava que as mulheres passassem de mão em mão. (Livro v). Esfervilhavam por isso as Xantipas com que os Socrates altruistas obsequiavam os Alcibiades, e floreciam as Marcias que os virtuosos maridos Catões emprestavam aos Hortensios. Assim como nas lojas maçonicas muitos dos triumphadores de 34 — um grupo sahido da barbaria da idade-media — se chamavam *Catões* e *Socrates*, por igual theor, no santuario da familia, usavam os mesmos habitos greco-romanos. Foi por isso que, em 37, o apocalypticico auctor da *Voz do Propheta* denominou Lisboa uma *caverna de vicios e desenfreamentos*.

Uma franceza, amante varia de varios francezes, mad. Pauline de Flaugergues, dava o tom em Lisboa, por esse tempo, em versos e frescor de cutis polvilhada de bismutho. Rodeavam-na os areopagitas do plectro e da syntaxe, a mes-trança da versejadura — Castilho, Garrett e os outros da constellação. Esta bohemia trovista foi dada como typo de mulher emancipada pelo talento. Teve ovações das lyras primaciaes. Damas da côrte, creadas em novenas e lausperennes, atiraram as camaldulas ás ortigas e pegaram de fazer muitos gallicismos grammaticaes

e pessoas. Viveu-se uma rasgada bacchanal á franceza, em que tomaram o seu quinhão *pro rata* as mulheres dos marquezes, as filhas dos algibebes e as esposas dos ex-almozarifes. É como foi. A D. Gloria era um fructo bichoso, sorvado, de arvore que não cevou a raiz em terreno alheio mal adubado. Era cedo ainda. Ás portuguezas faltava-lhes o *savoir-vivre*, para se aguentarem corrompidas e elegantes. *Jam novus rerum nascitur ordo*. Isto hoje está melhor — está como deve ser. A mulher cae; mas sabe cahir n'este palco; e não podia ser assim ha quarenta annos. *Go ahead!*

O certo é que aquella dama foi a primeira paixão de Carlos — a primeira que é tão forte e pouco menos tola que a setima e a vigesima nona.

Tres mezes volvidos, Ribeiro tinha perdido a alegria, o affecto ao trabalho, a convicção da sua immaculada probidade, e já luctava com as duras hostilidades da pobreza. Quanto a Gloria, cada dia mais formosa, mais fascinadora e mais crapulosa. Elle chegou a pedir-lhe em joelhos e de mãos erguidas que se abstivesse de beber tão destemperadamente; e ella, no lucido uso das suas faculdades dirigentes, respondeu que não podia, — que o embriagar-se era o seu suave e dôce suicidio, porque queria morrer.

Carlos obtivera informações de Lisboa. O pai de Gloria ainda vivia. Era um bom proprietario rural na comarca de Torres Vedras, tinha sido criado particular do snr. D. João VI, casara com uma retreta da snr.<sup>a</sup> D. Carlota Joaquina, e tinha o habito de Christo. O marido era mentecapto e velho. Perdera a razão com a queda do snr. D. Miguel e do seu almoxarifado do Alfeite. Quanto a Bramão, um industrioso, vivia de apostas ao bilhar no Marrare das 7 portas e era casado com uma peccadora acirrante, uma trigueira de bigode que se desferrava usurariamente das perfidias do marido, sendo perfida para todos os amantes.

Meditava Carlos em commiserar o velho cavalleiro de Christo, na esperança de regenerar a dignidade de Gloria com a convivencia do pai venerando e das irmãs honestas. O velho respondera a quem lhe pediu compaixão para a filha que a julgava morta, e morta devia estar para elle; mas que a não repulsaria do seu taller, porque a desgraçada tinha a seu favor como desculpa o haver casado constrangida.

Quando o tenente, triste pela deixar e alegre por salvá-la, lhe communicou a resposta do pai, ella improperou-lhe a covardia de a não desenganar, se estava farto de atural-a, e reprovou a missão caritativa de a reconciliar com a familia, não tendo procuração para isso. Depois, trocaram-se palavras desabridas.

\*

No dia seguinte, D. Gloria deixou a cazinha da rua da Sovella e foi para o Bom Jesus do Monte com um dos leões d'aquelle tempo em que a cidade da Virgem parecia ser da Venus Callipygia — uma leoneira da Hircania, onde as epidermes roliças das donzellas de Cedofeita e as ostras da Aguia d'Ouro eram o pastio nocturno d'aquelles dragões, producto da concubinage do romantico burro de Buridan com a classica burra de Balaão. D'esta progenie, que herdára da mãe o dom da palavra, e do pai um amor menos indeciso ás duas maquinas, evolucionou-se o *crevé*, o estoiradinho, um phenomeno embryologico, que encaracola *bellezas* na testa exigua de microcephalo, encalamistra o bigode, e tem do D. Juam de Marañia simplesmente a guitarra com que perverte familias hespanholas vigiadas pela policia medica. De resto e *au fond*, os estoiradinhos são grupos de moleculas, aggregações granulosas, saturadas de marisco, de cerveja barata da Baviera e nicotina, justificando a formula excentrica e um tanto paradoxal de Bacon : *o vacuo de mistura com o solido*. Protegidos pela lei geral do atomismo, agitam-se no turbilhão universal da materia inconsciente : são « *acazos da concorrência vital* », como diria Darwin ; mas não confundir *concorrência* com *selecção natural* ; que a natureza é mais logica e demorada nos seus transformismos. Pela rapidez com que do *leão* pujante de 1840 se en-

gendrou o *catixa* escrophuloso de 1880, é claro que a *selecção* foi *artificial*, estabelhoadamente, grande celeridade. A este respeito, os curiosos orientem-se em Topinard, *L'ANTROPOLOGIE, passim*. Cumpre notar que, no arranjo organico do estoiradinho, collaboram 65 elementos conhecidos, diz a Sciencia. 65 ! que prodigalidade ! A não ser a Sciencia, quem diria que a Natureza para construir um cretino gastou cinco duzias e meia de elementos — os mesmos que dependeu para fazer o mar, o espaço, o mundo sideral, os cyprestaes balsamicos do Libano e os fedores humanos da Baixa ; o Caneiro de Alcantara onde os microbios fazem as suas regatas recreativamente, e o Amazonas, a banheira do sol, espraiaando-se em escamas refulgentes ; o Garrett que faiscava, como um cerebro de diamantes facetados, as *Viagens na minha terra*, e o cerebro do outro Garrett que supurava, como um tumor apostemado, as *Viagens a Leixões* ! Com as ultimas palavras da biologia é que a Sciencia rejeita o dogma da alma, e nos convence de que o estoiradinho, pelo que respeita á porção cinzenta do cerebro, deixa de ser o rei da criação para retroceder, por atavismo e sem hyperbole, á familia dos vibríões, um quasi infusorio, e pouco mais que proto-organismo, irresponsavel pelos seus flagrantes delictos de brutalidade.

Em obsequio a estes irresponsaveis é que o bispo sr. D. Antonio Ayres de Gouvêa tanto e valorosamente impugnou a pena de morte. Todavia, o seu victorioso repto á forca, mallogrado

em Beccaria, em Lamartine e V. Hugo, seria socialmente mais completo, se s. ex.<sup>a</sup> tambem conseguisse que, em vez do *menu* pouco peitoral da strychnina municipalense, se servissem *côtelettes de veau sauté aux truffes* aos magros cães vadios, inoffensivos na sua fome e na sua sede. *Struggle for life*. Sei essa trivialidade erudita ; mas a lucta pela existencia não auctorisa que os vereadores sejam carrascos dos cães, emquanto o equilibrio dos negocios publicos e o pagamento em dia dos 6 por cento das inscrições lhes permittir comerem o boi. Ora — digamol-o de passagem — o boi era um Deus entre os egypcios, o divino Apis, e entre nós é o manso e pingue holocausto de uma bestialidade carnivora ; porque nós, os europeus, comemos os Deuses alheios em bifés, e os proprios em hostias. Sacrilega pouca-vergonha !

Voltando ao drama e ás palpitações do leitor por um pouco suspensas, a estanqueira contou depois que, emquanto o tenente estava na mathematica fazendo garatujas na lousa, um esbelto rapaz, todo de preto, com um cacete, pãntalonas á *hussard*, fazia tilintar o tinido das suas esporas amarellas no pavimento de D. Gloria. Trabalhosa e fragil senhora !

Eu morava na rua Escura, no bairro mais pobre e lamacento do Porto, um becco fetido de coirama surrada, em uma esquina que olha para a viella dos Pellames. Eramos dois os estudantes que occupavamos o terceiro andar com uma retorcida varanda de pau, esmadrigada, n'um escalabro de incendio, debruçada em ameaças sobre os transeuntes como a varanda de Damocles, muito mais perigosa que a lendaria espada, cujo gume deve estar muito rombo e puído da esgrima dos eruditos em Damocles. No primeiro andar morava a proprietaria, uma adéla que nos cozinhasse certas iguarias dignas de ser expostas ao céu das aves de rapina no peitoril d'aquella varanda. Quanto a ratos, era uma succursal de Montfaucon. O segundo andar tinha escriptos desde muito, e não havia homem desesperado, cansado da vida, que ousasse tentar o suicidio n'aquellas ruinas minacissimas. Quem procurava casa, olhava com terror, e seguia o seu caminho, como se alli morassem os leprosos de Xavier de Maistre.

Disse-me a patrôa, uma noite, alegremente, que tinha alugado o segundo andar por dezesseis tostões mensaes a uma creatura, que lhe parecia mulher de pouco mais ou menos; e acrescentou com uma sensata indulgencia: «Seja ella o diabo que fôr, o que eu quero é que me pague adiantado; senão, minha amiguinha, viella, viella!» e apontava para a rua com um

gesto de braço e dedo perfurante como uma estocada.

Com effeito, a devoluta varanda do segundo andar, tão destroçada como a minha, aguardava uma Julieta adequada competentemente aos Romeus do terceiro.

A inquilina entrou e pagou.

Quando eu recolhia da chimica e subia ao meu terceiro andar fazendo gemer os degraus, olhei curiosamente para a salêta do segundo, e conheci a Glória da rua da Sovella. Estava muito acabada, olheiras fundas, os angulos faciaes descarnados, os beiços rôxos, calcinados pela combustão dos licores. Na epiderme transparente já não lhe revia o rubor setineo do sangue colorante. Sobre as saliencias malares, manchas rubras que poderiam ser de vermelhão ordinario ou da febre ethica; os tegumentos pareciam emplastados por uma camada de velha cera amarellada. As cordoveias do pescoço, muito esbagachado, com umas saliencias nodosas como cordão de S. Francisco.

Havia um anno que ella tinha deixado Carlos Ribeiro immerso em uma grande commiserção, dizia elle; mas eu sabia que era maior a saudade que o dó.

Procurei o meu amigo que havia concluido o curso e entrára na fileira. Estava fóra do Porto em serviço. Melhor foi assim, porque a noticia que eu lhe levava poderia magoal-o ou fazel-o descer até ao vilipendio de a visitar.

Ao fim de quinze dias, disse-me a patrôa que a *Aurora* — nome de guerra que se dera

D. Gloria — uma noite por outra, recolhia consigo um engajado. Fallava sempre com figuras decentinhas a minha patrôa. « Engajado » era decente. Diziam então as senhoras nos bailes da Assembléa : « Já estou engajada para a terra polka ».

Quanto á natureza dos engajados, disse-me que eram velhos. Conhecera o Rapozeira, um d'oculos, que tinha loja de batinas e galões para esquifes, na rua Chã ; outro, era amanuense da camara do bispo — ambos muito borrachões. E promettia pô-la no olho da rua, se ella continuasse a fazer-lhe troça, por noite velha, em cima da cabeça, dançando o Sarambeque.

O Sarambeque era da natureza bordelenga do *Hulalá*, um bailado dissoluto, priapesco das Ilhas Hawai. Eu nunca pude vêr a assembléa da visinha, nem o cavalheiro bestial ajoujado por tal dama ás suas *soirées* dançantes. Quem quer que fôsse, dava, no repicado sapateio da sua furia endiabrada de selvagem de Ceylão, oscillações de terramoto ao predio. Muitas vezes, receei que, *verbi gratia*, desabada aquella casa filial das orgias de Sardanapalo, eu fôsse o candido bode expiatorio sacrificado no entulho da derrocada ás iras dos deuses e da senhoria. Depois, noite alta, havia comedorias — um aziumado de azeite rancido e alhos, estrugidos emeticos, emanações sulphydricas d'aquellas almas latrinarias. Lamento, já agora, não ter então colhido notas para hoje me inculcar um Petronio testemunhal e authenticos d'essas ceias

de Trimalcião com iscas de fígado e o rascante de Cabeceiras de Basto.

Um dia, de madrugada, acordou-me um grande berreiro nas escadas. O meu companheiro, o bom Machado de Carção, um medico que morreu ha muitos annos, foi examinar de perto a desordem, e contou-me que um velhote apoplectico, com ares de jarrêta provinciano, estava gritando que Aurora lhe roubara vinte e cinco pintos da algibeira do collete, depois de o ter embebedado com genebra.

O roubado sahira em berros para a rua, e os calcêtas, que trabalhavam no lagêdo arrastando os grilhões, assobiaram-no. Aurora dava gritos de innocente contra a calumnia, e a proprietaria intimava-lhe ordem de despejo immediato. D'ahi a pouco, a ladra era presa pelo cabo de policia, conduzida á regedoria e de lá para o Aljube.

Fui para a chimica do egresso e encontrei o tenente Ribeiro. Contei-lhe o caso que elle me ouviu com os olhos marejados. Depois, pediu-me que commettesse o delicto infando da vigesima quarta falta na aula, e o ajudasse a salvar, se possivel fôsse, aquella enorme desgraçada, visto que elle não queria figurar pessoalmente. Mandou-me ao regedor; que soubesse onde estava o roubado, e lhe restituísse os 12\$000 réis para elle não ser parte á presa.

Que lhe referisse eu a sinistra vida de Gloria para que elle, compadecido, a não mandasse ao tribunal. E que, depois, fôsse eu ao Aljube, e lhe dissesse que, se ella embarcasse no primeiro vapor para Lisboa a procurar o amparo de seu pai, havia quem lhe pagasse as despezas.

Fui ao Aljube ás 3 da tarde. Lá dentro era noite. Gloria estava enovelada a dormir sobre uma enxerga a um canto. Ella tinha sahido, quinze dias antes, de uma enfermaria do hospital de Santo Antonio, quando a sua visinha, mais feliz, era levada, ainda morna, em uma padiola para o theatro anatomico. A devassidão emparceirada com a morte mandaram aquelle esqualido presente ao escalpello da sciencia. Ah ! quantas curvas de musculatura roídas pelo hydrargiro eu retalhei para hoje poder, como testemunha de vista, jurar que o coração é um musculo ôco !

No soalho em que dormia Gloria, parecia que tinha choviscado lama. A enxerga era de uma presa, cujo cão de agua, gordo e muito sujo, dormia aconchegado dos quadris da outra. A dona do cão tinha uma cara cheia de enigmas, accidentada de periosteos cariados, exfoliados, com barbas. Seria uma riqueza craneologica para um Hæckel ou Topinard ; mas para mim era simplesmente uma asneira paradoxal em anatomia comparada. Nunca me esqueceu. Lembra-me sempre da figura indelevel d'aquella mulher, quando nego a blasphema hypothese do Deus de Moisés e do sr. padre Grainha, um Deus que fez á sua imagem e semelhança e — o

que mais é — á sua custa, um typo humano com o perfil divino d'aquelle feitio. Contou-me que estava alli por ter dado uns tabefes n'uma regatona de castanhas cosidas que lhe deitava o raio do olho ao marido, o João do Corgo, um calcêta que andava a cumprir sentença de toda a vida, innocente, por ter ajudado a matar um padre. Innocente ! Como ella qualificava a iniquidade da justiça social com seu marido que matára em collaboração um levita ! Queria talvez que o prêmiassem como quem mata um lôbo.

Com referencia á sua companheira, tambem a julgava innocentissima. Contou-me que se enchera de aguardente até cahir ; e logo á entrada protestára que se havia de enforçar nas grades. Acrescentou, n'uma irritação de quem tem soffrido injustiças exulcerantes, que a pobre da creatura não roubára nada ; que todo o dinheiro que tinha eram seis vintens em prata que comprára d'aguardente.

Entretanto, Gloria ressonava.

Era um bonito exemplar de um cancro roído pelos microbios de fóra, de parçaria com os microzimas de dentro — herança do Paraizo. Isso que alli tresandava era um dos abcessos estercoreaes que genealogicamente nos vieram do ventre primordial de Eva, nossa matriarca. De lá nos deriva — divina Iniquidade ! — esta syphilisação das almas, transmissivel e incuravel a despeito dos varios *Robs* depurantes, *brevet d'invention*, das pharmacias do Vaticano.

Emquanto ella dormia, fui a minha casa que

pegava com o Aljube pelas trazeiras, e rebusquei no estafado colchão de Gloria os vinte e cinco pintos, visto que ella os não tinha em si. Lá estavam em uma bolsa de camurça. Fui com o dinheiro á regedoria, onde compuz o meu primeiro e inedito romance oral, nada auspicioso, contando á auctoridade inflexa que a presa estava innocente, porque o queixoso, antes de se embriagar, escondêra o dinheiro no colchão, e não sabia depois onde o mettêra. O meu romance foi pateado, pelo sorriso do regedor, como inverosimil — desastre que depois me tem succedido com outros muitos romances, inspirados por intuitos menos louvaveis e mais verosimeis. Eu quizera salvar Gloria da imputação de ladra. Em todo caso, o funcionario, lavrado um auto que assignei como apresentante do roubo, embolsou o velho devasso, um negociante de fructa da Penajoia, que me queria dar um pinto de alviçaras, o qual eu rejeitei com um pudor anachronico, arcadiano.

Eu que descera das penedias transmontanas, perfumadas das essencias das mattas altas, vestidas do rosicler das auroras, da purpura vespertina dos crepusculos, de moitas de rosmanninhos, e resvalára á sargêta da rua Escura, fui como um archaico *Thesouro de Mentnos*, cahido no enxurdeiro e focinhado por aquelle cerdo da Penajoia; ou, melhor comparado, era o nenuphar solitario, a impolluta nymphaea do pantano portuguez de 1845.

Quando voltei ao Aljube estava ella muito atordoada, n'uma bestificação, a queixar-se de

fome, porque não comia desde a vespera, e o alcool causticava-lhe as mucosas. Fui á estalagem da rua de S. Sebastião, alli ao pé, e mandei-lhe o jantar. Comeu pouco e não quiz vinho. Pediu genebra que lhe não dei. Ao anoitecer, chegou um quadrilheiro com a ordem da soltura. Acompanhei-a ao seu segundo andar. Ella olhava muito pasmada para o colchão que ainda tinha parte dos intestinos de retraço de palha moída por fóra da abertura; mas não fez alguma reflexão em voz alta. Propuz-lhe a sahida para Lisboa no dia seguinte, com os meios que o meu amigo lhe liberalisava. Fallei-lhe no perdão do pai, na sua regeneração — fui tocante; e ella, com uma indolencia idiota, e um escancarar de bocca:

— Tanto se me dá como se me deu.

A mulher que, um anno antes, citava Lamartine, Victor Hugo e Sand estava assim estylista: Tanto se me dá como se me deu!

Como aquella senhora se despenhou vertiginosamente até cahir no fôjo immundo de uma devassidão bestialmente suja é phenomeno que só espanta quem não sabe logica, nem conheceu um exemplo. E quem não conhece tres exemplos que o dispensem de encadear os elos da logica?

Eis-me na rhetorica!

Eu não ignoro que esta especie de autopsé em cadáver estampilhado com a infamia que não discutem pessoas que se prezam, é um archaismo, uma subjectividade obsoleta. A escola naturalista estabelece que a comprehensão publica está por tanta maneira salitrada, d'estas podridões que não carece da catechese psychologica para perceber o desabamento.

Pois se entendem como foi que aquelle corpo tábido de D. Gloria chegou assim no enxurro ao ergastulo das ladras, queiram desculpar esse pedaço de estylo quartenario, que ahi fica para admiração dos archeologos, como se fôsse um craneo dos *Paraderos* da Patagonia.

Consintam, porém, que eu me imagine, em 1845, na rua Escura, a interrogar o segredo da miseria humana, DEUS, o *Motor Immoveel*, assim chamado por Aristoteles. Como cahiu na esterqueira do aljube das ladras aquella pasta de estrume, o farrapo rôxo das escareas de uma ulcera cancerada que, uma só vez, Jesus, com os seus olhos abrasadores de fogo divino, pudera cauterisar no peito da meretriz de Magdala? Para resgatar uma judia formosa e dissoluta das presas avelludadas da lascivia oriental, foi preciso um ente ultra-humano; e, para esse bom exito, fez-se mister que o Deus — mais conhecido entre as familias pelo *Padre Eterno* — baixasse da sua metaphysica immaterial ao anthropoide, encorporando-se n'um gentil nazareno; aliás, talvez não fizesse nada — palpita-me. Um Deus extreme, categoria ideal incomprehensivel, sem mescla de homem, com

uma organização desconhecida aos biologos, não vingaria, com todo o seu *mise en scène* de trovões e relampagos, infiltrar contricção no peito d'aquella mundana, calafetado pelos beijos dos tetrarcas, dos pretores e dos opulentos chatins da Assyria. É bem notorio que os feios cornudos diabos do vicio, dispersos no ambiente, muito familiares com os costumes de planetas, cometas, meteoros, etc., e *blasés* em trovoadas, não largam as suas victimas, ainda que a faisca electrica de um corisco lhes queime aquella parte do cavallo morto a que o anexam portuguez deita a cevada. O diabo tem a enorme força que Deus lhe deu sobre a nossa fragilidade. Nós somos a pluminha volatil da pomba redemoinhando vertiginosamente nas convulsões de uma tromba terrestre. Fez-se, portanto, mister a humanidade gentilissima de Jesus, adoravel na sua vida casta e na sua indulgente misericordia com as peccadoras, para reduzir aquella á honestidade. Elle tinha escripto com o dedo na poeira da praça a sentença absolutoria d'uma adultera. Além d'isso, o valoroso galileu atagantara com umas disciplinas de esparto as costas da quasi sempre respeitavel classe commercial, que armara vitrines de modas e confecções no templo. Seria alli que provavelmente a espaventosa Magdalena, com grandes usuras, e talvez a gis, ou á custa de meiguices fraudulentas, comprára as suas pompas — a escarlata persica dos seus mantos roçagantes, as meadas de perolas de que ennastrava as suas tranças loíras, e as essencias aromaticas com que un-

gira, a despeito de Judas, os pés do mavioso acariciador das creanças innocentes, e juiz compadecido das filhas de Jerusalem iscadas da corrupção romana.

Creio na conversão de Maria Magdalena; porém a de santa Maria Egyptiaca e das tres santas Margaridas, uma de Cortona, outra do *Fausto*, e a terceira de appellido *Gauthier*, essas são fallacias de agiologos e dramaturgos.

\*

A filha do Cavalleiro de Christo, esposa do ex-almoxarife, foi para Lisboa, decentemente trajada, em beliche de 1.<sup>a</sup> classe. Carlos Ribeiro hypothecára talvez o seu soldo de seis mezês. Se me dessem a escolher, eu preferiria ter praticado este acto a ter feito a descoberta do *Anthropopithecus Ribeiroii*.

\*

Em 1845, ao deixar o Porto e a chimica para ir jurar bandeiras na bohemia de Coimbra, despedi-me de Carlos Ribeiro e nunca mais o vi. Trinta e sete annos de separação absoluta como exordio da eternidade!

Pois que as nossas pesquisas paleontologicas eram em mundos diversos, nunca mais nos encontramos. Olhavamos as cumiadas de montanhas em horisontes oppostos: elle — para o acume da Sciencia, a desvendar os segredos do

genesis ; eu — para a Arte, a subjectividade esteril. O archeologo, pelo pregão dos mestres europeus, assumiu a eminencia ; depois, morreu ; mas está na posse da immortalidade. Bem boa coisa. Emquanto eu, graças á magnanima concessão dos meus patricios letrados, estive toda a vida, ao sopé da montanha alcantilada, a descrever coisas feitas pessoas por essas terras quentes dos Brazis, onde ha fermentações, e avatar e os transformismos darwinistas como em nenhuma outra fauna.

A este rude caboucar de um terço de seculo, devo eu — ó celestiacs bebedeiras de gloria ! — a exultação atordoante de me vêr, aqui ha dias, conceituado em certa gazeta da capital como *romancista conhecido*. Li-o em letra redonda e resisti á apoplexia do jubilo. « Roman-cista » *tout court* era já uma apotheose hyperbolica ; porém, de mais a mais « conhecido », isso transcende os extasis de uma idolatria catholica, que me colloca na jerarchia litterata de S. Cypriano, de Santo Athanasio e d'outros Santos Padres romancistas mystagogos maiores da marca. Mas, visto que assim o querem, este culto pagão muito me penhora. Pois bem ! Quando um plumitivo arrojado, sovando aos pés os conspiradores do silencio, trepa até não ser de todo desconhecido no Chiado — 5.<sup>a</sup> essencia de Babylonia com perfumes de Marrocos — esse petulante genio não transporá as fronteiras da modestia, se almejar as doidas delicias de ouvir, um bello dia, nomear a sua pessoa conhecida no não menos conhecido Poço do Borratem.

Pois é verdade : eu, como novellista, descobri mais anthropoides do que elle como geologo. Mas faz penna que eu não procurasse enseo de pedir aos setenta annos do general as recordações do tenente.

Quanto a Gloria que, por uma inconsciente zombaria de si mesma, ao atufar-se na noite caliginosa da miseria e da infamia anonyma, se chamára *Aurora*, se isto fôsse um romance, póde ser que eu, n'esta idade propecta, ainda tivesse explosões de fantasia rara para fazel-a morrer de alcoolismo, no catre do hospital, para onde a levaram esfrangalhada, mordida pelos cães vadios, apupada pelos gaiatos, sovada pelos pontapés da guarda-municipal, espumando gromos de sangue nos ultimos vomitos da aguardente.

Mas eu não sei como, nem quando ella morreu ; nem sei se é viva e se está na quinta dos seus avoengos restaurando com capilés e agua de Lourdes o estomago e os erros da sua mocidade.

\*

Este episodio da mocidade do douto general, se eu o contasse ha trinta annos, teria os recortes, os matizes e filigranas idealistas da poesia que ainda n'essa epoca de transição enfeitava as suas dissecções nauseabundas das paixões animaes. Todo analysta da vida e da morte vestia umas luvas brancas quando expunha sobre a sua banca de trabalho uma peça anatomica,

um coração para descoser, e sahia com as luvas sem nodoa. Era isso um grande mal. O romantismo poetico inflorava as putrefacções com côres e subtilezas taes de pétalas e aromas que, em vez da repulsão pelo pôdre, punha nas cabeças azoadas as vertigens dos abysmos. Essa perversa missão da Poesia soffreu o exterminio de todos os flagellos que estão ao alcance desinfectante e hygienico da Sciencia. Pouquissimos e esporadicos são já os poetas no termo genuino de « deturpadores da realidade ». Os que ainda rimam, deteriorando a verdade experimental com embustes methaphysicos são uns atavismos que fazem lembrar, na sociedade actual, as aberracões genesicas que remontam o homem á torpeza selvagem da Australia e á civilisação refinada da Roma de Juvenal, e da Grecia de Anacreonte. Essa chaga insanavel da besta humana esvurmará sempre a sua peçonha já em brochuras, já nas partes da policia por ultrajes á veneranda Moral — uma velhinha tão trôpega que, assim que lhe embarram, cæe no asphalto, e entra a gritar pelo habil Antunes e por outros habeis que não ganhariam a sua vida officialmente gloriosa, se a Moral fôsse mais acatada e menos atacada. O leitor, se é uma especie de habil Antunes da vernaculidade, seja indulgente com este jogo de vocabulos que tambem é um ataque desmoralizado á lingua.

Quanto ao poeta scientifico, genial, racionalista, concluida que seja a sua obra de sapa e a ultima batalha dada aos deuses, esse tem de desaparecer como inutil, e ridiculo como

um archaismo. Ainda hontem, na França, Eugène Véron, no seu livro de ESTHETICA, escreveu que *tout le monde, sauf les idiots, est poète*. A condicional *sauf*, poderia excluir muitos poetas nossos conhecidos; mas Véron inverteu paralogicamente a excepção em regra. Elle, se fôsse um digno interprete da Sciencia implacavel, deveria ter escripto: *Ninguém é poeta, excepto os idiotas*.

---

№ 2410 - II

ERMIDA DE S. BRÁZ - EVORA-

